



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

DO FIO DA NAVALHA DE WITTGENSTEIN:
O INTANGÍVEL LIMITE ENTRE A LINGUAGEM E A REALIDADE NO
TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS

Thiago Andrade Macedo

João Pessoa, agosto de 2024

Thiago Andrade Macedo

**DO FIO DA NAVALHA DE WITTGENSTEIN:
O INTANGÍVEL LIMITE ENTRE A LINGUAGEM E A REALIDADE NO
*TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS***

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Filosofia,
da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento às exigências finais
para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Candida Jaci de Sousa Melo

João Pessoa, agosto de 2024.

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA DO(A)CANDIDATO(A) THIAGO ANDRADE MACEDO.

Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro, às 14h:00min, por videoconferência da Plataforma Google Meet, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora constituída para examinar a Dissertação de Mestrado do mestrando **Thiago Andrade Macedo**, candidato ao grau de Mestre em Filosofia. A Banca foi constituída pelos professores: Dr^a Candida Jaci de Sousa Melo (Presidente–UFPB), Dr. Anderson D’Arc Ferreira (Examinador Interno ao Programa –UFPB), e Dr^a Eleonoura Enoque da Silva (Examinadora Externo à Instituição – UNICAP). Dando início à sessão, a Professora Dr^a Candida Jaci de Sousa Melo, na qualidade de Presidente da Banca Examinadora e orientadora do candidato, fez a apresentação dos demais membros e, em seguida, passou a palavra ao mestrando **Thiago Andrade Macedo** para que fizesse oralmente a exposição de sua Dissertação, intitulada: **“DO FIO DA NAVALHA DE WITTGENSTEIN: O INTANGÍVEL LIMITE ENTRE A LINGUAGEM E A REALIDADE NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS”**. Após a exposição do candidato, ele foi sucessivamente arguido por cada um dos membros da Banca. Terminadas as arguições, a Banca retirou-se para deliberar acerca da defesa da Dissertação apresentada. Após um breve intervalo, o Presidente, Professora Dr^a Maria Candida Jaci de Sousa Melo, de comum acordo com os demais membros da banca, proclamou **APROVADA** a dissertação **DO FIO DANAVALHA DE WITTGENSTEIN: O INTANGÍVEL LIMITE ENTRE A LINGUAGEM E A REALIDADE NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS**, tendo declarado que seu autor, o estudante **Thiago Andrade Macedo** faz jus ao grau de Mestre em Filosofia, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com Regimento Geral da Pós-Graduação, pronunciar-se no sentido da expedição do Diploma de Mestre em Filosofia. O candidato deverá, no entanto, realizar as modificações sugeridas pela banca, no corpo dotexto. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão de Defesa, e eu, Jessica Martins de Oliveira Secretária do PPGF lavrei a presente Ata, que será assinada por mim e pelos demais membros da Banca.

João Pessoa, 30 de agosto de 2024.


JESSICA MARTINS DE OLIVEIRA
SECRETÁRIA DO PPGF

PROF^aDR^a CANDIDA JACI DE
SOUSA MELOPRESIDENTE/UFPB

Documento assinado digitalmente
 CANDIDA JACI DE SOUSA MELO
Data: 01/09/2024 12:47:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DR. ANDERSON DARC
FERREIRA MEMBRO INTERNO
AO PROGRAMA/UFPB

Documento assinado digitalmente
 ANDERSON DARC FERREIRA
Data: 13/09/2024 11:38:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF^a DR^a ELEONOURA ENOQUE DA
SILVA MEMBRO EXTERNO À
INSTITUIÇÃO/ UNICAP

Documento assinado digitalmente
 ELEONOURA ENOQUE DA SILVA
Data: 03/09/2024 07:37:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M141f Macedo, Thiago Andrade.

Do fio da navalha de Wittgenstein : o intangível limite entre a linguagem e a realidade no Tractatus Logico-Philosophicus / Thiago Andrade Macedo. - João Pessoa, 2024.
157 f. : il.

Orientação: Candida Jaci de Sousa Melo. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Filosofia analítica - Linguagem. 2. Linguagem - Método lógico. 3. Limites da linguagem. 4. Wittgenstein
- Filósofo. I. Melo, Candida Jaci de Sousa. II. Título.

UFPB/B

CDU 1(043)

**DO FIO DA NAVALHA DE WITTGENSTEIN: O INTANGÍVEL LIMITE ENTRE A
LINGUAGEM E A REALIDADE NO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS***

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Filosofia,
da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento às exigências finais
para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Candida Jaci de Sousa Melo
(Presidente / Orientadora)

Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira

Prof.^a Dr.^a Eleonora Enoque da Silva

João Pessoa, agosto de 2024.

Dedico esta dissertação a minha muito amada filha
Isabela, motivo da minha luta diária e da minha
abnegação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Candida Jaci de Sousa Melo, orientadora desta dissertação, pela disponibilidade, pela compreensão e pelas inesquecíveis aulas de filosofia analítica da linguagem.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba e às servidoras de sua Secretaria, na pessoa do Prof. Dr. Cristiano Bonneau, coordenador do PPGF, bem como a todos os professores do seu corpo, pelo alto nível das aulas ministradas.

À Prof.^a Dr.^a Eleonoura Enoque da Silva e ao Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira, membros da banca de qualificação deste trabalho, pela inestimável colaboração.

Agradeço ao primo e amigo Prof. Dr. Welber Andrade e à amiga Prof.^a M.^a Lara Sanábria, pela disponibilidade e pelas orientações iniciais do projeto de pesquisa.

Agradeço a minha filha Isabela, minha inesgotável fonte de inspiração e de força para viver; a minha esposa Lara, pela paciência e renúncia ao cuidar de nossa Belinha, nosso bem maior, com indescritíveis zelo e carinho; a minha mãe Wanilda, pelo incentivo e apoio. Vocês são o motivo da alegria de meus dias, preenchidos de resto com o suor do trabalho e com a responsabilidade e dedicação necessárias à conclusão desta dissertação.

Agradeço aos demais familiares e amigos que torceram pelo meu êxito nesta difícil e complexa empreitada.

“Tudo
será difícil de dizer:
a palavra real
nunca é suave.”

Orides Fontela

RESUMO

Nosso objetivo, neste trabalho investigativo, é o de apresentar uma análise crítica da *teoria pictórica da linguagem*, exposta por Ludwig Wittgenstein no *Tractatus logico-philosophicus* – obra seminal que marca a primeira fase do pensamento do filósofo e uma das bases para o desenvolvimento da filosofia analítica da linguagem e da filosofia da mente nas décadas seguintes à sua publicação. O problema filosófico central, nesse intrincado contexto, é estabelecer qual seria o limite real entre linguagem e mundo, esclarecendo o papel que essa relação pode ter em nossa compreensão da realidade. Dentro dessa perspectiva, explanaremos a tese do *isomorfismo* – que pretende estabelecer os limites entre linguagem e realidade - no universo da *teoria pictórica da linguagem*. Seguindo esse norte de pesquisa, a questão crucial a ser delineada é saber se os enunciados do tipo declarativo, isto é, as asserções, são suficientes para retratar toda a realidade. Pretendemos tratar da distinção entre o *dizer* e o *mostrar*, na ótica tractariana, que serve para demonstrar o domínio do que pode ser *dito* e o domínio do que pode ser apenas *mostrado* através da linguagem, além de comentarmos sobre a tarefa da filosofia, proposta pela obra. Em seu propósito de delimitar o alcance da linguagem, em sua relação com o mundo, com uso do *método lógico*, Wittgenstein impõe, de igual forma, limites ao pensamento e à experiência. Em decorrência disso, surgem aporias e questionamentos envolvendo a essência do *Tractatus*, os quais procuraremos esmiuçar e debater ao longo do corpo do texto. Intentaremos lançar contrapontos críticos a algumas das principais teses da obra que tratam da afiguração da realidade pela linguagem, apontando possíveis lacunas, deslizos e contrassensos, além de comparar diferentes pontos de vista de intérpretes e comentadores do livro, ressaltando sua extrema importância para a virada linguística e o desenvolvimento da filosofia analítica da linguagem, da filosofia da mente, da filosofia da ciência e outras áreas do conhecimento. Buscaremos mostrar, também, as influências recebidas pela obra e quem ela posteriormente influenciou, comparando-a com o segundo momento da produção filosófica do autor. Fazendo isso, esta dissertação objetiva contribuir para uma compreensão mais profunda da interação entre linguagem e realidade na filosofia de Wittgenstein.

Palavras-chave: Wittgenstein. Método lógico. Linguagem. Limites da linguagem. Limites do mundo. Filosofia analítica da linguagem. Virada linguística.

ABSTRACT

Our objective, in this investigative work, is to present a critical analysis of the *pictorial theory of language*, exposed by Ludwig Wittgenstein in the *Tractatus logico-philosophicus* – a seminal work that marks the first phase of the philosopher's thought and one of the bases for the development of philosophy analysis of language and philosophy of mind in the decades following its publication. The central philosophical problem, in this intricate context, is to establish what the real limit between language and the world would be, clarifying the role that this relationship can have in our understanding of reality. Within this perspective, we will explain the thesis of *isomorphism* – which aims to establish the limits between language and reality – in the universe of the *pictorial theory of language*. Following this direction of research, the crucial question to be outlined is whether declarative statements, that is, assertions, are sufficient to portray all reality. We intend to deal with the distinction between *saying* and *showing*, from a Tractarian perspective, which serves to demonstrate the mastery of what can be *said* and the mastery of what can only be *shown* through language, in addition to commenting on the task of philosophy, proposed by work. In his purpose of delimiting the scope of language, in its relationship with the world, using the *logical method*, Wittgenstein imposes, in the same way, limits on thought and experience. As a result, aporias and questions arise surrounding the essence of the *Tractatus*, which we will seek to scrutinize and debate throughout the body of the text. We will attempt to launch critical counterpoints to some of the main theses of the work that deal with the representation of reality through language, pointing out possible gaps, mistakes and contradictions, in addition to comparing different points of view of interpreters and commentators of the book, highlighting its extreme importance for the turning point linguistics and the development of analytical philosophy of language, philosophy of mind, philosophy of science and other areas of knowledge. We will also seek to show the influences received by the work and who it subsequently influenced, comparing it with the second moment of the author's philosophical production. In doing so, this dissertation aims to contribute to a deeper understanding of the interaction between language and reality in Wittgenstein's philosophy.

Keywords: Wittgenstein. Logical method. Language. Limits of language. Limits of the world. Analytical philosophy of language. Linguistic turn.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 GÊNESIS DA OBRA	21
2.1 Contexto histórico	21
2.2 Objetivo do <i>Tractatus</i>	30
2.3 Influências recebidas em sua parte lógica	45
3 TRACTATUS: MODO DE USAR	61
3.1 A estrutura do <i>Tractatus</i> : teses fundamentais e desdobramentos	61
3.2 A estrutura do mundo segundo o <i>Tractatus</i> : objetos, fatos, estados de coisas e polêmica acerca da natureza dos objetos tractarianos	63
3.3 A estrutura da linguagem segundo o <i>Tractatus</i> : o <i>isomorfismo</i> , a <i>teoria pictórica</i> e a <i>teoria da afiguração</i>	70
3.4 Das tautologias às contradições: intervalo de incidência de existências e inexistências de estados de coisas	82
3.5 Sentido das proposições da ciência natural <i>versus</i> sentido das proposições ordinárias: diferentes eixos interpretativos	89
4 ASPECTOS IMPONDERÁVEIS DA LINGUAGEM	93
4.1 O <i>dizer</i> e o <i>mostrar</i> : o recorte da realidade operado pelo <i>Tractatus</i> e os limites da linguagem	93
4.2 O aspecto místico do <i>Tractatus</i> : influências recebidas e seu sentido ético e transcendental	100
4.3 O solipsismo: o sujeito enquanto limite do mundo	115
5 CONTRASSENSOS, CRÍTICAS E MUDANÇA DE PERSPECTIVA	120
5.1 Aporias e incongruências no texto tractariano sob a ótica da lógica ilocucionária	120
5.2 Outras aporias e impasses da obra e críticas a ela tecidas sob outros pontos de vista	132
5.3 Mudança de concepção dos limites da linguagem: rumo ao “segundo Wittgenstein” e influência exercida por sua crítica da linguagem	138
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

1 INTRODUÇÃO

Ao final de seu único livro escrito em vida¹, Ludwig Wittgenstein achou que tinha resolvido todos os problemas da filosofia², utilizando como instrumento, ao delimitar a relação entre linguagem e realidade, o *método lógico* - uma espécie *grosso modo* de “Navalha de Ockham” -, que livraria o pensamento do que ele achava desnecessário. Não foi por acaso que a última e a mais famosa sentença do *Tractatus logico-philosophicus*, escrito nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, arrematava: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.”³ Dito isso, o pensador austríaco naturalizado britânico abandonou a filosofia e foi se dedicar a outras atividades.

Até que enfim, após um hiato de uma década de silêncio, ele voltaria a Cambridge em 1929. Por que ele desobedeceu à última proposição do *Tractatus* e não permaneceu em silêncio? Ao longo desta pesquisa, procuraremos dar uma resposta a um questionamento que, anos depois, não manteria Wittgenstein silente: haveria mesmo um limite palpável entre linguagem e realidade?

Destarte, **o fio condutor de nossa empreitada** será a discussão crítica acerca da adequação lógica da estrutura da linguagem à estrutura ontológica do real. Essa é a característica indeclinável da **teoria pictórica da linguagem - base teórica contida no plano central de desenvolvimento** da linha argumentativa da obra filosófica ***Tractatus logico-philosophicus*, livro fundamental para o enfoque da primeira fase do pensador vienense**. É patente que Wittgenstein foi um dos filósofos analíticos mais importantes do século passado, dada a variedade e originalidade de seu pensamento. Nesse sentido, o *Tractatus* serviu de alicerce para o

¹ Segundo Júnior (2017, p. 27), outros escritos publicados pelo filósofo enquanto ainda em vida foram: “(1) uma resenha do livro *The Science of Logic*, de P. Coffey, em 1913; (2) um dicionário de ortografia para uso em escolas primárias, chamado *Wörterbuch für Volksschulen*, em 1926; (3) um artigo intitulado ‘Some remarks on logical form’, publicado nas atas da sessão anual conjunta da *Aristotelian Society* e da *Mind Association*, à época, o simpósio de filósofos mais importante da Grã-Bretanha, realizado em Nottingham entre 12 e 15 de julho de 1929; (4) uma carta ao editor da *Mind*, em 1933.”

² Com uma boa dose de ironia, Glock (2011, p. 42) comenta: “Com envolvente modéstia, Wittgenstein achava que o *Tractatus* tinha solucionado os problemas fundamentais da filosofia e abandonou o assunto após sua publicação.” Sobre a mesma temática, escreveram também Giovanni Reale e Dario Antiseri, em sua monumental **Coleção História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, sete volumes [Trad. de Ivo Storniolo], v.6, p. 312.: “No *Prefácio ao Tractatus*, Wittgenstein escrevia que ‘a veracidade das ideias aqui transmitidas é intocável e definitiva’ e pensava ‘ter, no essencial, resolvido definitivamente os problemas’. Por conseguinte, Wittgenstein calou-se.”

³ WITTGENSTEIN, 1993, § 7, p. 261.

desenvolvimento da filosofia analítica da linguagem e da filosofia da mente nas décadas seguintes à sua publicação.

Por conseguinte, é imperioso observar que, com o advento da lógica simbólica moderna e do exame lógico das proposições linguísticas, o tema da análise lógica dos discursos sobre a realidade atinge o seu ápice. Através do desenvolvimento de sete teses fundamentais em sua obra inicial, o jovem Wittgenstein, profundamente influenciado pelo arcabouço teórico dos filósofos Gottlob Frege e Bertrand Russell, com o uso do *método lógico*⁴, procura estabelecer um liame muito forte entre o discurso e o real, com a finalidade de definir o alcance da linguagem, expressão por meio da qual o pensamento descreve a existência concreta e seus fatos, ou seja, estados de coisas que são uma ligação entre objetos.

À vista disso, a partir do momento em que o texto tractariano, em sua visão crítica, delimita o alcance da linguagem no tocante ao real, impondo limites ao pensamento e à experiência, distinguem-se **algumas aporias e questionamentos** em torno dos instrumentos e métodos por ele utilizados, ao buscar estabelecer seu projeto de aplicação da filosofia para corrigir confusões conceituais da própria filosofia, mudando, dessa maneira, o enfoque sobre o pensamento, bem como a abordagem da lógica, da ética, da estética, da metafísica, por meio do que pode, em suas palavras, ser apenas mostrado, e não dito.

Desse modo, ao propor o acesso à realidade, em tese, através do pensamento⁵ e da linguagem que a exprimem, Wittgenstein intenta realizar um casamento entre lógica e ontologia. Dentro desse contexto, divisam-se variadas inquietações envolvendo a essência do *Tractatus*, permeada por sua concepção figurativa da linguagem em um eixo lógico-ontológico, que irá desembocar, ao final das reflexões propostas pela obra, em definições e ilações éticas, estéticas e metafísicas.

⁴ Consoante Glock (1998, p. 45), eis um conceito preciso de método ou análise lógica: “trata-se do processo pelo qual se identificam os componentes de uma proposição, pensamento ou fato, e também o modo de combinação desses componentes (sua forma lógica).” No primeiro capítulo desta pesquisa, faremos uma abordagem mais detalhada dessa temática.

⁵ Na abordagem de Wittgenstein, no *Tractatus*, o pensamento – “Gedanke” – não está ligado ao psicologismo, que já é uma acepção muito posterior, dentro do contexto da filosofia da mente. Note-se que, seguindo os passos de Gottlob Frege, o filósofo vienense adota uma postura marcadamente antipsicologista e busca uma abordagem objetiva da lógica. Portanto, há que se considerar que ele trata o termo “pensamento” com o sentido de ser uma proposição, na esfera de seu painel da tríade pensamento, linguagem e mundo.

É de se registrar que é incontestável que Wittgenstein despertou polêmica e as mais variadas interpretações em parte considerável de seus exegetas, devido, em boa medida, ao estilo oracular de sua obra inicial e à continuidade de seu trabalho – mais conhecido como “segundo Wittgenstein” ou “Wittgenstein tardio” -, que muitas vezes pareceu refutar as principais teses do *Tractatus*, sendo, consoante Cabrera⁶ (2003, p. 66), “um filósofo suficientemente rico (ou suficientemente vago e impreciso) a ponto de sobre ele recaírem múltiplas interpretações”⁷.

De fato, o caráter complexo, fragmentário e ametódico de seu pensamento exige muito engajamento e participação do leitor, tanto que, no prefácio ao *Tractatus*, o próprio Wittgenstein (1993, p. 125) assevera: “Este livro talvez seja entendido apenas por quem já tenha alguma vez pensado por si próprio o que nele vem expresso – ou, pelo menos, algo semelhante.” De mais a mais, sobre as táticas heurísticas das quais se vale o *Tractatus*, Pinto⁸ (1998, p. 275) vaticina: “Assim, podemos dizer que, do ponto de vista argumentativo, a obra do jovem Wittgenstein apresenta uma série de teses que vão claramente contra a opinião dominante de sua época.”

Portanto, é a partir desse intricado e labiríntico cenário - que define a linguagem como figuração do mundo - que parte nossa análise crítica, levando-nos a variadas reflexões e investigações, as quais, por sua vez e por via de regra, irão nos direcionar ao feixe central de nossa temática. Nessa linha de pesquisa, entreveem-se **indagações essenciais**: qual o verdadeiro sentido das teorias contidas no *Tractatus* acerca da linguagem e suas relações com o real?; a percepção de mundo, defendida

⁶ Registre-se que, muito embora este trabalho tenha por norte a abordagem lógica e analítica da linguagem, traremos à baila opiniões de autores que mesclam outras vertentes, como Julio Cabrera, argentino naturalizado brasileiro e professor da UnB, que oferece visões interessantes e inovadoras, no capítulo I de sua obra **Margens das filosofias da linguagem**: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. Na introdução do seu referido livro, p. 14, já se observa sua estratégia crítica: “Parto da perspectiva de que se deve considerar como ‘filosofia da linguagem’ tudo aquilo que os filósofos pensarem e desenvolveram em termos de reflexão sobre a linguagem, seja qual for a sua perspectiva e sua metodologia de acesso (analítica, hermenêutica, fenomenologia, filosofia transcendental, críticas de ideologias, psicanálise).” E, em seguida: “A minha ideia é que essas questões são mais bem visualizadas não dentro de uma única perspectiva, mas na confluência de várias delas.”

⁷ A vagueza e a imprecisão, em diversos pontos da obra wittgensteiniana, também são apontadas, de forma crítica, por vários de seus comentadores e hermeneutas, entre os quais podemos destacar Hans-Johann Glock, cujo o já citado livro **Dicionário Wittgenstein** é referência sobre o pensamento do filósofo.

⁸ Destaque-se, outrossim, como já dito, que apresentamos, neste trabalho, opiniões de autores ligados a outras tradições não necessariamente ligadas à lógica e à filosofia analítica da linguagem, como o Prof. Dr. Paulo Roberto Margutti Pinto, da UFMG, mais enquadrado na tradição da hermenêutica e da nova retórica, oferecendo, em sua obra **Iniciação ao silêncio**: análise do *Tractatus* de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998 [Coleção Filosofia], um olhar bastante pertinente sobre as técnicas argumentativas do “primeiro Wittgenstein”.

na obra, aliada às ferramentas lógicas e ontológicas nela delineadas, é suficiente para abarcar toda a realidade a que se propõe delimitar?; dada a sua missão de crítica da linguagem como objetivo filosófico, o *Tractatus* não estaria reduzindo seu campo ontológico, recortando, como propõe o título deste projeto, a própria realidade, ao fazer a equivalência entre a estrutura lógica das proposições linguísticas com a estrutura ontológica do mundo?; por fim, seria de fato possível - e correto – determinar um limite entre o mundo e a linguagem, no contexto desta assumir, de forma categórica, o papel de descrever estados de coisas, fatos e eventos da realidade?

Salientemos que, no denso texto tractariano, as relações entre o mundo e a linguagem são extremamente complexas. Consequentemente, abrindo outro leque de perquirições, descortinam-se **novos desafios na empreitada, com o fito de interpretar e criticar o aspecto central de nosso estudo**. Ao tentar clarear a realidade, baseado na tese de que há uma má compreensão da linguagem ou uma espécie de aporia conceitual quanto ao entendimento da linguagem, Wittgenstein não estaria reduzindo a estrutura do pensamento, que se manifesta através da própria linguagem, a uma mera função descritiva do real? E onde se encaixam, dentro de toda essa interpretação original do mundo, o *dizer* e o *mostrar*, além do sentimento “místico”, acepções wittgensteinianas dos limites da linguagem em sua função descritiva? Seria a lógica de fato a essência do mundo, ou seja, uma “imagem especular do mundo”?⁹ E como as proposições da lógica, verdadeiras ou falsas, não explicam as relações linguísticas além de sua função descritiva do real?

Sob essa visão exegética, se o papel da filosofia se limita apenas a clarificar o pensamento humano e a linguagem, qual seria a razão de ser de outras ciências humanas e sociais? Como delimitar o objeto de pesquisa dessas ciências, uma vez que não fazem descrições *ipsis litteris* da realidade, como o fazem as ciências naturais? Ao tentar rechaçar explanações filosóficas baseadas na subjetividade – boa parte delas derivadas da *res cogitans* cartesiana -, com o intuito de franquear o acesso ao mundo através do pensamento e da linguagem que o exprime, não estaria Wittgenstein caindo também nas armadilhas do solipsismo? E, por fim, indo bem mais além, sob o prisma do “primeiro Wittgenstein”, será que podemos encontrar respostas para o sentido da vida e do mundo no próprio mundo concebido pelo *Tractatus*?

⁹ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.13, p. 245.

Seguindo nossa investigação, anote-se que tais inquietações surgem quando o pensador vienense, como veremos mais à frente, assevera que nós concebemos representações dos possíveis estados de coisas da realidade dada, e as representações que têm sentido são unicamente as proposições da ciência natural. Nesse contexto, a filosofia não seria uma ciência natural, portanto não seria também uma doutrina, mas tão somente uma atividade, ou seja, uma atividade que esclarece a adequação entre nossas proposições e as coisas nelas representadas.

Dessa forma, a partir desse conjunto de indagações, serão desenvolvidas nossas análises, com o fito de atingir a delimitação do real pela linguagem, abrangendo vários aspectos explorados pelo universo tractatario, quais sejam: **a estrutura do mundo; a estrutura da linguagem; a teoria pictórica, o dizer e o mostrar, o místico**, sendo este último o campo do **inefável**, onde Wittgenstein situa a Lógica, a Ética, a Estética e a Religião.

Em face do exposto, muito embora a ciência represente projetivamente o mundo, além da ciência e do mundo, há, por outro lado, todavia, o inexprimível. E ele apenas se mostra, sendo aquilo que é místico, ou seja, não é como o mundo é, mas o que ele é. Assim, o sentido do mundo deve encontrar-se fora dele, como veremos mais adiante, ao longo desta pesquisa. São profundas e complexas as sentenças da “parte mística” do *Tractatus*, recebendo influências do pensamento de Platão, Agostinho, Tomás de Aquino, Kant, Schopenhauer, Kierkegaard, entre outros. Pela racionalidade lógica, pois, segundo Wittgenstein, o absoluto ou o transcendente são impensáveis, indescritíveis, impenetráveis. O acesso a tais realidades, não é franqueado pela via discursiva, pela linguagem, mas tão somente pelo “sentimento místico”.

Logo, todo esse emaranhado de questionamentos, por fim, é essencial para chegarmos ao **cerne do tema que abraça a linha de raciocínio do *Tractatus***, qual seja, a relação entre o pensamento e sua expressão básica – a sua estrutura linguística – e a realidade, com uma possível delimitação desta, sem deixar de lado, de igual modo, a análise crítica da missão fulcral da filosofia, em todo o contexto da *teoria da afiguração* no universo da linguagem, que é a aplicação prática da *teoria pictórica da linguagem*.

Insta-se frisar que essa perspectiva é abraçada pelo título de nosso projeto, ainda que em forma de trocadilho, dentro da temática de busca pelo verdadeiro

sentido da filosofia, como bem pontua Hadot¹⁰ (2014, p. 51), de forma categórica, ao interpretar no *Tractatus* a referência a Ockham:

A filosofia é um mau uso, uma doença da linguagem que engendra pseudoproblemas e pseudoproposições, proposições desprovidas de forma lógica que não determinam um estado de coisas possível porque pecam contra a gramática lógica. Para dizer a verdade, o próprio manejo do simbolismo lógico pode ser a causa desses pseudoproblemas e desses pseudoconceitos. Será preciso aplicar com rigor a regra de Ockham: “Um signo do qual não se tem necessidade (ou um signo que não é utilizado) é um signo que não tem significado. Esse é o sentido da navalha de Ockham” (3.328; cf. 5.47321).

Reconheçamos que **a pertinência temática é robusta**. É incontestado que a produção acadêmica sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein é bastante volumosa, não apenas no que tange à sua primeira fase, a do *Tractatus logico-philosophicus*, como também quanto ao chamado “segundo Wittgenstein”, que abrange principalmente suas *Investigações filosóficas*. Há uma série de abordagens sobre pontos específicos de sua obra, envolvendo aspectos de filosofia analítica da linguagem, bem como de filosofia da mente; no entanto, pensamos que, no eixo argumentativo tractatário, ainda é possível contribuir com intervenções pontuais e análises críticas acerca dos dilemas e aporias surgidas no processo da delimitação do real a partir do exame lógico dos enunciados da linguagem.

Assim sendo, em que pese o tema já ter uma investigação ampla, por seu grau de relevância - sendo fundamental para uma compreensão mais precisa e acabada de toda a obra de Wittgenstein, dentro de uma perspectiva holística -, **é pertinente lançar novos olhares sobre questões já debatidas, porquanto uma ou outra lacuna poderá surgir e outras pesquisas também poderão ser encetadas**. A labiríntica sondagem lógica de Wittgenstein acerca da linguagem e seu alcance ratifica nossas intenções de pesquisa, o que é atestado por uma indagação que nos perseguirá ao longo desta jornada: até que ponto o corte da realidade empregado pela navalha wittgensteiniana foi exitoso e suficiente para se compreender a relação entre o mundo da linguagem e o mundo dos fatos?

¹⁰ Pierre Hadot (1922-2010), filósofo e historiador da filosofia, foi professor honorário no Collège de France. Eminentemente especialista em filosofia antiga, foi também um dos pioneiros, na França, a escrever sobre Wittgenstein, então desconhecido, em uma série de artigos publicados entre de 1959 a 1962. Sua obra **Wittgenstein e os limites da linguagem** é de suma importância para a nossa pesquisa.

Desse modo, em sendo a figuração lógica dos fatos o pensamento, isto é, a proposição com sentido, a realidade estaria perfeitamente enquadrada nessa perspectiva? Haveria, de igual forma, espaço para discussões éticas, estéticas, metafísicas, religiosas etc. nesta afiguração do mundo? O segundo momento da filosofia de Wittgenstein seria, *mutatis mutandis* - levando-se em conta, outrossim, o que foi produzido por outros pensadores por ele influenciados, dentro da lógica, da epistemologia, da filosofia analítica da linguagem e em outras áreas -, uma continuidade ou uma retificação do *Tractatus*? Ou, então, seria, como alguns intérpretes sugerem, ao que tudo indica, uma ruptura com todo o ideário tractatario?

Nessa conjuntura, portanto, no desenvolvimento e resultado final de nossas observações, postula-se não apenas interpretar e analisar a ideia central do *Tractatus*, especialmente contida na *teoria pictórica da linguagem* - ou esmiuçar seus principais pontos, algo que já é bastante cediço em trabalhos anteriores sobre o “primeiro Wittgenstein” -, mas também fazer um contraponto crítico a algumas das principais teses do livro que tratam da afiguração da realidade pela linguagem. Haveremos, por conseguinte, de **apontar algumas possíveis lacunas, deslizos e contrassensos**, bem como **comparar diferentes pontos de vista de hermeneutas da obra**, sempre ressaltando, contudo, a extrema relevância do *Tractatus* para a filosofia contemporânea.

É **nosso propósito**, ao fim do trabalho, ter contribuído para o esquadramento de novos ângulos de análise e questionamentos da filosofia de Wittgenstein, contribuindo para uma melhor fundamentação do tema. Nessa condição, buscaremos apresentar algumas respostas e estudos mais recentes, de diferentes tradições filosóficas, acerca da obra tractatária no tocante à teoria do significado, em seu aspecto semântico, além de intentarmos lançar discussões sobre questões decerto ainda não tão devassadas, no contexto do “primeiro Wittgenstein”.

Em suma, diante do que foi exposto, pode-se delinear que o problema filosófico abordado nesta obra investigativa se refere à questão de como a linguagem pode representar a realidade e quais são os limites dessa representação. Nessa linha de raciocínio, o **tema central** é a relação entre linguagem e realidade proposta no *Tractatus*, ou seja, o modo como Wittgenstein concebe a estrutura da linguagem e sua capacidade de representar o mundo real. Em conclusão, a **hipótese de trabalho** sugere que Wittgenstein estabelece um limite fundamental entre o que pode ser dito

com sentido (o que pode ser expresso na linguagem) e o que está além dessa capacidade expressiva (o intangível), revelando que há aspectos da realidade que são intrinsecamente inefáveis e só podem ser *mostrados*, não podendo ser *ditos*.

Por conseguinte, **nosso objetivo mais abrangente** é analisar criteriosamente o *Tractatus logico-philosophicus*, buscando realizar uma crítica à tese do *isomorfismo*, na relação entre a linguagem e o mundo delimitada pela obra, sobretudo a contida na *teoria pictórica da linguagem*. Seriam os enunciados do tipo declarativo considerados por Wittgenstein - em seu intento de produzir uma filosofia analítica da linguagem baseada na lógica - suficientes para englobar toda a realidade? Nessa linha de inquirição, são **ossos objetivos mais específicos**: primeiramente, expor e examinar os variados elementos do *Tractatus* que visam à interpretação do real através da linguagem, quais sejam: a estrutura do mundo, a estrutura da linguagem, a *teoria pictórica*; em seguida, estabelecer as diferenças, dentro da ótica tractatariana, entre o *dizer* e o *mostrar*, identificando os aspectos lógicos e místicos da obra; por fim, demonstrar e deduzir como devem ser entendidos os diversos domínios da linguagem, a partir da crítica tractatariana, bem como aplicar os resultados dessa crítica, assinalando e discutindo a tarefa da filosofia nesse ambiente.

No **primeiro capítulo**, trataremos do contexto histórico da época em que foi produzido o *Tractatus*, enfatizando as transformações sofridas pelo mundo e pela Europa no início do século XX, bem como a atmosfera do cenário da Primeira Guerra Mundial, evidenciando também o objetivo da obra e delineando suas influências recebidas.

No **segundo capítulo**, adentraremos a estrutura propriamente dita do *Tractatus*, como também a estrutura do mundo e da linguagem segundo o livro, demonstrando, nesse seguimento, a chamada *teoria pictórica da linguagem*, o *isomorfismo* e a *teoria da afiguração*.

O **terceiro capítulo**, por sua vez, busca explorar outros conceitos contidos na obra tractatariana, como o *dizer* e o *mostrar*, o “místico” (ou inefável, para alguns intérpretes), o sentido ético e as influências recebidas pelo livro nesse campo, o solipsismo contido no texto, além de analisar o recorte da realidade promovido por Wittgenstein, dentro de uma contextualização de imposição de limites à própria linguagem.

No **quarto capítulo**, expõem-se aporias e impasses contidos na obra, bem como críticas a ela tecidas, inclusive com o suporte teórico de uma das vertentes mais contemporâneas da filosofia analítica da linguagem, a saber, a lógica ilocucionária, ou, mais especificamente, a teoria dos atos de discurso. Ao final, demonstrar-se-á o novo rumo tomado por Wittgenstein em suas investigações acerca da linguagem, bem como nomear-se-á quem a obra influenciou, evidenciando como o *Tractatus* abriu caminho para outras vertentes na filosofia, incluindo, até mesmo, o “segundo Wittgenstein”.

Evidencie-se que nossas **considerações finais** retomam a complexidade e a problemática inseridas nas teses tractatarias, demonstrando as agruras intelectuais de Wittgenstein na concepção de seu ideário e traçando uma visão geral de sua obra, promovendo um cotejo com seu projeto filosófico inicial.

Em tarefa hercúlea, o jovem Wittgenstein pretendeu abarcar, como se lê no final do seu prefácio ao *Tractatus logico-philosophicus*, todos os problemas filosóficos fundamentais. E o que dizer da tentativa de fazer isso em não mais de oitenta páginas de proposições categóricas, rígidas, escritas - em boa parte de seu plano lógico-argumentativo - em uma forma de linguagem quase oracular? Utilizando o *método lógico* de análise de sentenças, é nessa empreitada praticamente suicida - pela busca da essência da proposição¹¹ e pela essência do mundo - que se lança uma mente perturbada por um mundo problemático e contraditório.

Compreendamos que **a filosofia analítica da linguagem surgiu, no final do século XIX, sobretudo como uma reação ao subjetivismo, à filosofia da consciência, ao idealismo hegeliano e ao idealismo empirista**. Foi um movimento filosófico que tomou forma através de reflexões em que a análise da linguagem passou a consistir no método lógico-formal mais congruente com o raciocínio filosófico, em sentido oposto a uma análise direta da consciência (do ser pensante, do sujeito cognoscente) ou a uma descrição exclusivamente empírica de um conjunto de fenômenos (os objetos cognoscíveis). Wittgenstein, em nossa visão, foi um de seus

¹¹ Analisando as obras sobre lógica de Haack (2002) e Mortari (2016), observa-se que há uma gama de divergências entre lógicos e filósofos analíticos da linguagem, no tocante a diferenciações, aproximações de significado ou sinonímia entre “proposição”, “sentença” e “enunciado”. Desse modo, procuraremos, em nosso trabalho, quando nos referirmos, de forma genérica, ao termo “proposição”, identificá-lo também como “sentença” e/ou “enunciado”.

nomes mais emblemáticos, cujos ecos de pensamento reverberam até nossos dias, em diversas correntes e abordagens filosóficas.

Consoante **entendimento de Hacker¹², ao longo de aproximadamente dois milênios e meio, a tradição filosófica ocidental teve como objetivo precípua**, obsessivamente, na maioria de suas inquirições, a **busca pela verdade**, dentro de uma concepção epistemológica assaz dogmática, ou seja, em uma visão de certeza quase absoluta de que tal objetivo poderia ser atingido. Partindo do platonismo e do aristotelismo - e indo em direção ao cartesianismo e ao empirismo britânico, passando pela revolução kantiana - e desaguando no idealismo hegeliano e toda a crítica posterior dele decorrente, as questões filosóficas orbitaram, geralmente, em torno de sondagens acerca da verdade, procurando, dessa forma, fazer acréscimos ao conhecimento humano nos campos da ética, metafísica, ontologia, epistemologia, estética etc.

Wittgenstein, todavia, de maneira muito peculiar, já utilizando o instrumental conceitual da filosofia analítica da linguagem e influenciado por ideias de alguns pensadores anteriormente citados - como Frege e Russell, que passaram a questionar esse “viés dogmático” -, subverteu toda a discussão filosófica até então, centralizando o debate filosófico na análise lógica das relações entre a linguagem e a realidade, ao fazer de seu *Tractatus* um **ponto de encontro entre duas das mais proeminentes tradições filosóficas ocidentais**: de um lado, **a tradição crítica** – a rigor, uma boa parte do arcabouço teórico da filosofia grega clássica, da filosofia medieval, além do pensamento de Hume, Kant, Schopenhauer e Kierkegaard -, **de visão epistemológica** (abarcando os limites do que pode ser conhecido); do outro lado, principalmente, **a tradição lógica** - na esteira de Leibniz, do empirismo britânico, da lógica matemática e de pensadores da chamada “lógica moderna”, como Frege e Russell (explorando mais precisamente o que pode ser dito e como pode ser dito, na fronteira entre o conhecimento e a mera especulação) –, **passando a rediscutir o papel da própria filosofia e seus fundamentos**.

Diante de exposto, na obra que examinaremos a seguir, encontraremos a **confluência e, em muitos casos, a superação, em alguns pontos, do pensamento de vários filósofos antecessores de Wittgenstein, tais como Frege e Russell, na**

¹² Cf. HACKER, 2000, p. 9-10. O professor e filósofo da linguagem e da mente Peter Michael Stephan Hacker tem vários trabalhos sobre a obra de Wittgenstein, mola-mestra de sua produção acadêmica.

esfera lógica, e Kant e Schopenhauer, no campo da metafísica. Amado por muitos e odiado por outros, o *Tractatus logico-philosophicus* é um **livro essencial para se compreender a chamada virada linguística da filosofia analítica.** Que este trabalho possa servir como uma modesta contribuição para o incessante diálogo filosófico em torno dessa questão fundamental – a linguagem e sua relação com o mundo -, oferecendo novas perspectivas e desdobramentos para além do horizonte traçado por comentarista e intérpretes da obra do mestre vienense.

Em síntese, marque-se que é corrente que a sétima e última tese do *Tractatus* desafortunadamente caiu no domínio do senso comum, sendo muitas vezes vulgarizada. Esta pesquisa também é uma tentativa de recuperar o sentido original de tal proposição. Em sua busca incessante pela natureza dos limites da relação entre a linguagem e o mundo, eliminando o que é desnecessário, sob uma ótica ockhamniana, Wittgenstein esteve sob o fio de uma navalha, para o bem e para o mal de sua filosofia.

2 GÊNESIS DA OBRA

2.1 Contexto histórico

Para uma compreensão adequada do *Tractatus*, que não é apenas um marco na filosofia do século XX e na chamada “virada linguística”, mas também um produto de seu contexto histórico, é crucial examinar as **influências intelectuais, filosóficas e culturais** que moldaram o pensamento de Wittgenstein durante o período em que a obra foi concebida e escrita, as **circunstâncias pessoais** do filósofo e os **eventos históricos** que marcaram o início do século passado.

Congruentemente, partindo dessa perspectiva, podemos evocar Schwartz¹³ (2017, p. 47), que assim se referiu ao autor do *Tractatus*:

Wittgenstein é o mais influente e o mais lido e estudado dos filósofos analíticos. (A Biblioteca da Universidade de Cornell lista 452 livros sobre Wittgenstein e apenas 139 para Russell.) Se Frege é o pioneiro e Bertrand Russell o pai da filosofia analítica, os escritos de Wittgenstein constituem a espinha dorsal.

Convém observar que a vida do engendrador da referida obra, objeto de nossa pesquisa, já foi largamente revirada e entoada por seus biógrafos. É cediço um encadeamento narrativo biográfico mais extenso a respeito de Wittgenstein, mas não custa nada aqui rememorar alguns de seus principais acontecimentos, em sua linha cronológica.

De ascendência judaica; descendente de uma das mais importantes e abastadas famílias vienenses; educado até os catorze anos por um preceptor; estudante de matemática, física, engenharia e aeronáutica; discípulo de Bertand Russell em Cambridge; no fim da Primeira Guerra Mundial, prisioneiro dos italianos; mestre de escola elementar, no interior da Áustria, entre 1920 e 1926, após ter renunciado a uma generosa herança quando do falecimento de seu pai; toda essa sucessão de fatos inusitados nos prova que a vida do austríaco naturalizado britânico Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951) foi bastante movimentada.

¹³ Professor emérito do Departamento de Filosofia e Religião no Ithaca College (Nova York), publicou numerosos artigos nos mais importantes periódicos de filosofia analítica da linguagem do mundo, sendo uma relevante fonte de informação em nossa pesquisa. Utilizaremos, em nossa jornada investigativa, sua pertinente obra: SCHWARTZ, Stephen P. **Uma breve história da filosofia analítica: de Russell a Rawls**. São Paulo: Loyola, 2017, [Trad. de Milton C. Mota].

Não bastasse tudo isso, em seguida envolveu-se em outros feitos igualmente singulares: dedicou-se ao ofício de jardineiro em um monastério; projetou e desenhou a casa de uma de suas irmãs; exerceu a docência de filosofia em Cambridge a partir de 1930; trabalhou como voluntário para serviços de saúde em um hospital durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os mais importantes atos de sua vida, contudo, foram duas revoluções que ele operou na filosofia do século XX, por meio de duas obras que foram divisores de águas para muitos estudiosos da época e das décadas seguintes.

Notemos que **é bastante usual, entre os intérpretes de Wittgenstein, dividir seu pensamento em duas fases**. A primeira abrange, falando cronologicamente, o jovem Wittgenstein, iniciando em 1912 e tendo como ápice a publicação do *Tractatus logico-philosophicus*, em 1921. Ainda que não se possa concordar com todas as teses fundamentais e com as proposições da referida obra, ela pavimenta o caminho para uma filosofia analítica contemporânea da linguagem. Já a segunda fase, a do chamado “segundo Wittgenstein”, começa com o seu retorno a Cambridge, em 1929, e termina com a sua morte, em 1951. É um período marcado por uma nova concepção de linguagem, vista como um fenômeno mutável, com infinitas possibilidades, de natureza pública, de interação social. Dessa fase, a obra principal, póstuma, é o livro *Investigações filosóficas*, que abriu novos caminhos para a filosofia analítica de um modo geral, influenciando pensadores das mais variadas correntes e abordagens filosóficas.

Registre-se, por oportuno, que o interesse constante de Wittgenstein pela linguagem, no entanto, começara muito antes. Escrito enquanto o autor, ainda muito jovem, estivera nas trincheiras de combate da **Primeira Guerra Mundial, o *Tractatus* foi fundamental para a “virada linguística”**, denominação de um período em que muitas das grandes preocupações filosóficas, antes ligadas à metafísica, a temas sobre ética, política e religião, voltaram-se, com grande ênfase, para a análise da estrutura profunda da linguagem, utilizando, para isso, a lógica moderna, inaugurada por Gottlob Frege, a qual consiste em um sistema de representação simbólica (ou conceitual) capaz de formalizar a estrutura lógica dos enunciados do tipo declarativos, solucionando assim todo tipo de ambiguidade, no âmbito da linguagem literal. Há muitas conjecturas sobre o Wittgenstein dessa época, entre elas, algumas que põem em xeque sua real envergadura filosófica, tendo ele sido visto, sob ângulos

inusitados, como na pergunta desafiadora, seria ele, segundo Hadot (2014, p. 43), “um gênio ou um excêntrico?” Foram essas as primeiras impressões que teve do jovem Wittgenstein, em Cambridge, o filósofo Bertrand Russell, inicialmente mentor e depois influenciado pelo pensador vienense.

É incontestável que **o início do século XX foi marcado por uma profunda crise filosófica na Europa**, na qual as antigas certezas e fundamentos do pensamento ocidental estavam sendo questionados e desafiados. Movimentos como logicismo, positivismo lógico¹⁴, empirismo, empiriocriticismo e idealismo estavam em voga, cada um oferecendo uma abordagem diferente para a filosofia. Essa crise filosófica proporcionou o ambiente intelectual no qual Wittgenstein começou a desenvolver suas ideias.

É ponderoso frisar que **a Viena do final do século XIX e início do século XX era um centro cultural vibrante**, com significativas contribuições artísticas, musicais, literárias e científicas para a época. Era um cenário em que circulavam figuras como Sigmund Freud, Arnold Schoenberg, Karl Kraus e Gustav Klimt, imersos em um caldo cultural que era influenciado por movimentos como o modernismo e o expressionismo. Essa foi a atmosfera absorvida pelo jovem Ludwig Wittgenstein.

Impõe-se salientar, contudo, que **o autor do *Tractatus* também viveu em uma época conturbada da história**. No início do século XX, a Inglaterra era a maior potência capitalista do mundo. Inobstante tal liderança, desde a Segunda Revolução Industrial¹⁵, surgiram outras potências industriais, dentre as quais deve-se destacar a Alemanha, com um ritmo de crescimento acentuado desde a sua unificação em 1871.

Consequentemente, como resultado de uma acirrada disputa entre as potências da época, difundiu-se na Europa um surto de nacionalismo intolerante, caracterizado por chauvinismo¹⁶ e xenofobia (ódio aos estrangeiros). Dentro desse ambiente ideológico nocivo, havia ainda uma forte corrida por novos mercados consumidores,

¹⁴ Embora o positivismo lógico tenha se desenvolvido plenamente nas décadas de 1920 e 1930, muitas das ideias que influenciaram o movimento já estavam presentes no ambiente intelectual da época. O Círculo de Viena, formado principalmente por filósofos como Moritz Schlick, Rudolf Carnap e Otto Neurath, encontrou no *Tractatus* uma expressão precisa de suas próprias convicções sobre a lógica, a ciência e a linguagem, como veremos adiante.

¹⁵ Podemos definir, sucintamente, esse período da história contemporânea como um conjunto de eventos em que o capitalismo passou por uma profunda transformação, envolvendo uma série de avanços na indústria química, elétrica, petrolífera e siderúrgica, com a substituição da energia a vapor, característica essencial da Primeira Revolução Industrial.

¹⁶ Termo aqui utilizado com a acepção de um nacionalismo exacerbado.

o que levou a uma intensa competição pela aquisição de colônias, na Ásia e na África. Esse choque entre potências imperialistas descortinou-se, rápida e perigosamente, em uma desenfreada **corrida armamentista**. A formação de um sistema de alianças, cujos polos eram a Inglaterra e a Alemanha, criou um cenário de um barril de pólvora prestes a explodir no continente europeu.

É cabível assinalar que a chamada **Belle Époque**, como ficou conhecido o período entre 1870 e 1914, foi uma época de muita riqueza e opulência, marcada pelo desenvolvimento tecnológico e científico e prestígio nas artes e na cultura. Corria na atmosfera daquele tempo um sentimento de que parecia que havia um mundo reservado apenas aos estratos superiores, privativo das classes privilegiadas. A sociedade industrial dava à humanidade mais poderes e conhecimento, ampliando seus horizontes, porém aumentava o abismo social existente entre ricos e pobres. Esse mundo restrito a poucos - a uma parte privilegiada da civilização ocidental que parecia ser a “escolhida”, ou “ungida”, pelos deuses do capitalismo -, e que girava em torno de Viena e de Paris, parecia ser eterno, imutável.

Por conseguinte, a Europa Ocidental vivia um momento em que se ressoava um sentimento de felicidade constante, como se o mundo, aos olhos das elites dominantes, estivesse pronto e acabado. Parecia a “história” quase realizada. Era a quase cristalização do sonho do homem branco, europeu, senhor de seu tempo. O que lhe faltava apenas era levar o milagre da indústria e da civilização ocidental aos maltrapilhos e retardados povos dos continentes periféricos. Era mais uma nova missão civilizadora do homem europeu em outras plagas, cujo imperialismo e corrida armamentista legitimavam e justificavam quaisquer excessos, arbitrariedade e violência perpetrados por elites hegemônicas de superpotências contra populações pobres e desassistidas de um mundo marginal, secundário e acessório.

Desse modo, essa visão etnocêntrica, ou eurocêntrica, preconceituosa, com um viés positivista e evolucionista, marcada pelo ponto de vista do colonizador, do conquistador, dos heróis brancos, desconsiderando as demais civilizações ou inferiorizando outros povos não europeus, caracterizou profundamente o chamado neocolonialismo, o qual, ao contrário do que ocorria no antigo colonialismo – cuja mola-mestra era baseada na procura de metais preciosos e produtos tropicais, além da escravização da população local ou africana -, caracterizou-se pela busca de

matérias-primas industriais, transferência do excedente populacional europeu para áreas coloniais periféricas e exportação de capital.

Consentaneamente, foi nesse contexto histórico e cultural complexo, intolerante e pernicioso, mas repleto de novidades, em que viveu o jovem Wittgenstein, o qual, de certa forma, buscou, no momento inicial de suas preocupações filosóficas, unificar um mundo que parecia ruir diante de seus olhos. Em sua mente chocavam-se duas realidades manifestas e renitentes do pensamento do final do século XIX: o positivismo e o idealismo. Dentro desse embate epistemológico, havia também a percepção de uma evolução do conhecimento no campo das ciências exatas e empíricas. Era um mundo constituído por um saber caótico, com uma vasta proliferação de sistemas filosóficos que entravam em conflito, cada qual tentando afirmar-se de um modo categórico dentro de seus domínios de atuação, tanto quanto, *mutatis mutandis*, as ideologias e as superpotências da época.

Com efeito, em síntese, a Europa do início do século XX passava por inúmeras transformações sociais e políticas, incluindo o colapso de impérios tradicionais e a ascensão de novas ideologias políticas. Tais mudanças contribuíram para um ambiente de incerteza e questionamento, que também se refletiu no pensamento filosófico e nas preocupações do jovem Ludwig Wittgenstein acerca da relação entre linguagem e realidade.

Destarte, foi dentro desse contexto de perplexidade que o imberbe Wittgenstein chocou o meio acadêmico e intelectual da época, elaborando uma filosofia rigorosa travestida com as armas do *método lógico*, desafiando concepções idealistas da matemática e criticando, de maneira contundente, a filosofia tradicional, na qual o discurso metafísico clássico, se submetido a uma análise lógica da linguagem, revelasse desprovido de sentido cognitivo, não podendo ser abarcado ou tocado pela via discursiva.

Em face do exposto, é tarefa árdua e complexa adentrar o campo mental e as reflexões de uma das figuras mais polêmicas e enigmáticas da filosofia do século passado. Seu pensamento é repleto de nuances, além de idas e vindas, com uma natureza ora fixa, ora mutável, com forma assistemática, por vezes inacabada, sendo fundamental para a evolução da filosofia dos anos 1920 até os anos 1970. Entretanto, como afirma Glock (1998, p. 163), “nenhum filósofo desde Kant refletiu com tanto afinco sobre a natureza da filosofia quanto Wittgenstein”. A nosso ver, a reflexão de

Wittgenstein, na verdade, recaiu sobre a natureza da tarefa da filosofia, complementando o sentido da citação anterior.

Tempestivamente, iniciemos o nosso intento, pois. **Em 1911, o jovem Wittgenstein** visitou o matemático **Gottlob Frege** em Jena, o qual o aconselhou a ir estudar com o professor de filosofia e matemática **Bertrand Russell** em Cambridge. Em 1913, com a morte de seu pai, herdou uma grande herança, a qual foi, em sua maior parte, doada a artistas vienenses. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, munido de fortes convicções íntimas, alista-se como voluntário no exército austríaco.

Ratifiquemos, dessa forma, que Frege tinha razão: uma das influências mais significativas na formação do pensamento de Wittgenstein foi a figura do filósofo e matemático britânico Bertrand Russell, o qual era um fervoroso defensor do logicismo e um dos principais expoentes do positivismo lógico. Sua obra *Principia Mathematica*, escrita em parceria com filósofo e lógico Alfred North Whitehead, teve um impacto profundo em Wittgenstein, que posteriormente colaborou com Russell na elaboração de alguns princípios fundamentais da lógica, como veremos *a posteriori*.

É significativo destacar que, enquanto participa de vários combates como artilheiro de um regimento do exército, Wittgenstein começa a anotar seus pensamentos e impressões sobre lógica¹⁷, matemática, ética, linguagem e sentido da vida em um caderno que carregava em sua mochila para toda parte. Tais apontamentos, que hoje conhecemos como os *Notebooks 1914-1916*, continham forte influência de autores cuja leitura o jovem pensador absorvia na época e que foram

¹⁷ Cabe aqui fazer um pequeno apanhado geral sobre o sentido e o significado de alguns conceitos que utilizaremos ao longo deste trabalho, entre as diversas acepções de diferentes autores. Consoante Mortari (2016, p. 14): “Lógica é a ciência que estuda princípios e métodos de inferência, tendo o objetivo principal de determinar em que condições certas coisas se seguem (são consequências), ou não, de outras.” Nesse sentido: “Basicamente, raciocinar, ou fazer inferências, consiste em ‘manipular’ a informação disponível – aquilo que sabemos, ou supomos, ser verdadeiro; aquilo em que acreditamos – e extrair consequências disso, obtendo informação nova” (*op. cit.*, p. 16). Em seguida: “Um argumento é um conjunto (não vazio e finito) de sentenças, das quais uma é chamada de *conclusão*, as outras de *premissas*, e pretende-se que as premissas justifiquem, garantam ou deem evidência para a conclusão (*op. cit.*, p. 21).” Já Santos (2012, p. 7), de forma concisa e didática, assevera: “A lógica trata da relação de consequência. O que principalmente queremos saber, nesta disciplina, é o que se segue do quê. (...) Uma noção aparentada com a de consequência lógica é a de argumento válido. Um argumento é uma maneira de estabelecer ou suportar uma conclusão a partir de certas premissas: um encadeamento de enunciados que, partindo de premissas, conduz passo a passo até à conclusão desejada; e só é válido, ou logicamente correto, se a conclusão for uma consequência lógica das premissas. Um argumento válido é uma espécie de prova condicional: uma prova de que a conclusão é verdadeira se as premissas o forem. Em lógica queremos saber que argumentos são válidos e que argumentos não são.”

essenciais para a elaboração da sua síntese filosófica: os já citados Frege e Russell, além de Agostinho de Hipona, Gottfried Leibniz, David Hume, Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Alfred North Whitehead, Ernst Mach, Fritz Mauthner, os escritos éticos e religiosos de Liev Tolstói, os evangelistas da Bíblia, bem como Karl Kraus, Fiódor Dostoiévsky, Otto Weininger, Alexius Meinong, William James, cientistas como Heinrich Hertz e Ludwig Boltzmann, entre outros. Interessante é notar a inclinação de Wittgenstein pela leitura dos evangelhos, visto que seu pai, apesar da ascendência judaica, era protestante. Wittgenstein, no entanto, foi batizado na Igreja Católica, vez que o catolicismo era a religião de sua mãe.

Oportunamente, **durante o verão de 1918, o filósofo vienense conclui o *Tractatus*.** Com a audácia própria dos jovens, sem hesitação ou modéstia, Wittgenstein, em seu primeiro livro, julga ter solucionado, de uma só vez, ao fim e ao cabo, todos os problemas filosóficos. **Em novembro do mesmo ano, foi feito prisioneiro pelo exército italiano.** Só regressaria à Áustria em agosto de 1919, antes enviando, em março do mesmo ano, uma cópia do texto a Russell, anunciando que, além de sobreviver à guerra, resolvera os problemas que há alguns anos afligiam a ambos, quais sejam: aqueles relativos à essência da proposição e os concernentes à natureza das proposições lógicas. A partir daí, empreendeu várias tentativas – todas frustradas – de publicação do *Tractatus*.

Até que enfim, em 1921, com uma expressiva ajuda de Russell, que escrevera a introdução à obra, ocorre a primeira publicação do livro. Wittgenstein, contudo, ficou profundamente insatisfeito com o resultado e com o tom utilizado pelo professor de Cambridge ao comentar trechos do *Tractatus*, emitindo juízos de valor sobre a obra, com elogios que, a seu ver, eram equivocados, além de externar pontos de desaprovação a respeito do sentido do texto. **Nesse período, as tensões entre aluno e professor aumentaram significativamente,** o que contribuiu para que as posteriores divergências entre ambos se tornassem bastante sérias.

Apropriadamente, sobre tal contenda entre os dois filósofos, que muito evidenciava as guerras culturais e acadêmicas da época, Perloff¹⁸ (2018, p. 54),

¹⁸ Outra visão fora do círculo da lógica e da filosofia analítica da linguagem é a da estudiosa e crítica de poesia norte-americana, nascida na Áustria, Marjorie Perloff, que comenta e interpreta, de forma assaz profunda, a obra de seu conterrâneo Wittgenstein, utilizando o suporte teórico de várias linhas de abordagem, como a fenomenologia e a hermenêutica, na obra **A escada de Wittgenstein: a linguagem poética e o estranhamento do cotidiano.** São Paulo: Edusp, 2008. [Trad. de Elisabeth Rocha Leite e Aurora Fornoni Bernardini].

ressalta, salientando o humor mordaz e a lógica de argumentação utilizados por Russell na introdução da obra:

Russell declara em sua introdução (que Wittgenstein evidentemente detestou) que, apesar de o autor reivindicar o contrário, “ele consegue dizer bastante sobre o que não pode ser dito”, uma situação que, admite Russell, “me deixa uma certa sensação de desconforto intelectual”.

Desse modo, voltando ao tema da Primeira Guerra Mundial, ela continua seu raciocínio e assevera:

Wittgenstein nunca foi, é claro, um “perfeito místico”, mas é verdade que sua experiência do tempo da guerra (cinco anos completos, desde seu alistamento até sua libertação do campo de prisioneiros) causara uma mudança irreversível em seu modo de pensar assuntos éticos e religiosos (*op. cit.*, p. 54).

Convém repertoriar que a referida faceta de seu aluno, por óbvio, incomodava bastante Russell, que divergia profundamente de Wittgenstein em temas éticos, metafísicos e religiosos. Este, por sua vez, passou a também execrar publicamente seu mestre, como no trecho a seguir, habilmente revivido pela autoria austríaca:

M. O’C. Drury recorda que, no começo dos anos 1930, quando era um estudante universitário, Wittgenstein disse a seu grupo de discussão semanal que “os livros de Russel deveriam ser encadernados em duas cores: os que tratavam de lógica matemática em vermelho – esses, todos os estudantes de filosofia deveriam ler; os que tratavam de ética e política em azul – e estes, ninguém deveria ter a permissão de ler” (*op. cit.*, p. 70).

Por conseguinte, insatisfeito com a primeira edição de sua obra, Wittgenstein procurou fazer outra publicação, dessa vez em **edição bilíngue (inglês-alemão)**, que foi **lançada em 1922**. Considerando-a a versão mais adequada de seu livro, acatou ainda a sugestão do filósofo e professor de Cambridge **George Edward Moore**, dando à obra o título que hoje possui, em latim.

Anote-se que um livro fundamental para a compreensão da verdadeira personalidade de Wittgenstein - e da influência e do magnetismo intelectuais exercidos por ele sobre seus alunos e discípulos – é, indubitavelmente, *Ludwig Wittgenstein*: a memoir, de Norman Malcolm. Nele, o autor já arremata, logo no início:

Quer dando palestras ou conversando em particular, Wittgenstein sempre falou enfaticamente e com uma entonação distinta. Ele falava um inglês excelente, com o sotaque de um inglês instruído, embora germanismos ocasionais

aparecessem em suas construções. Sua voz era ressonante, o tom um pouco mais alto que o da voz masculina normal, mas não desagradável. Suas palavras saíram, não fluentemente, mas com grande força. Qualquer um que o ouvisse dizer alguma coisa sabia que ali estava uma pessoa singular. Seu rosto era notavelmente móvel e expressivo quando ele falava. Seus olhos eram profundos e muitas vezes ferozes em sua expressão. Toda a sua personalidade era de comando, até mesmo imperial.¹⁹

Congruentemente, outra impressão bastante interessante acerca do modo de ser de Wittgenstein é relatada na mesma obra, mais adiante:

Wittgenstein tinha um dom extraordinário para adivinhar os pensamentos da pessoa com quem estava discutindo. Enquanto o outro lutava para colocar seu pensamento em palavras, Wittgenstein percebia o que era e o expunha para ele. Esse seu poder, que às vezes parecia estranho, foi possível, tenho certeza, por suas próprias pesquisas prolongadas e contínuas. Ele sabia o que outra pessoa estava pensando porque ele próprio havia viajado inúmeras vezes por essas reviravoltas de raciocínio. Certa vez, ele me comentou que era muito improvável que alguém em suas aulas pensasse em algo que ele já não tivesse pensado. Isso não foi fanfarronice.²⁰

Sendo assim, convém consignar que a publicação do *Tractatus* em 1921 marcou um ponto de inflexão na filosofia analítica da linguagem. A recepção inicial da obra foi mista: enquanto alguns, como Russell, reconheceram a importância do livro, outros consideraram-no obscuro, impreciso ou excessivamente técnico. No entanto, **com o passar do tempo, sua influência expandiu-se**, em particular entre os membros do **Círculo de Viena**, os quais viram na obra de Wittgenstein uma ratificação de seu

¹⁹ Tradução de nossa lavra. No original, em Malcolm (1970, p. 24): “Whether lecturing or conversing privately, Wittgenstein always spoke emphatically and with a distinctive intonation. He spoke excellent English, with the accent of an educated Englishman, although occasional Germanisms would appear in his constructions. His voice was resonant, the pitch being somewhat higher than that of the normal male voice, but not unpleasant. His words came out, not fluently, but with great force. Anyone who heard him say anything knew that here was a singular person. His face was remarkably mobile and expressive when he talked. His eyes were deep and often fierce in their expression. His whole personality was commanding, even imperial.” A citada obra foi de extrema relevância para nossa pesquisa a respeito da atmosfera na qual viveu Wittgenstein em Cambridge, sobre as influências que ele recebeu, incluindo suas leituras e opiniões sobre diversos autores, bem como sobre a sua personalidade como professor e acerca da influência que ele exerceu em muitos jovens universitários daquela época, entre eles o próprio Norman Malcolm, Elizabeth Anscombe, Rush Rhees, John Wisdom, entre outros, incluindo Georg Henrik von Wright, que sucedeu a Wittgenstein como professor da Universidade de Cambridge.

²⁰ Novamente, nossa tradução. No original, em *ibid.*, p. 47: “Wittgenstein had an extraordinary gift for divining the thoughts of the person with whom he was engaged in discussion. While the other struggled to put his thought into words Wittgenstein would perceive what it was and state it for him. This power of his, which sometimes seemed uncanny, was made possible, I am sure, by his own prolonged and continuous researches. He knew what someone else was thinking because he had himself travelled innumerable times through those twists and turns of reasoning. He once remarked to me that it was very unlikely that anyone in his classes should think of something of which he had not already thought. This was not braggadocio.”

ideário filosófico. Outras áreas da filosofia e de outras ciências, humanas ou não, também foram tributárias do *Tractatus*, como veremos ao longo deste trabalho.

2.2 Objetivo do *Tractatus*

Antes de adentrarmos a discussão deste tópico, é pertinente trazer ao debate, no contexto do **conceito de linguagem**, o entendimento de Marcondes (2017, p. 25):

Quando indagamos por que a linguagem é importante para a filosofia, devemos considerar, em primeiro lugar, o que entendemos por “linguagem”. E, mais uma vez, não temos uma resposta única. A primeira grande distinção que se pode fazer é entre *linguagem*, enquanto estrutura abstrata, e *língua*, enquanto fenômeno empírico (o português, o inglês, o francês etc.). É possível ainda fazer distinções adicionais sobre como a “linguagem” pode ser entendida. Com frequência, filósofos e outros teóricos da linguagem usam o termo “linguagem” em quatro acepções, sem distingui-las claramente:

- Signo: aquilo que remete a algo além de si mesmo, que serve para indicar um objeto na realidade em um sentido extralinguístico.
 - Palavra: um signo linguístico pertencente a uma determinada língua.
 - Proposição ou sentença: combinação entre signos ou palavras dotada de uma estrutura sintática.
 - Discurso: conjunto articulado de proposições, tratando de um ou mais temas.
- Tais acepções da linguagem podem ser vistas como diferentes concepções do que seria a *unidade básica de significação*. Chegamos então ao que pode ser a noção central de toda esta discussão: o *significado*. O signo e a palavra nos interessam porque *significam*. O significado consiste na relação entre o signo e aquilo que ele significa, isto é, aquilo a que remete, aquilo a que se refere. O significado, enquanto relação entre a linguagem e a realidade, é o ponto de partida da discussão sobre a linguagem na filosofia. Por isso a *semântica*, ou teoria do significado, é considerada o núcleo da filosofia da linguagem contemporânea.

Dito isso, após essa rápida vista pelo que se entende por linguagem, convém pontuar que, para Hacker (2000, p. 7), no tocante ao *Tractatus*, “os principais temas do livro são a natureza geral da representação, os limites do pensamento e da linguagem e a natureza da necessidade de lógica e das proposições da lógica.”

Assente-se que, aqui, *ad hunc modo*, abriremos um parêntesis para falar especificamente sobre a influência que algumas linhas de pensamento filosófico exerceram sobre o jovem Wittgenstein, no tocante à sondagem no campo da linguagem, visto que também terão, cada uma a seu modo particular, algum tipo de inflexão sobre o aspecto lógico ou sobre o aspecto ético e místico do *Tractatus*.

Ab initio é fundamental analisar a influência exercida por **Platão**. Nesse sentido, é crucial examinar a sua célebre Teoria das Formas. Em linhas gerais, como já é

bastante cediço, Platão postulava que o mundo sensível é apenas uma sombra ou uma cópia imperfeita de um mundo das formas ou ideias, que são eternas, imutáveis e acessíveis apenas através do intelecto. As formas representam a verdadeira realidade, ao passo que o mundo físico é *grosso modo* apenas uma aproximação. No *Tractatus*, Wittgenstein parece ecoar essa distinção entre o mundo fenomênico e uma estrutura subjacente mais profunda. Embora ele não utilize o vocabulário das formas, tipicamente platônico, sua análise da estrutura lógica do mundo e da linguagem pode ser vista como uma tentativa de descrever essa realidade subjacente. Wittgenstein argumenta, destarte, que a estrutura lógica do mundo é refletida na linguagem, sendo que entender essa estrutura é compreender a essência da realidade.

Dessa maneira, Platão, em diálogos como o *Crátilo*, explorou a relação entre palavras e coisas, questionando se os nomes têm uma conexão natural com as coisas que representam ou se são meramente convenções. Essa questão central sobre a natureza da linguagem ressoa profundamente no texto tractariano. Wittgenstein argumenta, conforme veremos mais à frente, que a linguagem é uma figuração da realidade, em que proposições são imagens de estados de coisas. Essa ideia de que a linguagem mapeia a realidade tem similitudes com a noção platônica de que a linguagem pode, em algum nível, revelar a verdade subjacente do mundo das formas. Para ambos os filósofos, há um nível de correspondência entre a linguagem e a realidade que é imperativo para a compreensão e o conhecimento.

Platão igualmente discutiu os limites do conhecimento humano, argumentando que o verdadeiro conhecimento é reservado ao intelecto e o conhecimento sensorial é imperfeito. O “primeiro Wittgenstein” propõe que há limites para o que pode ser dito com significado. Ele afirma, em uma notória proposição, que “os *limites da minha linguagem* significam os limites do meu mundo”²¹. Isso sugere uma visão semelhante à de Platão, de que o que está além da linguagem está além do nosso conhecimento e compreensão. Dessa forma, a noção de Wittgenstein de que certas coisas só podem ser mostradas e não ditas reflete a distinção platônica entre o mundo sensível e o mundo das formas. Por conseguinte, assim como as formas estão além do mundo sensível, há aspectos da realidade que estão além do domínio da linguagem e, em tal caso, além do domínio do pensamento discursivo.

²¹ WITTGENSTEIN, 1993, § 5.6, p. 229.

Dando azo a nossa linha investigativa, é de se apontar que **Aristóteles**, por sua vez, reconheceu que nem todos os aspectos da realidade podem ser completamente capturados pela linguagem. Wittgenstein argumenta que há limites para o que pode ser dito, e esses limites são determinados pela estrutura lógica da linguagem. A noção aristotélica de que há aspectos da realidade que transcendem a linguagem exerce, portanto, influência significativa sobre a visão wittgensteiniana. Ulteriormente, retomaremos o pensamento do filósofo de Estagira.

Em seguida, há que se observar, meritoriamente, a influência do pensamento de **Agostinho de Hipona** sobre o jovem Wittgenstein. Uma de suas contribuições mais notáveis no campo da linguagem encontra-se em suas *Confissões*, obra na qual ele descreve como as crianças aprendem a falar, estabelecendo uma ligação entre palavras e objetos. Wittgenstein, embora vivendo mais de mil anos depois, encontrou em Agostinho uma base sobre a qual construir suas próprias ideias.

Desse modo, no *Tractatus*, ele não apenas aborda questões de lógica e linguagem, mas também explora a relação entre as palavras e o mundo, uma inquietação que Agostinho havia abordado em sua obra. A influência de Agostinho é evidente na maneira como Wittgenstein concebe a relação entre palavras e objetos. Para ambos, as palavras ganham significado ao estarem associadas a coisas no mundo, estabelecendo uma correspondência que permite a comunicação e a compreensão.

Convém assentar que a concepção da linguagem como um sistema de signos, a relação entre palavras e objetos, e os limites da linguagem são temas centrais tanto para Agostinho quanto para Wittgenstein. Através de uma análise comparativa, podemos ver como Wittgenstein se apropriou e transformou as ideias de Agostinho para desenvolver sua própria filosofia da linguagem e lógica.

Nessa linha exegética, Agostinho postulou que o significado das palavras reside na capacidade das palavras de se referirem a objetos ou ideias. Esse processo de referência é essencial para a comunicação eficaz, pois permite que os indivíduos compartilhem pensamentos e compreensões sobre o mundo. A palavra "livro", por exemplo, refere-se ao objeto físico amplamente conhecido. Assim, Wittgenstein desenvolve essa ideia de referência em seu conceito de "figura" no *Tractatus*. Ele propõe que as proposições são figuras - *Bilder* - da realidade, significando que elas representam fatos através de uma correspondência estruturada. Cada proposição tem

uma *forma lógica* que espelha a *forma lógica* dos fatos que ela representa. Nessa circunstância, a estrutura da linguagem reflete a estrutura da realidade, permitindo que a linguagem represente o mundo de maneira precisa.

Propiciamente, nessa sequência de raciocínio, notemos que uma das influências filosóficas mais notáveis sobre o *Tractatus*, mormente no campo da análise da linguagem, é o pensamento de **Guilherme de Ockham**, filósofo escolástico do século XIV, conhecido por seu princípio de parcimônia, comumente conhecido como a "Navalha de Ockham", segundo a qual as entidades não devem ser multiplicadas além da necessidade, sendo, nesse caso, um princípio de economia que tem como objetivo simplificar explicações e teorias. Para Ockham, de modo genérico, isso significava evitar pressuposições desnecessárias e adotar a explicação mais simples possível, desde que suficiente. Esse princípio é central para a sua filosofia e reflete um compromisso com a clareza conceitual. De forma cabal, influenciou correntes filosóficas baseadas no empirismo, que ainda reverberam na filosofia analítica da linguagem e nos mais variados campos do conhecimento científico e filosófico.

Urge compilar que, no *Tractatus*, Wittgenstein adota uma abordagem semelhante ao propor que a estrutura lógica do mundo pode ser descrita de forma simples e que a complexidade do mundo pode ser capturada por meio de proposições básicas. Ele argumenta, sob essa perspectiva, que tudo que pode ser pensado pode ser pensado claramente, e tudo que pode ser dito pode ser dito claramente. Essa busca pela simplicidade e clareza conceitual é uma manifestação do minimalismo ontológico influenciado pela "Navalha de Ockham".

Ato contínuo, compreendamos que Ockham também defendeu uma relação estreita entre linguagem e realidade, sustentando que os universais não têm existência fora da mente e que apenas os indivíduos são reais. Em consequência disso, ele enfatizou a importância da linguagem como um sistema de signos que deve ser usado com precisão para evitar confusões e mal-entendidos. Sua visão sobre a linguagem como uma ferramenta para representar a realidade com precisão ressoa fortemente na *teoria pictórica da linguagem* de Wittgenstein. Ambos os filósofos veem a necessidade de uma correspondência direta entre a linguagem e o mundo, sendo, por conseguinte, essa correspondência fundamental para a compreensão de como os significados são construídos e transmitidos. Para Wittgenstein, a estrutura do mundo é refletida na estrutura da linguagem. O *Tractatus*, consoante veremos no capítulo

seguinte, propõe que a linguagem é uma imagem do mundo, onde as proposições representam estados de coisas. Essa representação é baseada na ideia de que a linguagem e o mundo compartilham uma *forma lógica* comum.

Por esse ângulo, Ockham é frequentemente associado ao nominalismo, isto é, a visão de que os universais não têm existência independente, mas são meramente nomes ou etiquetas para agrupar objetos individuais. Esse realismo nominalista ockhamniano contrasta com o realismo platônico, que sustenta que os universais existem independentemente do mundo físico. Wittgenstein, em seu *Tractatus*, também parece rejeitar entidades abstratas, focando-se em fatos e estados de coisas que podem ser representados de maneira concreta e específica, algo que também pode ser entendido como um reflexo da influência nominalista de Ockham.

Em inferência tempestiva, é de se arrolar que a influência do pensamento de Ockham sobre o texto tractariano é, como demonstrado, significativa e multifacetada. O sentido mais usual da “Navalha de Ockham”, com sua ênfase na simplicidade e na economia, permeia a abordagem de Wittgenstein à linguagem e à estrutura do mundo. A insistência de Ockham na correspondência precisa entre linguagem e realidade encontra eco, nesse seguimento, na *teoria pictórica da linguagem* de Wittgenstein, como já dito. Além disso, o nominalismo de Ockham, com sua rejeição de entidades abstratas, está refletido na abordagem concreta e prática de Wittgenstein à significação. À vista disso, o *Tractatus* pode ser visto, em parte, como uma continuação e uma modernização dos princípios filosóficos defendidos por Ockham, adaptados ao contexto da filosofia analítica do século XX.

É inegável, portanto, que a tarefa de determinar os limites entre a linguagem e o mundo, proposta pelo jovem Wittgenstein, sofre uma influência decisiva de Ockham e seu método. Não foi à toa que o frade franciscano inglês foi um dos poucos filósofos citados no corpo do texto do *Tractatus*. Posteriormente, entenderemos por que, ao tentar separar o domínio da linguagem do domínio da realidade, Wittgenstein esteve sob o fio de uma navalha, trocadilho que usamos em referência ao método da “Navalha de Ockham” e aos percalços que tal empreitada enfrentou, sendo provavelmente essa tentativa de separação entre os dois citados domínios o *tour de force* do texto tractariano.

Consentaneamente, de forma sutil, mas significativa, foi a influência de **John Locke** sobre o jovem Wittgenstein. Locke, um dos fundadores do empirismo moderno,

em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), apresentou uma teoria detalhada sobre a natureza do conhecimento, a formação das ideias e a linguagem. No final do século XVII, ele desafiou a filosofia cartesiana ao enfatizar que todo conhecimento humano é derivado da experiência sensorial. Sua teoria das ideias, na qual a mente inicialmente é uma “tábula rasa” que se enche com informações através da percepção, fundamenta-se na crença de que a linguagem é uma ferramenta para representar ideias.

Destaque-se que Locke habilmente argumenta que as palavras são sinais arbitrários usados para significar as ideias na mente. Ele distingue entre palavras e as ideias que elas significam, sugerindo que a comunicação depende de uma correspondência precisa entre as palavras e as ideias que elas evocam. Wittgenstein, no *Tractatus*, vai além dessa correspondência simplista, mas mantém um núcleo de pensamento similar ao afirmar que proposições são representações de estados de coisas. Logo, as proposições têm uma *forma lógica* que espelha a estrutura da realidade. Assim, enquanto Locke via a linguagem como um reflexo das ideias na mente, Wittgenstein propõe que a estrutura lógica da linguagem reflete diretamente a estrutura da realidade.

Por consequência, Locke propõe que todas as ideias derivam da experiência e que o conhecimento é construído a partir da percepção sensorial e da reflexão. Ele classifica as ideias em simples e complexas, sugerindo que a mente combina ideias simples para formar conceitos mais complexos. Esse empirismo baseia-se na crença de que a mente é passiva na recepção das ideias, mas ativa na combinação e análise delas. Embora Wittgenstein não trate diretamente da origem das ideias no *Tractatus*, sua abordagem à epistemologia e ao conhecimento tem ressonâncias lockeanas. Wittgenstein sugere que o conhecimento sobre o mundo é mediado pela linguagem, que estrutura nossa forma de compreender a realidade. A insistência na correspondência entre linguagem e mundo na obra *tractariana* ecoa, de certo modo, a ênfase de Locke na relação entre experiência sensorial e formação das ideias.

Assinale-se que ambos os filósofos são críticos das afirmações metafísicas que ultrapassam os limites da experiência ou da linguagem. Locke, em seu ceticismo sobre a capacidade humana de conhecer substâncias além das qualidades sensíveis, delimita um escopo modesto para o conhecimento humano. Wittgenstein, por sua vez, argumenta que muitas questões filosóficas tradicionais surgem de um uso impróprio

da linguagem e que, ao esclarecer a lógica da linguagem, podemos dissolver muitos problemas metafísicos, encapsulando uma visão segundo a qual a filosofia deve limitar-se ao que pode ser dito claramente. Esse movimento lembra a advertência de Locke contra a especulação além dos limites da experiência.

Embora Ludwig Wittgenstein e John Locke operem em contextos filosóficos muito diferentes, há um fio condutor que une suas abordagens à linguagem e ao conhecimento. Locke, com seu empirismo e teoria das ideias, fornece uma base que, embora transformada, pode ser vista no tratamento wittgensteiniano da linguagem no *Tractatus*. Wittgenstein leva adiante a preocupação lockeana com a correspondência entre linguagem e realidade, ao mesmo tempo que introduz uma análise lógica mais rigorosa e detalhada. Consequentemente, a influência de Locke sobre o *Tractatus* reside não tanto nas ideias específicas, mas na abordagem metodológica e no reconhecimento dos limites do conhecimento e da linguagem.

Convém exarar que outro enfoque determinante para a análise do “primeiro Wittgenstein” é a influência do pensamento de **David Hume** sobre o *Tractatus*. Nesse enquadramento, é concludente constatar que, assim como este, Wittgenstein demonstra um ceticismo em relação à metafísica. Hume argumentou que o conhecimento é derivado da experiência sensorial e que conceitos como causalidade são meramente hábitos de pensamento sem fundamento na realidade objetiva. Wittgenstein, no *Tractatus*, também estabelece os limites do que pode ser conhecido e dito, afirmando que as proposições da linguagem devem ter um correspondente no mundo factual. Ele sustenta que muitas questões filosóficas tradicionais são, na verdade, pseudoproblemas decorrentes de abusos da linguagem. Nessa perspectiva, podemos dizer que há um forte liame epistemológico entre o *Tractatus* e o ideário de Hume.

Além disso, Hume teceu severas críticas à metafísica tradicional por ir além dos dados empíricos e desaguar em especulações infundadas. Wittgenstein segue essa linha ao afirmar que o que não pode ser dito claramente deve ser calado. Sua famosa conclusão - "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar" - ecoa o ceticismo de Hume sobre a possibilidade de conhecimento metafísico. A crítica tractariana à metafísica será melhor delineada no quarto capítulo desta pesquisa.

Embora Hume não tenha desenvolvido uma teoria da linguagem formal, sua análise das ideias e impressões e a importância dada à clareza e precisão influenciam

a forma como Wittgenstein vê a função da linguagem. Para Wittgenstein, como já examinado, a estrutura da linguagem reflete a estrutura do mundo, e qualquer proposição significativa deve ser verificável por experiências sensoriais, ou seja, as proposições têm sentido somente se puderem ser verificadas empiricamente. Isso está em consonância com o empirismo de Hume, que enfatiza que todo conhecimento significativo deve ser baseado na experiência.

Enfaticamente, percorrido esse caminho, pode-se, agora, dizer que **o principal objetivo do *Tractatus* nos parece ser a análise crítica da linguagem com base no método lógico**. Com relação a esse componente integrante do escopo primordial do “primeiro Wittgenstein”, pode-se dizer que *método lógico*, no terreno da filosofia analítica da linguagem, refere-se a uma abordagem que utiliza as ferramentas da lógica formal para analisar a estrutura e o uso da linguagem. Tal metodologia tem como objetivo esclarecer conceitos filosóficos, além de resolver problemas igualmente filosóficos e descrever a forma como a linguagem representa a realidade.

Impõe-se assentar que esse tipo de abordagem foi desenvolvido por filósofos como Gottlob Frege, Bertrand Russell, Ludwig Wittgenstein (em sua fase inicial, objeto de nossa pesquisa) e os membros do Círculo de Viena. Eles acreditavam que muitos problemas filosóficos surgiam de mal-entendidos ou confusões linguísticas, sendo a análise lógica da linguagem o modo correto de contribuir para dissolver esses problemas.

Seguindo nosso norte expositivo, convém destacar que os **principais aspectos do método lógico na filosofia analítica da linguagem** incluem, conforme opinião de variados estudiosos do tema: 1. **A análise formal da linguagem**: utiliza-se a lógica formal (como a lógica proposicional²² e a lógica de predicados²³) para

²² Segundo Santos (2012, p. 11): “A lógica proposicional clássica (LPC) é a lógica do ‘não’, do ‘e’, do ‘ou’, de ‘se... então’ e do ‘se e somente se’, que é consensual dever ser o ponto de partida de qualquer introdução à lógica. Nela se estuda um conjunto de operações elementares sobre frases declarativas”, quais sejam, dessa maneira, a negação, a conjunção, a disjunção, a condicionação e a bicondicionação.

²³ Consoante *ibid.*, p. 18: “A lógica de predicados (LPr) – que, por vezes, também é chamada *teoria da quantificação de primeira ordem* – é a lógica do ‘todos’ e do ‘alguns’ (entendido como sinônimo de ‘pelo menos um’), tal como estas expressões ocorrem em frases como ‘Todos os filósofos têm algum ponto fraco’. Às cinco operações consideradas na lógica proposicional, a lógica de predicados acrescenta duas que lhe são especialmente características (e que foram, no essencial, uma inovação introduzida por Gottlob Frege): a *quantificação universal* – operação que transforma a frase ‘Deus criou Adão’ na frase universal ‘Para todo x , Deus criou x ’ (ou seja, ‘Deus criou tudo’); - a *quantificação existencial* – operação que transforma a frase ‘Teeteto voa’ na frase existencial ‘Para algum x , x voa’ (ou seja, ‘Alguns seres voam’ ou ‘Há seres que voam’).

descrever a estrutura das sentenças e a relação entre elas, incluindo a decomposição de sentenças complexas em componentes mais simples e o exame das regras que permeiam e governam sua combinação; 2. **Clarificação conceitual**: a lógica é usada para clarificar conceitos e termos filosóficos, podendo envolver a definição precisa de termos, a identificação de ambiguidades e a eliminação de contradições; 3. **Uso da Teoria da Referência e Significado**²⁴: investiga-se como as palavras e frases se relacionam com o mundo, ou seja, como elas se referem a objetos, eventos ou estados de coisas, abarcando questões sobre referência, verdade e significado, que têm papel fundamental nesse tipo de abordagem; 4. **Resolução de paradoxos e problemas filosóficos**: muitas vezes, problemas filosóficos tradicionais são reformulados ou resolvidos através da análise lógica, como, a título de exemplificação, problemas de identidade e existência, reavaliação de proposições sob uma perspectiva lógica etc.; 5. **Redução e reconstrução**: busca-se reduzir proposições complexas a componentes mais simples e reconstruir teorias filosóficas de uma forma tal que sua estrutura lógica seja transparente.

Em suma, o método lógico, na filosofia analítica da linguagem, é uma **abordagem rigorosa e sistemática para analisar a estrutura profunda dos enunciados linguísticos**, a fim de mostrar a estrutura do pensamento e da linguagem²⁵ e, por meio disso, abordar e resolver problemas filosóficos, possibilitando uma melhor compreensão e correção de erros de interpretação de visões equivocadas acerca de inúmeras questões ou temas que concernem à linguagem.

²⁴ *Grosso modo* a Teoria da Referência e Significado é um campo da filosofia analítica da linguagem que explora como palavras, expressões e sentenças se relacionam com o mundo e com os conceitos que representam. Dentro desse campo, há várias abordagens e teorias, como a Teoria da Referência Direta, proposta por filósofos como Saul Kripke e Hilary Putnam, segundo a qual certos termos (como nomes próprios e substantivos comuns) se referem diretamente a objetos ou entidades no mundo, sem a necessidade de uma descrição intermediária. Assim, o nome “Sócrates” refere-se diretamente ao filósofo grego, independentemente das descrições que podemos associar a ele. Já a Teoria Descritiva da Referência, associada a Frege e Russell, defende uma teoria do significado baseado na referência, postulando que o significado das palavras e dos termos está diretamente relacionado a uma descrição dos objetos reais aos quais se referem. Isso significa, portanto, que um dado nome ou uma dada expressão tem seu significado determinado pela relação com um objeto no mundo real, ou seja, a referência é, dessa forma, mediada por uma série de descrições que identificam o objeto ou a entidade. Sendo assim, “Sócrates” pode ser entendido como “o mestre de Platão e o filósofo que sabia que nada sabia”, por exemplo. Outra abordagem, nesse campo do conhecimento, também é dada pela teoria dos atos de discurso, que será delineada nos capítulos seguintes.

²⁵ Didaticamente, para esclarecer melhor o conceito de *método lógico*, retenha-se que os enunciados linguísticos servem para representar a estrutura do pensamento e da linguagem.

Compilemos que, para Wittgenstein, a maioria (ou a totalidade) dos problemas filosóficos apresentam-se como contrassensos linguísticos²⁶. Nesse contexto, a filosofia frequentemente errou em sua tentativa de responder a perguntas que nem sequer podem ser formuladas, envolvendo os mais variados problemas filosóficos – de toda natureza, tais como epistemológicos, ontológicos, metafísicos, éticos, estéticos etc. -, os quais, em seu âmago, não são problemas, mas pseudoproblemas que não passam de meras ilusões ou sofismas, quando se verifica que, com efeito, o essencial é elaborar corretamente as questões e compreender o mecanismo de funcionamento lógico da linguagem.

Por conseguinte, observa-se que **uma das teses centrais do *Tractatus* é que o pensamento ou proposição representa ou espelha projetivamente o mundo**, isto é, a cada elemento da realidade corresponde um elemento da linguagem, ou do próprio pensamento. Nessa dinâmica inter-relacional entre pensamento, linguagem e realidade, as representações que têm sentido são tão somente as proposições da ciência natural, não sendo a filosofia uma ciência natural, nem uma doutrina, mas simplesmente uma atividade, que tem a missão de esclarecer a estrutura profunda ou lógica da linguagem. Não à toa, Wittgenstein (1993, p. 125) apresenta, no prefácio do *Tractatus*, o objetivo da obra:

O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia talvez captar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

Ad hunc modo, refletimos que, delimitando o que pode ser dito por meio da linguagem, Wittgenstein opera uma tentativa de determinação dos limites daquilo que pode ser pensado, ou seja, o objetivo do *Tractatus* também envolve o estabelecimento dos limites do que pode ser expresso por meio de proposições dotadas de sentido. É o que se depreende, outrossim, quando se faz uma leitura mais acurada do prefácio da obra. Assim sendo, conclui-se que, sob a ótica tractatariana, há enunciados que,

²⁶ Nesse sentido, há que se considerar a definição de “Significado” dentro do texto wittgensteiniano, por um de seus principais comentadores, qual seja, Glock (1998, p. 331): “(*Bedeutung*) Este conceito ocupa um lugar central na obra de Wittgenstein, por conta de sua firme convicção quanto à ideia de que os problemas filosóficos estão enraizados na linguagem.”

conquanto gramaticalmente corretos, são logicamente falhos e, por conseguinte, desprovidos de sentido.

Sob esse viés hermenêutico, pondere-se que a necessidade de crítica à linguagem era praticamente um imperativo categórico para o jovem Wittgenstein, haja vista que recebera, nos círculos letrados de sua Viena natal, uma influência espantosa do escritor, filósofo e crítico literário alemão **Fritz Mauthner** (1849-1923), cuja obra *Contribuições para uma crítica da linguagem* afetou grandemente o autor do *Tractatus*. Tanto isso é evidente que Mauthner, inclusive, está no seleto grupo de pensadores citados no livro, ainda que de forma negativa: “Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’. (Todavia, não no sentido de Mauthner).”²⁷

Observe-se que Mauthner, por sua vez, foi profundamente influenciado por **Ernst Mach**, fundador do empiriocriticismo, uma nova teoria filosófica de fundo positivista, segundo a qual nenhuma proposição das ciências naturais seria admissível se não fosse possível verificá-la de forma empírica. As obras filosóficas e científicas de Mach, de igual forma, exerceram enorme influência no pensamento do século passado, incluindo o trabalho de Max Planck e Albert Einstein.

Também inscrevamos que Mauthner foi um expoente de uma espécie de ceticismo filosófico derivado de uma crítica epistêmica e da filosofia da linguagem. Sua interpretação do fenômeno linguístico era extrema, radical: negava à linguagem a possibilidade de qualquer tipo de conhecimento, estando impossibilitada de descrever o que quer que fosse. Dessa forma, o conhecimento do mundo através da linguagem seria impossível. E, em consequência disso, a ciência seria incapaz de descrever a realidade e suas manifestações, bem como a metafísica não passaria de um devaneio, um absurdo inventado pela imaginação.

Convém assinalar que a filosofia da linguagem de Mauthner é marcada por uma desconfiança fundamental na capacidade das palavras de capturar a essência das coisas, interpretando a linguagem como um fenômeno social e histórico que molda e limita nosso pensamento, ou seja, um instrumento imperfeito e enganoso, sujeito a ambiguidades e mal-entendidos. Em seu já citado livro *Contribuições para uma crítica da linguagem*²⁸, ele propõe que muitas das dificuldades filosóficas surgem da

²⁷ WITTGENSTEIN, 1993, § 4.0031, p. 157.

²⁸ Utilizamos, para este nosso estudo, a referida obra em espanhol: **Contribuciones a una crítica del lenguaje**. Barcelona: Herder, 2001 [Trad. de José Moreno Villa].

confusão gerada pela linguagem, sustentando o argumento de que é imprescindível uma análise crítica que desmascare suas falácias e limitações.

Atentemos, em essência, que a obra de Mauthner é uma tentativa de desmistificar a linguagem, mostrando que ela não é um reflexo direto da realidade, mas sim uma construção humana. Tal gnose, de índole assaz implacável, impressionou, de maneira contundente, o autor do *Tractatus*, o que nos leva a conjecturar que Mauthner pode ter sido, conforme Pinto (1998, p. 136), o “grande interlocutor do jovem Wittgenstein”.

Nesse sentido, continua a repertoriar o mesmo autor:

Embora partilhe com Mauthner e seus contemporâneos a ideia de que uma crítica filosófica da linguagem se faz necessária, Wittgenstein não poderia aceitar tal posição. Com efeito, ela nega terminantemente a possibilidade de descrever tanto a experiência mística como o mundo. No primeiro caso talvez Mauthner até tenha razão, pois ao estabelecer que o sentido da vida é de caráter místico e não pode ser fundado na razão ele concorda em princípio com todos os autores ligados à tendência ético-metafísica, que também admitem a enorme dificuldade ou até mesmo a impossibilidade de expressar linguisticamente a beatitude contemplativa. No segundo caso, contudo, Mauthner parece estar completamente equivocado. Não apenas a teoria dos modelos de Hertz e Boltzmann²⁹ se revela eficaz para descrever os fenômenos da natureza, como também o aparato lógico introduzido por Frege e Russell é capaz de prover a teoria dos modelos com instrumentos de análise formidáveis.

Nessa perspectiva, podemos dizer que Mauthner representa para o jovem Wittgenstein um desafio análogo ao que Hume representou para Kant. De maneira semelhante a Hume, Mauthner argumenta de forma a tornar a ciência da natureza desprovida de fundamento. Uma resposta adequada a este (sic) ceticismo radical exige que se delimite mais claramente os limites do que pode e do que não pode ser dito. A única alternativa razoável que se oferece a Wittgenstein, influenciado por Schopenhauer e Weininger, é a transcendental (*op. cit.*, p. 136-137).

Urge, dessa maneira, anotar que, em sentido contrário, é manifesto, com efeito, que, para muitos de seus comentadores, não se pode afirmar categoricamente que Mauthner exerceu uma influência direta e dominante sobre o “primeiro Wittgenstein”. No entanto, as semelhanças entre as abordagens de ambos acerca do fenômeno da linguagem sugerem uma afinidade filosófica ao menos significativa. A crítica radical

²⁹ Heinrich Hertz e Ludwig Boltzmann foram, respectivamente, um físico austríaco e um físico alemão que influenciaram cabalmente Wittgenstein em suas concepções acerca da capacidade da linguagem científica em descrever o mundo de maneira lógica. Ambos, ao sondarem os fundamentos lógico-matemáticos da ciência, se aproximam, de certa forma, de Frege e Russell, uma vez que estes partem da análise lógica de sentenças, buscando os fundamentos lógicos da linguagem e da matemática. Wittgenstein foi influenciado pela filosofia da ciência de Boltzmann, especialmente suas ideias sobre a natureza da representação científica e os modelos.

de Mauthner à linguagem provavelmente contribuiu para o desenvolvimento do pensamento do jovem Wittgenstein, ajudando-o a moldar suas reflexões sobre os limites e as possibilidades da linguagem. A obra *tractariana* pode, desse modo, ser vista como uma continuidade e uma resposta aos questionamentos levantados por Mauthner, oferecendo uma análise lógica e estrutural da linguagem, objetivando resolver, de forma sistemática, os problemas identificados pelo ceticismo linguístico de Mauthner. Sendo assim, por óbvio, **há pontos de convergência entre as ideias de ambos os filósofos**, quais sejam:

- **Ceticismo linguístico:** ambos os filósofos compartilham, segundo explanado, um ceticismo profundo em relação à linguagem. Mauthner entende a linguagem como uma fonte de ilusão e confusão, ao passo que Wittgenstein, especialmente no *Tractatus*, também expressa dúvidas sobre a capacidade da linguagem de representar a realidade de forma precisa. A famosa proposição 5.6 - "*Os limites da minha linguagem* significam os limites do meu mundo"³⁰ -, ressoa o ceticismo de Mauthner.

- **Crítica do uso de metáforas e da linguagem figurativa:** Mauthner critica o uso de metáforas e linguagem figurativa como fontes de engano filosófico. Wittgenstein, a seu turno, em suas análises no *Tractatus*, no mesmo sentido, busca desmascarar o uso inadequado da linguagem, argumentando que muitas proposições filosóficas são, na verdade, pseudoproposições sem sentido.

- **A linguagem como fenômeno social:** Mauthner enfatiza a natureza social e histórica da linguagem, sugerindo que ela é um produto das interações humanas e não uma representação direta da realidade. Wittgenstein, embora adote uma abordagem diferente em sua análise lógica da linguagem, também reconhece a importância das práticas sociais na formação do significado linguístico, que será um tema ainda mais proeminente em suas obras posteriores, mormente em sua publicação póstuma *Investigações filosóficas*.

- **O silêncio sobre o inefável:** Uma das ideias centrais do *Tractatus* é que há aspectos da realidade que não podem ser expressos em palavras, mas apenas mostrados. Isso reflete a visão de Mauthner de que a linguagem é inadequada para capturar certas experiências e aspectos da existência.

Por oportuno, voltando à crítica da linguagem operada pelo *Tractatus*, é significativo o comentário de Hacker (2000, p. 21):

³⁰ WITTGENSTEIN, 1993, p. 229.

Wittgenstein interessava-se pouco pelos detalhes dos sistemas filosóficos de seus predecessores. Ele estava preocupado com a fonte que dá origem aos erros filosóficos e, mais particularmente, com as fontes *gramaticais* desses erros. Por “gramática”, ele entendia não apenas a sintaxe, mas *todas* as regras que governam o uso das palavras, inclusive aquelas que fixam seus significados.

Acertadamente, sobre a concepção filosófica wittgensteiniana, ainda escreveu Hacker, em uma linha mais lógica e empírica, deixando de lado a metafísica, a ontologia e outras abordagens de cunho mais idealista:

Os problemas filosóficos surgem, antes de mais nada, de particularidades desencaminhadoras da linguagem, pois nossa linguagem apresenta conceitos muito diferentes sob uma aparência semelhante. O verbo “existir” não parece diferente de verbos como “comer” ou “beber”, mas, se faz sentido perguntar quantas pessoas na Universidade não comem carne ou não bebem vinho, não faz sentido algum perguntar quantas pessoas na Universidade não existem. Ser vermelho é uma propriedade que algumas coisas têm, outras não, mas será que a existência é uma propriedade que algumas coisas têm e outras não têm? As coisas podem passar a existir e, mais tarde, deixar de existir, mas será que isso significa que elas adquirem uma propriedade que inicialmente não tinham, para, depois, perdê-la? Faz sentido investigar a natureza de diversas coisas que existem, mas faz muito pouco sentido investigar a natureza da existência ou do “Ser”, e menos ainda a natureza da não existência ou do “Nada” (como Heidegger tentou). Em filosofia, estamos constantemente sendo enganados por semelhanças gramaticais que mascaram profundas diferenças lógicas. Deste modo, formulamos questões que são inteligíveis quando feitas a respeito de certas categorias de coisas, mas que não fazem qualquer sentido, ou fazem um sentido muito diferente, quando feitas a respeito de coisas pertencentes a uma outra categoria. Frequentemente, as questões filosóficas não são tanto questões em busca de uma resposta, mas questões em busca de um sentido. “A filosofia é uma luta contra o enfeitamento de nosso entendimento pela nossa linguagem” (PI §109) (*op. cit.*, p. 12).³¹

Isso posto, era patente para Wittgenstein que as questões filosóficas não passariam de falsos problemas, não podendo, por isso, ser resolvidas. Ao deslindar a lógica de nossa linguagem e, assim, desmascarar esses falsos problemas, o *Tractatus* estaria cumprindo seu papel, inclusive atingindo o cerne de todos os problemas filosóficos que os torna insolúveis: a falsa ideia que têm os filósofos de que se pode resolver tais aporias não mantendo silêncio sobre o indizível. Dessa forma, o próprio Wittgenstein escreveu (apud Hacker, 2000, p. 11), com extrema ironia:

Eu leio que “os filósofos não estão mais próximos do significado da ‘Realidade’ do que estava Platão...” Que coisa extraordinária! É notável que Platão tenha

³¹ Ao final dessa linha de pensamento, Peter Hacker cita talvez o mais famoso trecho da obra póstuma de Wittgenstein *Investigações filosóficas*.

conseguindo chegar tão longe! Ou, então, que nós não tenhamos conseguido avançar um só passo. Será porque Platão era *muito* esperto?...

Sempre se ouve as pessoas dizendo que a filosofia não faz progressos e que os mesmos problemas filosóficos que preocupavam os gregos ainda hoje nos incomodam. Quem diz isso, porém, não entende a razão pela qual isso tem sido assim. A razão é que nossa linguagem permaneceu a mesma e nos conduz sempre às mesmas questões.

Em síntese, **o objetivo principal da obra**, nessa perspectiva interpretativa, além da análise crítica da linguagem com base no *método lógico*, também está em estabelecer os limites da linguagem e do pensamento, delineando, por conseguinte, o que pode ser dito com sentido e o que deve ser calado, por não ter sentido. A partir desse ponto, surgem **objetivos específicos** que serão melhor esmiuçados nos capítulos seguintes, a saber:

- **A delimitação da linguagem e da realidade**, ou seja, a demonstração de que a estrutura da linguagem reflete a estrutura da realidade, através da premissa de que o mundo consiste em fatos, e não em coisas, e que a linguagem deve representar esses fatos;

- **A proposição de uma *teoria da afiguração***, segundo a qual a linguagem funciona como uma figuração da realidade, isto é, as proposições têm sentido ao figurarem estados de coisas possíveis no mundo;

- **O estabelecimento de limites de sentido**, na medida em que só é possível falar com sentido sobre o que pode ser representado na linguagem, sendo o que está além disso - como questões metafísicas, éticas e estéticas – considerado como algo inefável que deve ser silenciado;

- **A crítica ao discurso filosófico tradicional**, por tentar dizer o que só pode ser mostrado, e não dito, como as formas lógicas e os limites da linguagem;

- **A síntese de todo o seu ideário na famosa proposição final**, que reflete a concepção solipsista de que “os *limites da minha linguagem* significam os limites do meu mundo”.

Em suma, reiteremos que essa é, em linha de exegese, nossa posição quanto aos objetivos delineados pela obra em tela. Ao longo da pesquisa, lançaremos novos olhares sobre as perspectivas aqui abordadas, abrindo caminhos para novas discussões acerca das principais teses levantadas pela obra e dos conceitos por ela trabalhados, bem como tecendo uma crítica a seus impasses, contradições e

ilogismos, os quais, no fundo, caracterizam um conjunto de aporias que merecem um destaque mais demorado.

2.3 Influências recebidas em sua parte lógica

A princípio, exare-se que não se pode se referir ao primeiro momento do pensamento de Wittgenstein sem adentrar um relevante divisor de águas para a filosofia ocidental chamado “**virada linguística**” (em inglês: *linguistic turn*). Tal marco foi uma importante mudança ocorrida no pensamento ocidental durante a primeira metade do século XX, caracterizada por uma abordagem mais centrada na relação entre filosofia e linguagem, procurando determinar os limites do pensamento e do mundo a partir da própria linguagem, tese defendida por relevantes intérpretes de Wittgenstein, como Erik Stenius³².

De modo consentâneo, a palavra “análise” origina-se do grego *analysis*, significando “soltar” ou “dissolver”. Segundo Hans-Johann Glock³³, duas noções de análise têm sido centrais à filosofia quase desde seu início. A primeira vem da busca de Sócrates por definições de termos como “virtude” e “conhecimento”, surgindo em Platão, que a aborda como “divisão”. Trata-se da dissecação de um dado conceito em conceitos componentes, os quais, a seu turno, podem ser utilizados para definir o conceito complexo. A segunda noção surge da geometria grega e predomina em Aristóteles, podendo ser chamada de análise regressiva, aplicando-se, primariamente, a proposições³⁴.

Destaque-se que, ainda **o britânico Peter Hacker, em um de seus variados estudos sobre a obra wittgensteiniana, afirma que a “virada linguística” foi iniciada com o *Tractatus*, visto que Wittgenstein, na primeira fase de sua filosofia, pôs a linguagem no centro da reflexão filosófica**, direcionando a investigação e a metodologia filosóficas para o estudo da lógica de nossa linguagem e do uso que fazemos dela³⁵. Esse entendimento também é endossado por diversos

³² Sobre tal temática, é indispensável a consulta ao artigo de DE SOUSA MELO, Candida Jaci: **De la nature et des limites des pensées conceptuelles**. Action, Rationalité & Décision, Québec, p. 75-95, 2018, cujo teor é bastante claro e elucidativo.

³³ Cf. GLOCK, 2011, p. 31.

³⁴ Ainda segundo *Ibid.*, 2011, p. 31: “O método analítico, por contraste, começa com uma proposição que tem ainda de ser provada e opera para trás até os primeiros princípios, a partir dos quais ela pode ser derivada como um teorema.”

³⁵ Cf. HACKER, 2000, p. 7.

intérpretes e comentaristas da obra tractatariana, como Stephen P. Schwartz, Hans-Johann Glock e Pierre Hadot.

Com o desenvolvimento da filosofia analítica da linguagem, ocorre um retorno da antiga tradição inglesa empírica e nominalista ao debate filosófico. Através da análise dos fatos contidos na experiência presentes na linguagem, ruminasse, novamente, o mesmo sentimento antimetafísico que animara filósofos anglosaxões de outras eras, como Locke, Hume, Bentham e Stuart Mill. A filosofia analítica invadiu com pujança o século XX, com seu arsenal argumentativo baseado na análise lógica e linguística, abraçando não só a linguagem comum ou natural, mas também a linguagem da ciência e da matemática, destroçando conceitos de outras tradições, principalmente os da filosofia continental, de forte viés metafísico. O norte da virada linguística parecia ser, a princípio, o esclarecimento lógico e semântico do produto das ciências positivas. Discípulo de Russell, o qual, por sua vez, era um herdeiro intelectual de Frege, Wittgenstein, com seu pensamento assistemático e não fundacional, foi o filósofo que redimensionou, agigantou e reverberou as ideias de seus dois antecessores para o mundo acadêmico e para além dele.

Inopinadamente, **até o fim do século XIX, a influência da lógica aristotélica era devastadora na filosofia.** Sua lógica silogística, baseada em conceitos de sujeito e predicado, praticamente não foi questionada durante 22 séculos, inobstante o “problema dos universais”, lançado na Idade Média, que procurava compreender a relação que uma substância manteria com sua essência. No entanto, os trabalhos de Frege e Russell demonstraram que não era bem assim: durante mais de dois milênios, a análise lógica baseada nos conceitos de sujeito e predicado deveria ter sido substituída pelos conceitos de argumento e função, respectivamente. Destarte, conforme Schmitz³⁶ (2004, p. 54), “a silogística de Aristóteles³⁷ era, no máximo, um pequeno fragmento da lógica”, em que pesem as afirmações categóricas de Immanuel Kant em contrário³⁸.

³⁶ Também foi fundamental para o aprofundamento de nossa pesquisa a utilização da obra **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004 [Figuras do Saber; 9] [Trad. de José Oscar de Almeida Marques], do referido autor. Professor de filosofia, com ênfase em lógica, na Universidade de Nantes, François Schmitz é um dos maiores especialistas na França sobre a obra de Wittgenstein.

³⁷ Autores de compêndios sobre lógica, como Susan Haack e Cezar A. Mortari, denominam a silogística de Aristóteles de “lógica tradicional”, e não de “lógica clássica”, por exemplo.

³⁸ Corroborava esse raciocínio Haack (2002, p. 208): “E também é bom ter em mente que a própria ‘lógica clássica’ de hoje foi uma vez uma ‘inovação lógica’. Kant, afinal de contas, insistia (1800) que a lógica era uma ciência completa; acabada, em suas bases, na obra de Aristóteles. O século seguinte viu, contudo, o desenvolvimento de novas técnicas lógicas, mais fortes e mais rigorosas, com o trabalho de

Vale sinalizar que, desde a Antiguidade, a linguagem e a relação entre as palavras e as coisas ou os fatos foram preocupações filosóficas. No diálogo *Crátilo*, como já observado, **Platão** tenta sondar e resolver a significação das palavras, tarefa continuada por Aristóteles, que estudou exaustivamente os usos da linguagem com regras da lógica. Em outro diálogo, o *Sofista*, o pai do idealismo examina o pensamento, sua forma essencial e sua simbolização enunciativa por palavras, sonoras ou gráficas.

Consoante explanado, para compreender a influência de Platão sobre Wittgenstein, é crucial examinar a chamada Teoria das Formas. Reitere-se que Platão postulava que o mundo sensível é apenas uma sombra ou uma cópia imperfeita de um mundo das formas ou ideias, que são eternas, imutáveis e acessíveis apenas através do intelecto. As formas representam a verdadeira realidade, ao passo que o mundo físico é apenas uma aproximação. Assim, no *Tractatus*, Wittgenstein parece repetir, *mutatis mutandis*, essa distinção entre o mundo fenomênico e uma estrutura subjacente mais profunda, sustentando que a estrutura lógica do mundo é refletida na linguagem, sendo, portanto, o ato de compreender essa estrutura a forma de tentar captar a essência da realidade.

Já **Aristóteles**, ressalte-se, no seu trabalho essencial *Órganon*, desenvolveu uma teoria abrangente sobre lógica e estrutura do conhecimento que teve uma influência duradoura na filosofia ocidental. A sua concepção de categorias, proposições e silogismos fornece uma base para entender a relação entre linguagem e realidade, algo que ressoou fortemente em Wittgenstein. Aristóteles introduziu a ideia de categorias como modos fundamentais de ser, que descrevem diferentes maneiras pelas quais as coisas podem ser ditas ou existentes. Para ele, essas categorias são fundamentais para a compreensão da realidade. Na esteira desse raciocínio, Wittgenstein, no *Tractatus*, adota uma perspectiva similar ao discutir a estrutura lógica do mundo. Ele afirma que a realidade consiste de fatos - e que estes fatos podem ser representados por proposições, uma ideia que reflete a categorização aristotélica da realidade.

Enfatize-se que o foco de Aristóteles nas proposições e nos silogismos também está presente no *Tractatus*. É consuetudo afirmar que Aristóteles definiu proposições

Boole, Peirce, Frege e Russell. Lembremos que Frege supunha firmemente que os princípios de seu sistema lógico fossem autoevidentes, até que Russell mostrou que eles eram inconsistentes.”

como declarações que podem ser verdadeiras ou falsas, uma noção que Wittgenstein expande ao afirmar que as proposições são representações de estados de coisas no mundo. Assim como os silogismos aristotélicos mostram a interconexão lógica entre proposições, Wittgenstein vê a lógica como a estrutura que sustenta a linguagem e o mundo.

Dessa maneira, uma das ideias centrais do *Tractatus* é que a linguagem espelha a realidade. Essa concepção pode ser traçada até Aristóteles, que acreditava que a linguagem e a lógica refletem a estrutura do mundo. Para ambos os filósofos, há uma correspondência entre a forma como falamos sobre o mundo e a própria estrutura do mundo. Wittgenstein desenvolve essa ideia ao afirmar que as proposições são figuras que representam os estados de coisas, uma noção que remete à teoria aristotélica da correspondência entre pensamento e realidade, a qual será abordada no próximo capítulo.

Vale grifar que essa espécie de teoria da verdade de Wittgenstein, encontrada no *Tractatus*, de igual modo, é influenciada pelo pensamento aristotélico. Aristóteles sustentava que uma proposição é verdadeira se descreve corretamente um estado de coisas e falsa se não o faz. Wittgenstein, ao definir as condições de verdade de uma proposição, adota uma abordagem similar. Ele argumenta que uma proposição é verdadeira se a realidade é como a proposição a representa, uma perspectiva que reflete diretamente a teoria da correspondência da verdade de Aristóteles.

Convém distinguir que **Agostinho de Hipona**, cuja influência sobre a crítica tractariana da linguagem foi delineada no tópico anterior, em sua obra clássica *De Magistro*, de igual maneira, aborda a questão do significado das palavras. Tal temática continuará a ser explorada ao longo da Idade Média e no Renascimento.

Em seguida, no século XVII, **Leibniz** se destaca como um precursor da análise lógica da linguagem, sendo também um dos pioneiros da lógica simbólica moderna, sendo conhecido por sua busca de uma linguagem formal universal, a “*characteristica universalis*”, e pelo desenvolvimento do conceito de uma lógica simbólica, que antecipou muitos aspectos da lógica moderna. Leibniz acreditava que todos os pensamentos poderiam ser reduzidos a uma linguagem formal precisa, que permitiria resolver disputas filosóficas e científicas através de cálculos rigorosos. Essa visão otimista sobre a capacidade da lógica e da linguagem de capturar a realidade influenciou diretamente a filosofia analítica e, por conseguinte, Wittgenstein. No

entanto, da mesma forma que outros desbravadores nesse campo, Leibniz fracassou em seu intento, sucumbindo ao peso da tradição, representada pela lógica aristotélica, ainda hegemônica na cultura ocidental da época.

Evidencie-se que matizes leibnizianas podem ser percebidas em vários aspectos do “primeiro Wittgenstein”, especialmente na sua abordagem à lógica e à estrutura da linguagem. Leibniz propôs que uma linguagem ideal poderia representar precisamente todas as verdades sobre o mundo. Como veremos mais à frente, no *Tractatus*, Wittgenstein adota uma perspectiva semelhante ao argumentar que a estrutura lógica da linguagem reflete a estrutura do mundo. Para o jovem Wittgenstein, proposições são imagens da realidade, sendo a lógica o meio pelo qual a linguagem e o mundo se conectam. Essa ideia de uma correspondência entre a linguagem e a realidade ecoa a "*characteristica universalis*" de Leibniz.

De outra banda, saliente-se, Wittgenstein desenvolve a noção de que proposições são modelos da realidade, uma ideia que pode ser rastreada até Leibniz. Este viu as proposições como expressões de estados de coisas possíveis, tendo Wittgenstein expandido tal concepção ao afirmar que proposições têm uma *forma lógica* que deve ser compartilhada com a realidade para serem significativas. Assim, a influência de Leibniz é evidente na concepção de Wittgenstein de proposições como representações lógicas do mundo.

Ressalte-se que, sob outro ângulo de análise, para Leibniz, as verdades lógicas são necessárias e universais, uma perspectiva que Wittgenstein também adota no *Tractatus*, argumentando que as proposições da lógica são tautologias, ou seja, são verdadeiras em virtude de sua *forma lógica*, como veremos ulteriormente. Essa visão de que a lógica é um sistema fechado e autossuficiente reflete a influência das ideias de Leibniz sobre a necessidade lógica e a verdade analítica.

Por fim, sublinhe-se que Leibniz fez uma distinção clara entre a estrutura formal de uma linguagem (sintaxe) e seu conteúdo significativo (semântica). Wittgenstein, no *Tractatus*, também enfatiza a importância da estrutura lógica da linguagem (sintaxe) na determinação do sentido das proposições. Ele argumenta que a sintaxe lógica define os limites do que pode ser dito significativamente, uma ideia que está em consonância com a visão leibniziana de uma linguagem formal perfeita.

Impõe-se assinar que outro filósofo que exerceu influência sobre a parte lógica do *Tractatus* foi **Alexius Meinong** (1853-1920), muito embora esse influxo não seja

direto. Meinong, com sua teoria dos objetos, procurou compreender a natureza e a existência destes, incluindo aqueles que não existem fisicamente, como objetos imaginários ou ficcionais, postulando a ideia de que é possível referir-se e pensar sobre objetos que não existem no mundo real, através de uma distinção entre a existência e a subsistência. Ele introduziu conceitos como o "objeto puro", que pode ser um objeto de pensamento sem necessariamente exigir a sua existência física.

Desse modo, Meinong influenciou Wittgenstein particularmente na concepção de objetos. A noção de que objetos podem ser pensados sem necessariamente existir pode ser vista no *Tractatus*, onde Wittgenstein distingue entre a existência de estados de coisas e a possibilidade lógica de estados de coisas, como veremos no próximo capítulo. Wittgenstein escreve, por exemplo, sobre a estrutura lógica do mundo que inclui todos os estados de coisas possíveis, não apenas os que de fato existem, ecoando a distinção meinonguiana entre existência e subsistência.

É valioso anotar que, outrossim, a visão de Meinong sobre objetos e suas propriedades também pode ter influenciado a forma como Wittgenstein concebeu a relação entre lógica e mundo. No *Tractatus*, Wittgenstein afirma que a lógica é transcendental e que ela espelha a estrutura do mundo. Essa ideia pode ser vista como um desenvolvimento da tentativa de Meinong de entender como podemos ter proposições verdadeiras sobre objetos que não existem, sugerindo que a lógica, de certa forma, transcende a mera existência física dos objetos. Tal concepção será abordada, de igual maneira, no próximo capítulo.

Por fim, destaque-se que Meinong também tratou da inefabilidade de certos aspectos dos objetos, especialmente aqueles que não existem. Wittgenstein, no *Tractatus*, expande essa noção ao afirmar que aquilo que não pode ser dito claramente deve ser deixado em silêncio. A influência de Meinong é evidente na concepção de Wittgenstein sobre os limites da linguagem: ambos os filósofos reconhecem que há aspectos da realidade que a linguagem não pode capturar adequadamente. Sendo assim, a teoria dos objetos de Meinong forneceu a Wittgenstein uma base para explorar a inter-relação entre linguagem, pensamento e realidade. Ao considerar a natureza dos objetos, incluindo os objetos inexistentes, Wittgenstein pôde desenvolver sua concepção de lógica e os limites da expressão linguística.

Ante o exposto até agora, é imprescindível, em nossas investigações, conhecer o pensamento de Frege e, por seu atomismo lógico, o ideário de Russell, ambos fundamentais para a elucidação dos propósitos de Wittgenstein ao formular as teses de seu *Tractatus*, ao desenvolver sua análise crítica da linguagem baseada no *método lógico* e demonstrando que, como propõe em seu já citado prefácio, a formulação dos problemas filosóficos repousa sobre o mau entendimento, sobre a assimilação errônea da lógica profunda de nossa linguagem.

Propiciamente, **já no século XIX, ocorreu a chamada aritmetização da análise**, relevante conquista matemática: a fundamentação de toda a teoria dos números e das funções matemáticas sobre a aritmética elementar, a teoria dos números naturais. Lógicos como George Boole e Augustus De Morgan, além de uma nova linhagem de matemáticos como Georg Cantor, David Hilbert e Giuseppe Peano, ajudaram a preparar o terreno para as teorias de Gottlob Frege.

Vale designar que Boole, especialmente, teve enorme destaque, uma vez que obteve êxito em exprimir em notação matemática os princípios da lógica de Aristóteles. A partir desse momento, a lógica aristotélica passou a se fundamentar por meio de axiomas, isto é, por meio de verdades evidentes por si mesmas. A exemplo de outros matemáticos de sua época, Boole considerava que a lógica era um dos ramos da matemática, e não uma das áreas da filosofia.

Consentaneamente, dando continuidade a esse intento, o matemático, lógico e filósofo alemão **Gottlob Frege**³⁹ pretendia explicar o aspecto lógico dos processos de raciocínio, demonstrando os princípios lógicos que governam os raciocínios ou pensamentos humanos, a partir da análise lógica dos enunciados linguísticos do tipo declarativo. É desse objetivo que, de certa forma, advém o real sentido do *Tractatus* e o chamado “primeiro Wittgenstein”. Dentro desse panorama, a tarefa filosófica seria caracterizada pela perscrutação dos princípios ou regras lógicas que regem os pensamentos – não como objetos do tipo psicológico cuja natureza é subjetiva, mas como algo de caráter atemporal e objetivo.

³⁹ Segundo Glock (1998, p. 45): “A análise lógica ganhou ímpeto com a invenção do cálculo de predicados por Frege. A ‘conceptografia’ de Frege foi um instrumento concebido para derivar a aritmética de conceitos e princípios de raciocínio puramente lógicos. Tinha ademais, entretanto, a incumbência de livrar o ‘pensamento’ da tirania das palavras, lastimada desde Platão (*Notation* Pref.; *Posthumous* 6- 7, 253, 269- 70). A linguagem ordinária esconde as relações e articulações lógicas de conceitos e proposições, além de ser pródiga em ambiguidades e vagezas e de conter termos singulares vácuos, que levam a formação de proposições sem valor de verdade”.

Então, é de se exarar que Frege foi o precursor do que se conhece por lógica moderna, lógica matemática e filosofia analítica da linguagem, em uma abordagem que tentava, através da utilização da lógica, livrar o pensar humano da metafísica e das obscuridades engendradas pela utilização da linguagem natural, rompendo com a lógica tradicional, que era baseada na visão de que a proposição ou o juízo resultava da união entre conceitos com sentidos previamente determinados, que constituíam o sujeito e o predicado⁴⁰.

É conveniente realçar que essa “faxina” nas regras do bem pensar, porém, não era novidade, visto que foi uma empreitada que começara há mais de dois milênios, com a lógica clássica aristotélica, ou lógica formal, baseada em silogismos e nos princípios da identidade, da não contradição e do terceiro excluído, bem como com a geometria de Euclides. De outra banda, Frege, de igual maneira, demonstrou que a teoria kantiana das proposições matemáticas como “juízos sintéticos *a priori*” estava errada. Esse ponto, envolvendo tais juízos, será abordado posteriormente.

Insculpa-se que, para Frege, **a lógica era a fundamentação do pensamento humano**, logo a matemática não seria uma espécie de entidade mística, apartada da realidade; seria tão somente um ramo da lógica, uma projeção de nossa capacidade de pensar com clareza; portanto, a “desmistificação” da matemática também passava por uma depuração de seu significado, afastando-a da influência idealista e abstrata de Pitágoras e, conseqüentemente, das concepções de Platão, muito embora, para alguns autores, Frege ainda possuía um forte viés platônico em sua perspectiva da lógica e da matemática. Com efeito, ele não aceitava a epistemologia como ponto de partida da filosofia, o que, de certa forma, inverte muitos conceitos e abordagens a partir de Descartes.

Sua preocupação central era o significado. Em 1896, escreveu o memorável artigo denominado **Sobre o sentido e referência**, que discute alguns temas relacionados a essa questão. Ele aplica, então, sua lógica matemática à análise da linguagem, propondo um modelo matemático de função e argumento em substituição

⁴⁰ Para Frege, como veremos mais adiante com mais detalhes, os juízos (pensamentos) prevaleciam sobre os conceitos, isto é, em vez de ele construir juízos a partir de conceitos (como na lógica tradicional), ele deriva estes a partir da análise daqueles. Essa ideia está implícita em seu famoso “princípio do contexto”, o qual dizia que jamais se deveria perguntar pelo significado de uma palavra tomada isoladamente, ou somente no contexto de uma proposição as palavras possuiriam um significado. Ressalte-se, aqui, que o contexto ao qual ele se refere não é externo à proposição ela mesma, *i.e.*, a significação de uma palavra, segundo Frege, é determinada a partir de sua função dentro da estrutura da proposição completa da qual ela faz parte.

à análise aristotélica de sentenças, que era baseada em proposições do tipo sujeito e predicado. Na verdade, propunha como um argumento pudesse ser apresentado com rigor, livre das imperfeições como vagueza e ambiguidades próprias à linguagem comum ou natural.

Destaquemos que **é nesse artigo que encontramos a teoria do significado**, uma das principais contribuições de Frege à filosofia da linguagem em um sentido amplo, e não mais em um campo afeito a questões estritamente lógicas. Segundo essa teoria, haveria **três acepções acerca da realidade das proposições**: a questão do **sentido**, ou seja, aquilo que compreendemos, sendo o sentido (*Sinn*) de um signo o seu modo de apresentação; a questão da **referência**, isto é, aquilo de que se fala, sendo a referência de um signo o seu referente, ou seja, aquilo a que se refere; por fim, a questão da **verdade**, qual seja, se aquilo que se fala é verdadeiro ou falso, em relação ao real.

À vista disso, **diferentes tipos de signo envolvem diferentes tipos de referência**, isto é: a referência de um **nome próprio** é o objeto designado; a referência de uma **expressão predicativa** é o conceito; a referência de uma **sentença** é o seu valor de verdade. Por conseguinte, diante do exposto, pode-se aduzir que é possível para diferentes sentidos como “a estrela da manhã” e “a estrela da tarde” terem o mesmo referente (o planeta Vênus), assim como “o vencedor de lena” e “o vencido de Waterloo” também têm diferentes sentidos, mas o mesmo referente, qual seja, Napoleão Bonaparte⁴¹.

Convém ressaltar que, através de seu **“princípio do contexto”**, essencial para a lógica moderna, é que se aduz que **as proposições devem ter sentido e referência**⁴². Assim sendo, respectivamente, a distinção de significado entre sentido e referência seria, segundo Frege: o pensamento (*Gedanke*) é o conteúdo (em forma

⁴¹ O que é importante ressaltar, neste ponto da explanação, é que, para Frege, sentido (ou significado) e referência são coisas distintas, pois signos diferentes – que indicam modos de apresentação diferentes do mesmo objeto, como as expressões referenciais acima, e têm portanto sentido (significado) diferentes, podem ter a mesma referência. Ao estabelecer tal distinção, Frege pôde mostrar que a lógica e a aritmética não são estéreis - como Kant pensava -, pois podem ser também informativas.

⁴² Sobre tal corolário, fundamental no pensamento de Frege, podemos citar o trecho de sua obra **Sobre o sentido e a referência**. Revista Fundamento – Rev. de Pesquisa em Filosofia, v. 1, n. 3, p. 21-44, maio – agosto, 2011 [Trad. de Sérgio R. N. Miranda], p. 23: “A conexão regular entre o símbolo, seu sentido e a sua referência é tal que ao símbolo corresponde um sentido determinado, que por sua vez corresponde a uma referência determinada, enquanto à referência (a um objeto) não é só um símbolo que lhe corresponde. O mesmo sentido tem diferentes expressões em linguagens diferentes, até na mesma linguagem.”

de proposição) que as sentenças expressam, e a referência concerne aos objetos do mundo representados pelo conteúdo, isto é, objetos aos quais nos referimos na sentença. Diante disso, a distinção entre sentido e referência das expressões e das sentenças tornou-se peça central de muitas teorias lógico-analíticas contemporâneas sobre a significação, as quais exigem o tratamento ou análise da relação entre a linguagem e o mundo ou as coisas.

Frege, pertinentemente, construiu uma **lógica matemática (simbólica) que serve para mostrar a estrutura lógica profunda das sentenças**, utilizando a noção matemática de função para assinalar as propriedades ou predicados dos objetos de referência e assim determinar os valores de verdade (verdade ou falsidade) das asserções ou sentenças declarativas. Sua lógica matemática, nesse entendimento, **suplantou a antiga lógica aristotélica e acabou por tomar o seu lugar**.

Além disso, sua posição de que os erros filosóficos eram resultados de uma análise da linguagem baseada apenas na estrutura de superfície (a gramatical) das sentenças - e de que, para mostrar as fontes das confusões, era necessário analisar sua estrutura profunda (ou lógica), a fim de determinar o sentido, ou seja, seu valor de verdade, excluindo, dessa forma, toda visão metafísica, no tratamento da linguagem -, gerou intensos debates entre filósofos da linguagem da corrente hermenêutica e os metafísicos. **Sua concepção antipsicologista e objetiva do funcionamento da lógica foi fundamental para o avanço da filosofia analítica da linguagem**.

Vale contemplar que, posto que Wittgenstein e Frege tenham tido um relacionamento pessoal limitado, **as ideias de Frege sobre lógica, linguagem e significado tiveram um impacto profundo no *Tractatus***. Frege introduziu conceitos fundamentais, como já explanado, como a distinção entre sentido e referência, e sua obra *Begriffsschrift – Conceitografia*⁴³ -, de 1879, estabeleceu uma notação lógica que influenciou Wittgenstein.

A concepção de Frege sobre a função e o argumento, bem como sua visão de que a lógica é o fundamento da matemática, são princípios que ressoam ao longo do

⁴³ Neste livro, um dos mais importantes da história da lógica, Frege representa formalmente a estrutura dos enunciados lógicos, contribuindo para a implementação do cálculo de predicados, através da axiomatização da lógica de predicados, uma das fundações da lógica contemporânea. Em suma, nesta obra, Frege dá a sua maior e mais relevante contribuição para a lógica: a substituição da clássica distinção entre sujeito e predicado pela distinção entre função e argumento.

Tractatus. Reiteremos, pois, o consenso de que a influência que este que é considerado o desbravador da filosofia analítica da linguagem exerceu sobre o jovem Wittgenstein foi vital e avassaladora. Isso é nítido quando se examina a ênfase do *método lógico* para a análise filosófica.

Além disso, o filósofo vienense absorveu a ideia de que a linguagem de ser precisa e que a estrutura lógica da linguagem reflete a estrutura do mundo. Em consequência disso, as proposições têm uma *forma lógica* que deve ser compreendida para a apreensão de seu significado.

Sem dúvida, Gottlob Frege é um pensador que pode até passar despercebido em alguns círculos de abordagens filosóficas, mas tem um peso exponencial para o pensamento analítico contemporâneo. Amplamente reconhecido por ter estabelecido as bases da chamada lógica moderna, superando a lógica aristotélica tradicional, Frege, indubitavelmente, foi o pensador que construiu os alicerces da filosofia analítica da linguagem, promovendo uma espécie de refundação da lógica.

Acrescente-se, inclusive, que o impacto promovido por Frege se estende além da própria filosofia analítica da linguagem e da lógica. Sua insistência em clareza conceitual e rigor lógico tornou-se uma característica distintiva da filosofia analítica em geral, estendendo-se para outras áreas da filosofia. Demais disso, a revolução lógica iniciada por Frege também abriu caminho para desenvolvimentos em epistemologia e metafísica, ajudando a moldar debates sobre a natureza da verdade, da referência, da intencionalidade e da mente. Isso reverberou, outrossim, sua influência em áreas como a teoria do conhecimento, a filosofia da mente e a ontologia.

Além de Russell e Wittgenstein, Frege influenciou, de modo direto ou indireto, outros pensadores como Rudolf Carnap, Alfred Tarski⁴⁴, Willard Van Orman Quine⁴⁵, Michael Dummett, Alonzo Church, Donald Davidson, Saul Kripke⁴⁶, Hilary Putnam, entre outros. Esses filósofos ajudaram a expandir, criticar e desenvolver as ideias de Frege, moldando a filosofia analítica moderna e a lógica.

⁴⁴ Embora Tarski seja mais conhecido por sua contribuição para a teoria da verdade, sua abordagem formal e rigorosa da lógica e da semântica foi amplamente influenciada pelas ideias de Frege.

⁴⁵ Quine adotou e modificou várias das ideias de Frege, particularmente em relação à lógica e à filosofia da linguagem. Ele foi um crítico da distinção entre o analítico e o sintético, uma distinção que Frege e Carnap defendiam.

⁴⁶ Embora Kripke tenha seguido seu próprio caminho na filosofia da linguagem e lógica modal, algumas das discussões e problemas que ele abordou têm suas raízes nas questões levantadas por Frege sobre identidade e referência.

Continuemos expondo que **Bertrand Russell**⁴⁷, a seu turno, veio logo em seguida, com seu logicismo⁴⁸ baseado em trabalhos de Frege, bem como com seu **atomismo lógico** e sua “**teoria das descrições**”, fundamentais, no campo da lógica, para a empreitada de Wittgenstein na construção de seu *Tractatus*, ao utilizar a linguagem para apenas representar fatos ou fazer afirmações lógicas, afastando o pensamento e a linguagem de toda e qualquer expressão da metafísica. Em seu clássico *Principia Mathematica*, escrito em parceria com Alfred North Whitehead, Russell advoga que toda a matemática procede da lógica simbólica, isto é, não existem conceitos matemáticos que não possam ser reduzidos a conceitos lógicos. Tal obra constitui a maior contribuição de Russell à lógica, à filosofia e à matemática.

Como mentor e colaborador, registre-se, Russell desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das primeiras ideias de Wittgenstein, visto que este chegou a Cambridge em 1911 para estudar com aquele, e foi sob sua orientação que ele começou a explorar profundamente questões de lógica e filosofia da linguagem, ponto de partida para a futura elaboração do *Tractatus*. Portanto, sem sombra de dúvida, pode-se inferir que Russell foi uma figura central na vida intelectual de Wittgenstein.

Inicialmente, no Trinity College de Cambridge, Russell foi hegeliano, vinculando-se ao idealismo de Bradley. No entanto, sob influência de George Edward Moore,

⁴⁷ Consoante Glock (1998, p. 45), Russell perseguiu uma meta logicista semelhante à de Frege: “mas como parte de um projeto mais amplo, de inspiração cartesiana. Tentou justificar nossas visões científicas, primeiro analisando-as e em seguida reformulando-as em uma ‘linguagem logicamente perfeita’, menos vulnerável a ataques céticos. A teoria das descrições permitiu-lhe evitar entidades meinongianas, tais como o quadrado redondo, e também sustentar, contra Frege, que o princípio da bivalência se aplica até mesmo a proposições como ‘o atual rei da França é calvo’: analisando-se esta proposição, obtém-se a seguinte conjunção, que é falsa, e não destituída de valor de verdade, na hipótese de não haver um rei da França: ‘Ha um único objeto que é o atual rei da França, e este objeto é calvo’. Essa teoria sugere, além disso, que a forma gramatical predicativa esconde a forma lógica das proposições, o que permite a Russell levar adiante o projeto do reducionismo empirista, pela via da análise lógica e não de uma análise psicológica. O atomismo lógico busca analisar as proposições, decompondo-as em proposições atômicas que se refiram a dados dos sentidos. Inspirado por esse programa, Russell identificou a filosofia com a análise lógica de proposições (*External caps.* II-III; *Mysticism* 108-9, 148-9).” Além disso, convém assinalar que o chamado “**paradoxo de Russell**” revelou uma contradição no sistema lógico desenvolvido por Gottlob Frege. Frege foi pioneiro em criar um sistema formal para a lógica e a teoria dos conjuntos, que ele expôs em sua obra **Grundgesetze der Arithmetik** (Leis Fundamentais da Aritmética). Frege acreditava que toda a matemática poderia ser fundamentada em lógica pura e desenvolveu um sistema lógico detalhado para essa finalidade. Russell descobriu o paradoxo ao examinar a noção de “conjunto de todos os conjuntos” presente nas teorias de Frege. Em uma carta enviada a Frege em 1902, Russell explicou o paradoxo, o que imediatamente revelou uma falha fundamental na lógica de Frege. Isso foi devastador para Frege, pois a descoberta de Russell mostrou que seu sistema permitia contradições e não era consistente como ele acreditava.

⁴⁸ Conforme afirmam Branquinho *et al.* (2020, p. 510): “No domínio dos fundamentos da matemática e da filosofia da matemática, a teoria logicista propõe-se demonstrar a redutibilidade da matemática (pura) a proposições da lógica.”

outra mente brilhante da época e um dos primeiros filósofos analíticos, mudou seu ponto de vista e se libertou dos grilhões do idealismo, voltando à vereda do tradicional empirismo da filosofia britânica. A partir daí, desenvolve seu atomismo lógico, o qual se baseia, utilizando uma mistura entre um empirismo radical e uma lógica contundente, no corolário de que a lógica oferece as formas-padrão de raciocínio correto, ao passo que o empirismo oferece as premissas, que são proposições atômicas ou proposições complexas, construídas a partir das primeiras. A proposição atômica descreve um fato, afirma que uma coisa tem certa qualidade ou que determinadas coisas têm certas relações, ao modo das ciências naturais. Um fato atômico, nessa perspectiva, é o que torna verdadeira ou falsa uma proposição atômica. “Sócrates é ateniense” é uma proposição atômica, que expressa o fato de Sócrates ser cidadão ateniense. Já “Sócrates é mestre de Platão” é outra proposição atômica. “Sócrates é ateniense e mestre de Platão” é uma proposição complexa ou molecular. Essas ideias reaparecerão no *Tractatus*, de Wittgenstein.

Por outro lado, **com sua “teoria das descrições”, Russell apresenta uma visão suavemente distanciada de Frege.** Este observara que expressões como “a estrela da manhã” e “a estrela da tarde ou estrela vespertina”, conquanto indicando o mesmo planeta Vênus, dizem coisas deferentes, apresentando sentidos diferentes. Desse modo, ele fizera a distinção entre sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*), ou entre conotação e denotação. As duas expressões, dentro desse raciocínio, têm iguais significados ou a mesma denotação, isto é, indicam o mesmo objeto, enquanto o seu sentido ou conotação, ou seja, o que dizem desse objeto, é diferente. Russell muda um pouco essa avaliação, no programa logicista, asseverando, em suma, com sua teoria das descrições, que **as expressões denotativas são incompletas**, ou seja, são incapazes de ter significado por si só e se distinguem claramente dos nomes próprios, os quais, considerados isoladamente, têm significado.

Pelo exposto, a teoria das descrições parte da ótica de que **a forma gramatical das sentenças não representa sua forma lógica**⁴⁹, a qual deve ser revelada pela

⁴⁹ Segundo Glock (1998, p. 178-179): “A forma lógica de uma proposição é sua estrutura tal como parafraseada na lógica formal, com o objetivo de revelar os aspectos relevantes para a validade dos argumentos em que ocorre. A ideia remonta a Aristóteles e à sua invenção da formalização lógica por meio de variáveis. O termo ‘forma lógica’ foi introduzido no século XIX, mas só passa a ter uso generalizado quando Frege inventa o cálculo de predicados, substituindo a ideia de que todas as proposições consistem em sujeito e predicado por uma análise complexa baseada no conceito de função, e sugerindo que há muitos tipos diferentes de proposições, que divergem em sua estrutura ou

submissão das sentenças a uma análise lógica, a uma decomposição de sua estrutura, examinando isoladamente seus termos. Esse método supõe a existência de uma linguagem lógica na qual a relação com a realidade possa ser expressa de maneira mais clara e correta, evitando, pois, equívocos, confusão, vagueza e conjecturas desnecessárias, contribuindo para a fundamentação da ciência e para a eliminação de problemas típicos da metafísica especulativa, como a existência do não ser ou do nada. Assim, pode-se dizer que, embora Frege e Russell compartilhem os mesmos objetivos, propostas e preocupações filosóficas, este filósofo apresenta algumas nuances de interpretação sutilmente diferentes daquele, no que tange a expressões denotativas, como exposto no parágrafo anterior.

No *Tractatus*, nota-se a aplicação das concepções de Wittgenstein a respeito da lógica aos problemas da filosofia analítica da linguagem e aos fundamentos da matemática. Como bem observou Frederick Copleston, **foi Wittgenstein que persuadiu Russell a compreender que as proposições da lógica e da matemática pura são “tautologias”⁵⁰**. Contudo, inobstante serem surpreendentemente originais e inquietantes, **as ideias de Wittgenstein são extensões e simplificações da obra e do pensamento de Frege e Russell**. Assim sendo, ele não se demora em longas elucubrações: **no texto tractatario não há axiomas, nem provas ou quase nenhuma lógica simbólica**, muito embora suas considerações apontem os fundamentos da forma como a lógica simbólica é ensinada no meio acadêmico hodiernamente.

Além disso, em que pese Wittgenstein nunca ter usado o termo “atomismo lógico”, sua intelecção é semelhante à de Russell. Esse aspecto torna-se evidente quando se observa, no *Tractatus*, que todas as proposições complexas ou compostas são construídas de funções de verdade de proposições atômicas. Essas funções são dispostas em tabelas de verdade que, posteriormente, vieram a ter inúmeras aplicações no próprio terreno da filosofia, na matemática, na engenharia e na programação de computadores.

forma. Russell foi o primeiro a explorar consequências metodológicas dessa ideia. A filosofia é análise lógica; estuda a forma lógica das proposições.”

⁵⁰ Cf. COPLESTON, 2023, p. 473. *A posteriori*, o termo – tautologia – posto aqui entre aspas e no plural, para fins de destaque, será devidamente esmiuçado, de acordo com a cronologia expositiva deste trabalho.

É de se atinar que, **antes da publicação do *Tractatus*, havia quatro explicações sobre a natureza da lógica.** No painel de John Stuart Mill, proposições lógicas eram generalizações indutivas extremamente bem elaboradas. Segundo o psicologismo, as verdades lógicas ou “as leis do pensamento” descreviam a forma como os seres humanos normalmente pensam. Contra ambas as acepções, platonistas como Frege arguíam que verdades lógicas eram objetivas e necessárias, além de sustentarem que objetos lógicos e pensamentos eram entidades abstratas que habitavam uma espécie de “terceiro reino”, além do espaço e do tempo. Por fim, Russell defendia que as proposições da lógica eram verdades gerais sobre os traços mais evidentes da realidade. Com seu *Tractatus*, Wittgenstein critica e reformula as quatro concepções anteriormente mencionadas⁵¹.

Ademais, o movimento do empirismo lógico, particularmente os trabalhos dos filósofos do Círculo de Viena, também influenciou Wittgenstein, ainda que, no início, parecesse ter sido o próprio Wittgenstein que os influenciou. O empirismo lógico enfatizava a importância da verificação empírica e a rejeição de declarações metafísicas sem sentido. Conquanto Wittgenstein seguidamente se distanciasse das interpretações do *Tractatus* empreendidas pelos membros do Círculo de Viena, suas ideias sobre a estrutura da linguagem e os limites do significado refletiam preocupações comuns ao empirismo lógico.

É possível constatar que, **em sua “virada linguística”, o então jovem filósofo opera uma mudança na compreensão da lógica**, que, de certa forma, desqualifica grande parte do discurso filosófico, uma vez que este se refere a um objeto que, no mais das vezes, decorre da *forma lógica* do que se diz. Tal ilação vai para bem mais além do discurso metafísico tradicional e de seus respectivos problemas e aporias, visto que, inobstante, se situe na continuidade do pioneirismo de Frege e Russell,

⁵¹ Segundo o entendimento de Glock (2011, p. 41): “O *Tractatus* de Wittgenstein (1922) põe de escanteio todas as quatro alternativas. As proposições da lógica como ‘(pv~p)’ não são nem generalizações indutivas nem descrições de como as pessoas pensam, de um *mundo de fundo* platonista ou dos traços mais difundidos da realidade. Antes, elas são ‘tautologias’ vazias. Elas não dizem nada, dado que combinam proposições empíricas de tal maneira que toda informação fatural se anula. ‘Está chovendo’ diz alguma coisa sobre o tempo – verdadeiro ou falso – e assim o faz ‘não está chovendo’. Mas, ‘Ou bem está chovendo ou não está chovendo’ não diz.” E continua mais adiante: “Assim como as proposições lógicas não são afirmações sobre uma realidade especial, as constantes lógicas (conectivos e quantificadores proposicionais) não são nomes de entidades lógicas peculiares, tal como Frege e Russell supuseram. Antes, expressam as operações verofuncionais por meio das quais proposições complexas são criadas a partir de outras mais simples.”

sendo por eles fortemente influenciada, ela, de igual modo, rejeita uma parte do trabalho de ambos, superando-os.

Logo, impõe-se demarcar que a influência recebida pelo *Tractatus* em sua parte “mística” será melhor explanada e esmiuçada no terceiro capítulo deste trabalho. Portanto, não nos deteremos agora a analisar o peso que filósofos como Kant, Schopenhauer ou Kierkegaard tiveram sobre o jovem Wittgenstein, uma vez que essa influência não foi de ordem lógica. Em momento oportuno, essas sondagens serão encetadas, dentro do plano didático de nosso trabalho.

3 TRACTATUS: MODO DE USAR

3.1 A estrutura do *Tractatus*: suas teses fundamentais e seus desdobramentos

A partir de agora, adentraremos a estrutura do *Tractatus*, mostrando como a obra expõe a estrutura do mundo e a estrutura da linguagem, além de delinear, nos tópicos posteriores, a *teoria da afiguração*, o *isomorfismo* e a *teoria pictórica*, conceitos fundamentais para a focalização e interpretação do pensamento do jovem Wittgenstein.

Assinale-se que, com relação aos pressupostos e à estrutura da obra, assevera Zilles⁵² (1994, p. 32): “O *Tractatus* é animado por um projeto de índole kantiana. Visa a traçar os limites do que se pode pensar e representar pela linguagem com o objetivo de discernir a legitimidade das pretensões teóricas da filosofia.” Dentro dessa perspectiva, os temas fundamentais do livro são, pois, a lógica, a linguagem e o mundo, além das relações que esses elementos estabelecem entre si, dentro de um contexto de explicação da natureza das sentenças.

Nesse seguimento, o *Tractatus* não é uma obra filosófica convencional, dentro dos padrões da grande tradição filosófica ocidental. Afora seu prefácio, seu discurso não apresenta raciocínios concatenados, mas uma sequência de proposições ou sentenças sob a forma de aforismos, que constituem uma espécie de gênero literário cuja característica principal é a explanação de ideias de maneira concisa ou compactada. Além disso, nele não há introdução, conclusão ou capítulos, sendo todo o seu conteúdo exposto dentro de um sistema numérico hierarquicamente ordenado, que determina, segundo o autor, em nota explicativa no início da obra, o peso lógico-argumentativo de seus enunciados na estrutura geral do livro.

Dessa forma, asseveremos que a maioria dos intérpretes do *Tractatus* entende que as **sete teses fundamentais** do texto devem ser divididas em **quatro subgrupos**,

⁵² Professor na PUCRS, o Monsenhor Urbano Zilles é um sacerdote católico do clero da Arquidiocese de Porto Alegre, com vasta obra sobre filosofia, teologia e religião. Sua visão acurada sobre o *Tractatus*, em seu livro **O racional e o místico em Wittgenstein**, foi de enorme importância para o nosso estudo. Defendemos ser importante a inclusão do pensamento de autores advindos do meio teológico, que trazem um entendimento com percepções de nuances um pouco menos usuais e diferentes daquelas que constituem um conhecimento mais hegemônico acerca do “primeiro Wittgenstein”. Nesse sentido, também, é relevante a presença, em nosso projeto, do padre jesuíta, filósofo e historiador da filosofia Frederick Copleston, famoso por sua influente obra **História da Filosofia**.

a saber: 1. **Ontologia do *Tractatus*** (primeira e segunda teses), que abarca, em seu cerne, os conceitos de fato, estado de coisas e objeto, ou seja, a estrutura do mundo a ser descrito pela linguagem; 2. **Movimento de passagem da ontologia para a epistemologia** (terceira tese), que abrange o pensamento e suas relações com o mundo; 3. **Estrutura da linguagem em si** (quarta, quinta e sexta teses), ou seja, sua estrutura interna, seus mecanismos, a distinção entre o *dizer* e o *mostrar*, isto é, o limite entre o que pode ser dito claramente por meio de proposições e aquilo que, por não poder ser dito, no mundo da linguagem, só deverá ser mostrado; 4. **Conclusão final de sua crítica à linguagem** (sétima e última tese), que, na verdade, é um corolário do que já está explicitado por Wittgenstein no prefácio da obra, asseverando que o que se pode em geral dizer pode-se dizer claramente, ao passo que sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar, encerrando, nesse seguimento, pelos próprios limites impostos à linguagem pelo mundo, qualquer tipo de discussão ética, metafísica, estética, ou religiosa. Muito menos lógica, porquanto a lógica, meio através do qual a linguagem se conforma ao mundo (que é o *isomorfismo* lógico em si, que abordaremos neste capítulo), não pode falar sobre si mesma, pois é transcendental⁵³ - algo que será explicado subsequentemente, ao fazermos um cotejo entre o texto *tractatario* e alguns conceitos kantianos.

Nesse seguimento de raciocínio, pode-se inferir que a parte restante do *Tractatus* consiste em explicações ou desdobramentos dessas teses. Há um sistema de numeração empregado nos aforismos ou proposições que parece indicar diversos planos possíveis de leitura dentro da obra, como também diferentes formas de exegese, com variadas linhas concatenadas de raciocínios. Para alguns hermeneutas wittgensteinianos, tal itinerário não está muito bem delineado, dando margem a variadas interpretações no que tange ao melhor caminho a ser seguido.

A última tese tenta estabelecer um limite entre o mundo da ciência e a metafísica. Entenda-se aqui metafísica como tudo que não pode ser descrito pelo *método lógico*, através de enunciados declarativos verdadeiros. A visão de Wittgenstein, em muitos momentos, parece ser dicotômica: de um lado, há o mundo, a realidade, o que pode ser descrito; do outro, a linguagem, o sentido das palavras e das sentenças. O que une as duas realidades é a *forma lógica*. É a partir da análise dessa intrincada relação entre o caráter factual do mundo e a estrutura lógica, sintática e semântica da

⁵³ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.13, p. 245.

linguagem que serão delineados os conceitos a seguir estudados neste capítulo, tais como a *teoria pictórica da linguagem*, o *isomorfismo*, a *teoria da afiguração* e outras formulações atinentes ao tema.

Pelo exposto, convém, outrossim, para finalizar este tópico, trazer ao debate a **visão de Glock** (1998, p. 357) sobre a estrutura do *Tractatus*, dada a importância desse intérprete:

O *Tractatus* se divide em quatro partes, que correspondem aos estágios de seu desenvolvimento: a teoria da lógica (1912-14), a teoria pictórica (1914), a discussão sobre a ciência e a matemática (1915-17) e a discussão sobre o místico (1916-17). A estrutura do livro é a seguinte:

Ontologia (1-2.063): embora o *Tractatus* trate da representação simbólica (Pref.), inicia-se com uma ontologia, uma vez que a natureza da representação e daquilo que representa (pensamento/linguagem) mantêm com a natureza do que é representado (a realidade) uma relação de isomorfia.

Figuração (2.1-3.5): tendo alegado que o mundo é a totalidade dos fatos, o *Tractatus* passa a investigar um subconjunto dessa totalidade, a saber, as figurações, em particular as PROPOSIÇÕES, isto é, fatos que são capazes de representar outros fatos.

Filosofia (4-4.2): distinguindo-se da ciência, a filosofia não consiste em proposições, uma vez que a forma lógica que a linguagem e a realidade têm em comum não pode ser expressa em proposições significativas, mostrando-se antes nas proposições empíricas (ver DIZER/MOSTRAR).

Teoria da lógica (4.21-5.641, 6.1-6.13): Wittgenstein utiliza operações verofuncionais para explicar a construção de proposições moleculares a partir de proposições elementares, proporcionando, com isso, uma explicação para a FORMA PROPOSICIONAL GERAL. Utiliza-os, além disso, para determinar que as proposições lógicas são tautologias.

Matemática (6-6.031, 6.2-6.241): a matemática é também explicada como um aspecto das operações lógicas por meio das quais as proposições são derivadas umas das outras.

Ciência (6.3-6.372): a ciência é tratada, em um espírito hertziano, como algo que contém elementos a priori, a rede de nossa descrição do mundo.

Misticismo (6.373-6.522): o valor ÉTICO e o valor ESTÉTICO são inefáveis.

Jogando a escada fora (6.53 e seg.): o *Tractatus* ambiciona indicar os limites do dizível, mas reconhece que seus próprios dizeres em muito os ultrapassam. Deveriam ser usados como uma escada, que possa ser derrubada tão logo se tenha subido. "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar" (7).

3.2 A estrutura do mundo segundo o *Tractatus*: objetos, fatos, estados de coisas e polêmica acerca da natureza dos objetos tractarianos

Para Wittgenstein, o mundo é composto por fatos, não por coisas isoladas. Essa perspectiva é apresentada na primeira proposição ou primeira tese do *Tractatus*: "O mundo é tudo o que é o caso."⁵⁴ Nesse cenário, **o mundo é uma totalidade de**

⁵⁴ WITTGENSTEIN, 1993, § 1 ou primeira tese, p. 129.

fatos, não de objetos. À vista disso, os fatos são estados de coisas (*Sachverhalte*) que consistem em objetos (*Gegenstände*) em relações determinadas entre si. Em outras palavras, portanto, **um fato é uma combinação de objetos.** Tal concepção é exposta na segunda proposição ou segunda tese da obra: “O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.”⁵⁵

Vale grifar que os estados de coisas, segundo Wittgenstein, possuem uma estrutura interna que é essencial para sua existência. Essa estrutura, pois, é a forma como os objetos estão organizados e relacionados entre si. Cada estado de coisas (*Sachverhalte*) pode ser verdadeiro ou falso, a depender de sua existência ou inexistência no mundo. Os objetos que compõem os estados de coisas têm propriedades e estão em relações específicas. A estrutura dessas relações é o que Wittgenstein chama de **forma lógica do mundo.** A *forma lógica*, nesse seguimento, é a possibilidade de organização dos objetos de modo que constituam estados de coisas.

Congruentemente, os objetos, a seu turno, são os elementos constitutivos dos estados de coisas. Eles são substâncias, no sentido de que são a base invariável da estrutura do mundo. Wittgenstein destaca que os objetos são independentes em termos de sua existência, mas dependentes em termos de sua relação uns com os outros dentro dos estados de coisas.

Urge evidenciar que **a forma lógica do mundo é essencial para entender como os objetos podem ser organizados.** Desse modo, a lógica, para Wittgenstein, é transcendental porque define os limites da estrutura do mundo, isto é, a lógica não descreve o mundo, mas sim determina a forma de qualquer estado de coisas possível.

Assim sendo, uma das contribuições mais inovadoras de Wittgenstein no *Tractatus* é a **teoria da representação pictórica.** Ele propõe que a linguagem funciona como um quadro que representa estados de coisas. As proposições são imagens ou figuras do mundo, que podem ser verdadeiras ou falsas, dependendo de sua correspondência com os fatos.

Tempestivamente, na proposição 2.1, Wittgenstein afirma: "Figuramos os fatos"⁵⁶, ou seja, nós fazemos para nós mesmos imagens dos fatos. Essas **imagens (ou representações) – Bilder** - compartilham com os fatos uma estrutura lógica

⁵⁵ WITTGENSTEIN, 1993, § 2 ou segunda tese, p. 129.

⁵⁶ *Ibid.*, § 2.1, p. 135.

comum, a *forma lógica*. Logo, uma proposição significativa é aquela que pode ser uma imagem lógica de um estado de coisas possível.

Nessa linha de exegese, a lógica desempenha um papel crucial na estrutura do mundo conforme o texto tractariano. A sexta tese ou sexta proposição declara: "A lógica é transcendental." Isso significa que a lógica não é uma descrição do mundo, mas a condição de possibilidade de qualquer descrição do mundo. A lógica, *ad hunc modo*, determina as formas possíveis de estados de coisas do mundo que podem ser representados pela linguagem e, por extensão, ela determina as formas possíveis de proposições. As leis da lógica são, portanto, tautologias - proposições que são verdadeiras em virtude de sua forma, não porque descrevem uma realidade factual.

Wittgenstein sustenta, convenientemente, que **os limites da linguagem são os limites do nosso mundo**. Na proposição 5.6, ele diz: "*Os limites da minha linguagem* significam os limites do meu mundo."⁵⁷ A estrutura do mundo, então, em uma acepção descritiva da linguagem, é também a estrutura da linguagem, na medida em que a linguagem representa o mundo. Isso leva Wittgenstein à conclusão de que sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar. Esta é a sétima e última tese do *Tractatus*: "O que se pode dizer deve ser dito claramente; sobre o que não se pode falar, deve-se calar." A estrutura do mundo - que é constituída de fatos - está intimamente ligada à estrutura da linguagem - que serve para representar ou retratar os fatos -, e a lógica - que é a condição formal necessária para mostrar a estrutura comum entre essas duas esferas, serve de ponte de ligação.

Impõe-se sinalizar que o *Tractatus*, por conseguinte, oferece uma visão rigorosa e estrutural do mundo, onde **fatos, objetos, estados de coisas e lógica são interdependentes**. A estrutura do mundo - ou como os fatos são organizados, *i.e.*, inter-relacionados - é mostrada através da lógica que determina as formas possíveis de estados de coisas representados nas diferentes formas de proposições possíveis. Wittgenstein propõe que o mundo é a totalidade dos fatos e que a linguagem é uma imagem lógica desses fatos. Com isso, ele estabelece uma visão na qual **a lógica transcende e estrutura (ordenação *a priori*) tanto o pensamento (proposições com sentido) quanto a realidade (fatos)**.

Vale distinguir que, com relação à estrutura do mundo e à ontologia, as ligações entre objetos (temas das primeira e segunda teses) são variáveis e instáveis, ao passo

⁵⁷ WITTGENSTEIN, 1993, § 5.6, p. 229.

que os objetos em si são fixos, ou seja, são eles que constituem o que há de comum em todas as figurações possíveis do mundo. **É neste ponto que começa a surgir a delimitação ou recorte da realidade, na crítica da linguagem operada por Wittgenstein**, fixando um limite ao pensamento e à experiência operado pela própria linguagem. A significação linguística de um nome está umbilicalmente ligada à existência de um objeto que ele nomeia, uma vez que, se os objetos não existissem, os nomes não teriam significado algum.

Diante disso, **a figuração lógica dos fatos é o pensamento, sendo este a proposição com sentido**⁵⁸. O que faz de uma proposição a figuração de um fato é que ela obedece a uma espécie de **método de projeção**, que seria a relação projetiva entre os signos da linguagem e os fatos do mundo que eles podem expressar/representar. Portanto, essa é uma das teses centrais do texto tractatário, isto é, o pensamento, através da linguagem, representa projetivamente o mundo, ou seja, a estrutura lógica da linguagem (as proposições) deve corresponder à estrutura ontológica da realidade (os fatos).

Nesse sentido, por si só, o nome não é, para Wittgenstein, uma figuração do objeto, ou seja, sozinho nada diz. Somente por meio da combinação de nomes é que é possível figurar a realidade. *Pari passu* podemos aduzir que o centro da teoria da linguagem como figuração encontra-se nas sentenças declarativas ou asserções, isto é, toda linguagem é uma figuração ou retrato do mundo.

Por oportuno, aqui, cabe traçar um questionamento de extrema importância – e não inteiramente respondido pelos comentadores e intérpretes - na crítica wittgensteiniana: **os objetos tractatários são de natureza puramente lógica ou podem ser encontrados em alguma parte do mundo?** Visto que constituem a forma do mundo, da própria realidade, os objetos, para boa parte dos intérpretes do “primeiro Wittgenstein”, seriam transcendentais e, ao fim e ao cabo, não poderiam possuir propriedades empíricas, palpáveis, tangíveis. Tampouco poderiam ser confundidos com as coisas no mundo, muito menos poderiam ser encontrados nele.

Dessa maneira, pensemos que, **para Wittgenstein, não se pode encontrar, no mundo, algo que possua as características dos objetos**. Observe-se, aqui, que **o filósofo age como um lógico**. Por esse motivo, ainda que pudéssemos encontrar algo no mundo que possuísse as características de objetos, tal empreitada ficaria a

⁵⁸ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 4 ou quarta tese, p. 155.

cargo dos físicos, e não de um lógico, como era o seu caso, já aqui explanado. Talvez esse seja a chave para a compreensão dessa parte do livro, muito embora entre em choque com o que boa parte da crítica de natureza mais empírica assevera sobre os objetos tractarianos.

Perante o exposto, no entanto, é coerente marcar que, **para os comentadores que defendem que os objetos do *Tractatus* são de natureza puramente lógica, eles não são seriam entidades físicas reais, mas sim possibilidades lógicas da existência em si do mundo**, ou seja, as possibilidades lógico-transcendentais da existência de todo e qualquer mundo. Note-se aqui, dessa forma, uma forte aproximação lógica e epistemológica entre Wittgenstein e **Kant**, no que tange à utilização de formulações envolvendo objetos transcendentais, e entre Wittgenstein e **Leibniz**, no tocante à sondagem da existência de todo e qualquer mundo, dentro de uma perspectiva lógica e ontológica.

Reforcemos aqui o que foi explanando a respeito da influência de **Alexius Meinong** sobre o “primeiro Wittgenstein”, especialmente na concepção de objetos. A noção de que objetos podem ser pensados sem necessariamente existir pode ser vista no *Tractatus*, onde Wittgenstein faz uma distinção entre a existência de estados de coisas e a possibilidade lógica de tais estados. Conforme dito anteriormente, Wittgenstein escreve, por exemplo, sobre a estrutura lógica do mundo que inclui todos os estados de coisas possíveis, não apenas os que de fato existem. Isso reflete a distinção meinonguiana entre existência e subsistência.

Além disso, como já visto, a visão de Meinong sobre objetos e suas propriedades também pode ter influenciado a forma como Wittgenstein concebeu a relação entre lógica e mundo. No *Tractatus*, por conseguinte, Wittgenstein afirma, também ecoando uma linha kantiana, que a lógica é transcendental e espelha a estrutura do mundo. Tal concepção pode ser vista como um desenvolvimento da tentativa de Meinong de entender como podemos ter proposições verdadeiras sobre objetos que não existem, sugerindo que a lógica, de certa forma, transcende a mera existência física dos objetos.

De toda sorte, atenha-se que **as concepções wittgensteinianas acerca dos fatos e dos objetos, em sua primeira fase de produção intelectual, são extremamente problemáticas**, sendo, em tal caso, motivo de investigações e críticas posteriores a este tópico, ao longo do trabalho. Há autores que enxergam tais

concepções de modo mais pragmático, empírico e factual, ao passo que outros seguem uma linha um tanto idealista, enxergando o ideário lógico wittgensteiniano de forma mais abstrata e menos palpável.

É interessante o entendimento de Hottois (2008, p. 405): “Um problema crucial no *Tractatus* é que Wittgenstein não pôde indicar quais são os objetos elementares ou atômicos do mundo nem precisar quais são os nomes elementares correspondentes, cuja a base ofereceria a base de qualquer discurso.”

Retomando o raciocínio inicial, observe-se que a combinação ordenada (ligação) de objetos constitui estados de coisas⁵⁹, ou seja, “na lógica, nada é casual”⁶⁰; “no estado de coisas os objetos se concatenam, como os elos de uma corrente”⁶¹; “no estado de coisas os objetos estão uns para os outros de uma determinada maneira.”⁶²

Isso posto, é de se anotar que, para Marques⁶³ (2005, p. 37), em suma:

o *Tractatus* apresenta uma ontologia segundo a qual o mundo é composto por ligações existentes entre objetos. Essas ligações são variáveis e instáveis, sendo perfeitamente concebível que fossem outras as ligações e, desse modo, que fosse outra a face do mundo. É a existência ou não dessas ligações que faz com que as proposições elementares, que projetam modelos delas, sejam verdadeiras ou falsas. Os objetos que constituem as ligações existentes no mundo são, ao contrário dessas ligações, fixos e imutáveis, constituindo-se no que há de comum a todas as configurações possíveis de mundo. (...) Uma vez que o estabelecimento da relação afiguradora entre nome e objeto pressupõe o compartilhamento da mesma forma lógica entre ambos, basta que os nomes sejam empregados de acordo com suas regras sintáticas de uso, que determinam sua forma, para que os signos proposicionais nos quais eles ocorram possuam sentido, isto é, para que eles projetem um modelo de uma conexão possível de objetos.

Atentemos que o peso da lógica é muito forte nesta parte inicial do *Tractatus*. Sua noção de mundo remete a qualquer mundo onde só ocorram fatos lógicos. Não custa rememorar a primeira tese fundamental da obra: “O mundo é tudo que é o caso.”⁶⁴ E o que seria o caso? “O que é o caso, o fato, é a existência de estado de coisas.”⁶⁵

⁵⁹ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 2.01, p. 129.

⁶⁰ Cf. *ibid.*, § 2.012, p. 129.

⁶¹ *Ibid.*, § 2.03, p.135.

⁶² *Ibid.*, § 2.031, p. 135.

⁶³ É relevante, para este projeto, trazer à tona posições como a do Professor Dr. Edgar Marques, que é uma das maiores autoridades brasileiras no que tange ao conhecimento da obra de Wittgenstein.

⁶⁴ WITTGENSTEIN, *op. cit.*, primeira tese, p. 129.

⁶⁵ *Ibid.*, segunda tese, p. 129.

Nesse seguimento de raciocínio, convém delinear o que **Glock** (1998, p. 136) define como “**espaço lógico**”:

O *Tractatus* não define o termo "espaço lógico", mas este se refere ali, claramente, ao conjunto total de possibilidades lógicas. O espaço lógico está para a "realidade", para a existência e a inexistência de estados de coisas (TLP 2.05), assim como o potencial está para o atual. O termo transmite a ideia de que as possibilidades lógicas formam uma "armação lógica" (TLP 3.42), um agregado sistemático semelhante a um sistema de coordenadas. O mundo são "os fatos no espaço lógico" (TLP 1.13), uma vez que a existência contingente de estados de coisas encontra-se imersa em uma ordem a priori de possibilidades.

Ante o exposto, a totalidade dos fatos determina, pois, tudo o que ocorre e também tudo o que não ocorre, ou seja, o que é o caso e também tudo que não é o caso.⁶⁶ Novamente, Zilles (2005, p. 40) arremata de forma precisa: “Se o mundo é tudo que ocorre, a totalidade dos fatos é, como tal, um fato: por outro lado, é também a totalidade das possibilidades e, como tal, limita o que ocorre e o que não ocorre.”

Recuperando o entendimento de que uma considerável parte dos hermeneutas enxerga os objetos tractarianos como parte do mundo tangível, é cristalina, de igual forma, a distinção do mesmo Urbano Zilles, em raciocínio mais concreto e didático, seguindo uma linha de exegese mais empírica e objetiva:

Fatos (*Tatsachen*) são diferentes de estados de coisas (*Sachverhalte*). Ambos pertencem à categoria dos fatos. Entretanto, o *fato* sempre se refere a algo que realmente ocorre e o *estado de coisas* figura algo que possivelmente ocorre. Assim, o conteúdo da proposição “Collor sucedeu a Sarney na presidência do Brasil” é um fato, porque ocorreu. Não é apenas uma afirmação. Se disser que “Sarney sucedeu a Collor”, afirmo um possível estado de coisas, mas não é um fato, porque não ocorreu. Se uma proposição elementar corresponde a um estado de coisas que ocorre, é verdadeira; do contrário, é falsa. Todos os *estados de coisas* são estruturas logicamente possíveis (*op. cit.*, p. 40).

Em vista disso, conclui-se, nesse contexto, este tópico, apresentando algumas visões discrepantes, de variadas matizes de leituras e tradições filosóficas, acerca da natureza dos objetos tractarianos. Registremos nosso entendimento que, a depender do contexto, aplicar-se-á a forma mais cabível de exegese.

⁶⁶ WITTGENSTEIN, 1993, § 1.12, p. 129.

3.3 A estrutura da linguagem segundo o *Tractatus*: o isomorfismo, a teoria pictórica e a teoria da afiguração

Inicialmente, convém destacar que, como já explanado, há diferentes conceitos envolvendo a questão do sentido e do significado, os quais mudam de um filósofo para outro. A visão de Frege é uma, ao passo que a de Russell difere sutilmente dela. O entendimento de Wittgenstein condensa e simplifica tais interpretações, postulando uma função essencial da linguagem como descritiva e representacional.

Sob esse prisma, a linguagem deve servir de imagem ou espelho fiel da realidade. Tal concepção exclui todos os usos da linguagem além dos científicos, descritivos ou informativos. Esse é uma linha exegética abraçada por Hottois (2008, p. 404), que assevera:

Embora seja, portanto, muito parcial, é preciso reconhecer que essa concepção domina a história e o projeto da filosofia ocidental. Enquanto ontologia ou metafísica, ela teve, desde sua origem, como ambição, produzir em palavras o quadro verdadeiro e definitivo do real mais fundamental. A filosofia privilegia a linguagem da representação verdadeira (a logoteoria).

Sobre a abordagem da linguagem encetada no *Tractatus* por Wittgenstein, sob o viés do signo linguístico, convém destacar, mais uma vez, o prisma de Pinto (1998, p. 174): “É digna de nota a maneira pela qual ele constrói uma teoria original do signo linguístico, articulando harmonicamente o postulado transcendental com a *Teoria Pictórica* e com as noções de sentido e significado.”

Em que pese o conceito de *forma lógica* já ter sido delineado anteriormente, cabe, aqui, neste tópico, trazer à baila a visão de Moreno (2000, p. 23), no intuito de enfatizar a importância cabal dada à linguagem pela obra tractariana:

Começamos, aqui, a vislumbrar o outro aspecto que permite compreender a função representativa da linguagem: é possível que a proposição represente o fato na medida em que há uma *forma comum* a ambos os domínios: é a *forma lógica* ou *forma da realidade*. A tarefa do *Tractatus* reside, justamente, em colocar em evidência essa forma lógica da linguagem e do mundo, por meio da análise interna da linguagem, estabelecendo, dessa maneira, limites à expressão linguística do pensamento. Vemos, assim, como são complementares os dois pontos de vista: o mundo, fornecendo a noção de *substância*, e a linguagem, fornecendo a noção de *forma de representação*. Essas duas noções não são senão as duas faces de uma mesma moeda: a *forma lógica*.

Assim, mais adiante, Moreno (2000, p. 25) arremata:

O tema central do filósofo do *Tractatus* é assim, a *forma lógica* ou *forma de representação*. Quando, então, no *Tractatus*, Wittgenstein analisa a linguagem, esta não é abordada como *corpus* empírico, mas como variedade de articulações lógicas possíveis.

Feita essa pequena introdução a este tópico, dessa forma, é imprescindível delinear alguns conceitos que envolvem a estrutura da linguagem segundo a ótica tractariana, comparando semelhanças e diferenças entre seus elementos.

De início, cabe mencionar que o conceito de **isomorfismo** no *Tractatus* refere-se à correspondência estrutural entre a linguagem e o mundo. Para Wittgenstein, a linguagem é capaz de representar o mundo porque há uma congruência de forma entre as proposições e os estados de coisas no mundo. Esta relação é essencial para que as proposições tenham sentido e sejam verdadeiras ou falsas. Wittgenstein expressa essa ideia de *isomorfismo* na já citada proposição 2.1: "Figuramos os fatos" ou, em algumas traduções, "Nós fazemo-nos figuras dos fatos". Ou seja, a linguagem cria representações que compartilham uma estrutura comum com os fatos que descrevem. Nessa condição, a estrutura lógica da proposição linguística reflete a estrutura lógica do estado de coisas do mundo que ela representa.

Ponderemos que o *isomorfismo* implica que tanto as proposições quanto os estados de coisas são compostos de elementos que se relacionam entre si de maneira similar. Assim como um fato no mundo é composto por objetos e suas relações, uma proposição é composta por nomes (que correspondem aos objetos) e suas relações lógicas. Nesse viés interpretativo, a análise lógica da proposição mostra que há um *isomorfismo* entre a linguagem e o mundo quando os estados de coisas (e/ou fatos) possíveis são representados corretamente.

Pelo exposto, note-se que o conceito de *isomorfismo* no *Tractatus* é central para sua teoria da linguagem e seu entendimento de como a linguagem se relaciona com o mundo. No entanto, é um termo técnico e sua profundidade filosófica pode ser melhor compreendida à luz de certas discussões sobre a correspondência entre as formas da linguagem e a estrutura da realidade. Portanto, nesse seguimento investigativo, **é necessário um aprofundamento desse tema.**

A. Isomorfismo entre linguagem e realidade

Wittgenstein utiliza o termo *isomorfismo* para descrever a relação estrutural entre a linguagem (ou proposições) e a realidade (ou fatos). Tal operação visa a demonstrar a razão pela qual a linguagem pode "representar" o mundo. O ponto de partida dessa noção é a ideia de que a realidade, como já visto, é composta de fatos atômicos, que consistem em objetos relacionados de maneiras específicas. Da mesma forma, a linguagem é composta de proposições elementares que possuem uma estrutura interna (formada por nomes e suas relações) que correspondem à estrutura dos fatos no mundo.

A.1 A estrutura dos fatos

Retomando o que já fora aqui explanado, em suma, para Wittgenstein, o mundo é constituído por fatos, e não por objetos isolados. Esses fatos são combinações de objetos que estão relacionados de determinada maneira. Cada fato é, portanto, um estado de coisas. A estrutura de um estado de coisas, por sua vez, é composta pelos objetos e suas relações.

A.2 A estrutura das proposições

A linguagem, de maneira semelhante, é composta de proposições com uma estrutura interna, formada por nomes que correspondem aos objetos no mundo, e pelas relações entre os nomes, que correspondem às relações entre os objetos nos fatos. Assim, a linguagem reflete a estrutura da realidade, uma vez que proposições são construídas de modo a espelhar a forma pela qual os fatos são organizados.

B. Isomorfismo e o conceito de imagem lógica

No *Tractatus*, Wittgenstein argumenta que as proposições são imagens lógicas dos fatos. Isso significa que existe uma relação estrutural (isomórfica) entre a forma da proposição e o estado de coisas que ela descreve. A proposição é, portanto, uma "imagem" do fato que ela pretende descrever, assim como um mapa é uma imagem de um território, por exemplo.

B.1 A forma lógica

Um conceito essencial para o entendimento do propósito tractariano é o de *forma lógica*. Nesse quadro, ela é a estrutura comum que tanto a proposição quanto o fato compartilham. A proposição não é uma mera lista de palavras, mas uma estrutura que se organiza de acordo com as mesmas regras que organizam os fatos no mundo. É essa *forma lógica comum* que possibilita o *isomorfismo*. Desse modo, a proposição "o gato está sobre a mesa" pode ser verdadeira ou falsa, a depender da disposição real dos objetos (o gato e a mesa) no mundo. Para que a proposição seja capaz de representar o fato, ela deve partilhar da mesma *forma lógica*. Os elementos da proposição, como os nomes "gato" e "mesa" e a relação "estar sobre", devem ter a mesma organização estrutural que os objetos e suas relações no fato correspondente no mundo.

C. Isomorfismo e as proposições elementares

No cerne do *isomorfismo*, estão as proposições elementares (*Elementarsätze*), que são proposições mais simples e irreduzíveis que descrevem os fatos atômicos (ou estados de coisas mais básicos). Wittgenstein acreditava que, assim como os fatos são compostos por objetos em relações determinadas, as proposições são compostas por nomes em relações específicas. As proposições elementares são isomórficas em relação aos fatos atômicos, uma vez que a estrutura da proposição (com seus nomes e relações) reflete diretamente a estrutura do fato (com seus objetos e relações). Assim sendo, a verdade ou falsidade de uma proposição depende de como ela se alinha com um estado de coisas no mundo, sendo esse alinhamento possível justamente porque proposição e fato compartilham a mesma *forma lógica*.

C.1 O princípio de bipolaridade

Outro conceito relacionado ao *isomorfismo* é o princípio de bipolaridade das proposições. Para Wittgenstein, toda proposição tem a característica de ser verdadeira ou falsa. O *isomorfismo* garante que uma proposição sempre retrate um estado de coisas possível - ou o fato existe (proposição verdadeira), ou não existe (proposição falsa). Esse princípio deriva diretamente da noção de que a proposição deve representar uma possibilidade - um estado de coisas que pode ou não ocorrer na realidade.

D. Isomorfismo e os limites da linguagem

Uma das implicações mais significativas do *isomorfismo* é a ideia de que os limites da linguagem são os limites do mundo. Se a linguagem funciona de maneira isomórfica, então só podemos falar sobre aquilo que pode ser representado por uma proposição cuja *forma lógica* corresponde à forma dos fatos no mundo. Qualquer tentativa de falar sobre algo que está além dessa correspondência estrutural (por exemplo, metafísica, ética ou estética no sentido tradicional) estaria fora dos limites da linguagem significativa.

D.1 O silêncio sobre o inefável

No arremate final do *Tractatus*, Wittgenstein afirma que "sobre o que não se pode falar, deve-se calar". Isso está diretamente relacionado ao conceito de *isomorfismo*: se algo não pode ser representado de maneira isomórfica pela linguagem, então não há, em tal caso, como expressá-lo em proposições significativas. A linguagem tem, pois, um limite natural imposto pela estrutura do mundo, e tudo que está fora desse limite é inefável.

E. Críticas e desenvolvimentos posteriores

O conceito de *isomorfismo* foi revisitado pelo próprio Wittgenstein em sua obra posterior, *Investigações Filosóficas*, onde ele abandonou a ideia de que a linguagem funciona exclusivamente por meio de um *isomorfismo* com a realidade. Ele passa a criticar essa visão rígida da linguagem, propondo uma compreensão mais flexível e pragmática, em que a linguagem é vista como uma ferramenta utilizada em diferentes jogos de linguagem, com regras variadas conforme o contexto. Todavia, a noção de *isomorfismo* no *Tractatus* foi fundamental para o desenvolvimento de várias correntes do pensamento lógico e filosófico, especialmente na filosofia analítica e na teoria da representação, sendo o alicerce da teoria de Wittgenstein sobre a linguagem. Ele postula que a linguagem e o mundo compartilham uma estrutura lógica comum, e que é essa relação isomórfica que permite à linguagem representar fatos e estados de coisas no mundo. Essa correspondência estrutural, entretanto, também estabelece limites claros sobre o que pode ser dito ou representado pela linguagem. O que está além dessa estrutura lógica — como questões de valor ou sentido último da vida — está fora do domínio da linguagem, e, portanto, não pode ser expresso em

proposições. Isso marca a fronteira entre o que pode ser dito e o que deve ser silenciado.

Agora adentraremos outro conceito fundamental para a compreensão do texto tractariano. Definamos que a **teoria pictórica da linguagem**, por sua vez, é a espinha dorsal do *Tractatus* e está intimamente ligada ao conceito de *isomorfismo*. Wittgenstein propõe que as proposições são "figuras", "imagens" ou "quadros" (*Bilder*) da realidade. Essa ideia é delineada nas proposições 2.1 a 2.19, onde ele argumenta que a proposição "figura" a realidade ao compartilhar a mesma *forma lógica*. Segundo Wittgenstein, uma proposição é uma figura que representa um estado de coisas possível no mundo. Em vista disso, a estrutura da proposição espelha a estrutura do estado de coisas que ela representa ou descreve. A *teoria pictórica* sugere, nesse cenário, que a linguagem funciona como um mapa ou um diagrama que captura a essência das relações entre os objetos no mundo.

Retomando a proposição 2.1, ela afirma: "Figuramos os fatos." Nessa linha de agnição, a proposição 2.12⁶⁷ adiciona: "A figura é um modelo da realidade." Portanto, a *teoria pictórica da linguagem* postula que a proposição tem a capacidade de representar a realidade ao funcionar como uma imagem lógica, cuja estrutura é análoga à estrutura do fato representado. **Cabe, aqui, outrossim, um aprofundamento a respeito desse conceito.**

A. Noção de "imagem" em Wittgenstein

Wittgenstein utiliza o termo "imagem" de forma metafórica para capturar a essência de como a linguagem representa o mundo. Na vida cotidiana, as imagens representam algo ao espelhar visualmente certos aspectos do que elas retratam. Logo, um retrato de uma pessoa é uma imagem dessa pessoa, visto que, de alguma forma, compartilha características visuais com ela. Da mesma maneira, para Wittgenstein, as proposições linguísticas são imagens lógicas dos fatos no mundo, porque elas compartilham uma estrutura comum com os fatos que descrevem.

⁶⁷ Para não tornar maçante a leitura do texto, optamos - em alguns trechos deste trabalho, ao fazermos transcrições curtas do texto tractariano -, por mencionar apenas o número da proposição na obra, sem a menção em nota de rodapé à respectiva página correspondente na edição do *Tractatus* utilizada nesta pesquisa.

A.1 O conceito de *Bild* (imagem)

O termo alemão *Bild*, usado por Wittgenstein, pode ser traduzido como "imagem", "quadro" ou "figura". Isso se refere a qualquer coisa que sirva para representar ou figurar algo. No entanto, as imagens não precisam ser visuais — podem ser lógicas. É essa ideia que Wittgenstein busca desenvolver: a proposição é uma imagem lógica de um estado de coisas. Isso significa que, assim como uma pintura representa algo visualmente, uma proposição representa algo logicamente, ou seja, por meio de uma estrutura de relação.

B. O papel das imagens lógicas

A *teoria pictórica* sugere que proposições e fatos compartilham uma *forma lógica*. Para Wittgenstein, uma proposição pode representar um fato porque existe uma correspondência estrutural entre a forma da proposição e a forma do estado de coisas no mundo. Essa estrutura comum é o que Wittgenstein chama de *forma lógica* (*logische Form*). Portanto, nesse sentido, *forma lógica* é a organização estrutural que define a relação entre os elementos de uma proposição, assim como a organização estrutural que define a relação entre os objetos em um fato. Em uma proposição como "A está à direita de B", a relação entre os termos "A" e "B" é espelhada na relação entre os objetos no mundo. A *forma lógica* da proposição "A está à direita de B" permite que ela seja uma imagem de um fato onde algo (A) está realmente à direita de outra coisa (B).

Contudo, a *forma lógica* não é algo que possa ser explicitamente expressa em palavras ou representada visualmente; ela é algo que deve ser *mostrado* pela proposição. Wittgenstein distingue entre o que pode ser *dito* e o que pode ser *mostrado*. A *forma lógica* é algo que é *mostrado* pela estrutura da proposição, mas não pode ser afirmada dentro da linguagem. Atente-se, com bastante cuidado, para esse detalhe.

C. A relação entre proposições e estados de coisas

De acordo com a *teoria pictórica*, uma proposição representa um estado de coisas (*Sachverhalt*) ou um fato (*Tatsache*). A proposição é verdadeira se o estado de coisas que ela descreve de fato ocorre no mundo; caso contrário, ela é falsa. Logo, a proposição "O gato está sobre a mesa" é verdadeira se houver um estado de coisas

no mundo em que "o gato" e "a mesa" estejam organizados de tal maneira que o gato realmente esteja sobre a mesa. A estrutura da proposição deve refletir a estrutura do fato que ela descreve.

Aqui, o *isomorfismo* mencionado anteriormente entre a estrutura da proposição e a estrutura do estado de coisas torna-se evidente. Nessa linha de raciocínio, a proposição é como uma imagem lógica de um possível estado de coisas: ela retrata como o mundo poderia ser. Se o mundo de fato for como a proposição o retrata, então a proposição é verdadeira; se não for, é falsa.

C.1 Proposições e possibilidades

A proposição, então, descreve não apenas o que é, mas também o que pode ser. Ela é uma imagem de uma possibilidade lógica, isto é, uma maneira possível de como os objetos no mundo poderiam estar organizados. O fato de que uma proposição pode ser verdadeira ou falsa depende do fato de ela representar uma possibilidade que pode ou não corresponder à realidade.

D. Imagens e proposições elementares

As proposições elementares são proposições que não podem ser decompostas em proposições mais simples, descrevendo estados de coisas mais básicos ou atômicos. Como tal, as proposições elementares têm uma relação direta com os fatos atômicos no mundo. Cada proposição elementar corresponde a um estado de coisas que, se existir no mundo, torna a proposição verdadeira; caso contrário, a proposição é falsa. Wittgenstein acredita que todas as proposições complexas podem ser analisadas em proposições elementares que descrevem esses estados de coisas mais fundamentais.

D.1 Como as imagens lógicas são combinadas

Proposições complexas, que descrevem situações mais elaboradas, são combinações de proposições elementares. A combinação de imagens lógicas (proposições elementares) permite que a linguagem represente não apenas estados de coisas simples, mas também fatos mais complexos. A complexidade do mundo é refletida na complexidade das proposições que formam imagens desse mundo.

E. Limites da *teoria pictórica da linguagem*

Apesar de a *teoria pictórica da linguagem* fornecer uma estrutura lógica poderosa para compreender como a linguagem pode representar o mundo, ela também impõe limites claros sobre o que pode ser expresso linguisticamente. Para Wittgenstein, a linguagem só pode representar estados de coisas que podem ser retratados pela estrutura lógica da proposição. Portanto, esse entendimento significa que a linguagem não pode capturar tudo; existem aspectos da realidade que escapam à representação pictórica.

E.1 O que está além da linguagem

A *teoria pictórica* limita o que pode ser dito pela linguagem. Wittgenstein sugere que tudo o que pode ser dito de maneira significativa deve ser representável por uma proposição que tenha uma estrutura isomórfica ao fato que ela descreve. No entanto, questões como a natureza última da realidade, questões éticas, estéticas e até metafísicas estão além do alcance da linguagem, porque não podem ser representadas em termos de proposições que espelham estados de coisas.

F. A crítica posterior de Wittgenstein à *teoria pictórica da linguagem*

É importante notar que Wittgenstein, em sua obra posterior (*Investigações Filosóficas*), reconsidera e, em muitos aspectos, rejeita a *teoria pictórica da linguagem*. Ele passa a ver a linguagem não como um espelho estático do mundo, mas como uma ferramenta usada em diversos jogos de linguagem que têm regras diferentes, dependendo do contexto em que a linguagem é usada. Assim, a ideia de que toda linguagem segue uma estrutura lógica única é abandonada.

Em suas obras seguintes ao *Tractatus*, como veremos posteriormente, Wittgenstein critica a ideia de que a linguagem é sempre uma imagem da realidade. Em vez disso, ele explora como as palavras têm significado em função de seu uso em diferentes práticas e contextos sociais. Isso marca uma ruptura significativa com a *teoria pictórica*.

Por fim, considere-se que a ***teoria da afiguração***, ou ***teoria da representação*** (*Abbildungstheorie*), é a aplicação concreta, prática da *teoria pictórica* no contexto das proposições. Wittgenstein descreve como as proposições funcionam como

representações de estados de coisas através da relação de afiguração. Enquanto a *teoria pictórica* estabelece a ideia geral de que proposições são figuras da realidade, a *teoria da afiguração* explica como essa representação ocorre. Ela envolve a noção de que uma proposição é uma figuração de um estado de coisas, ou seja, uma proposição descreve um possível arranjo ou combinação de objetos.

Desse modo, reflexionemos que a *teoria pictórica* enfatiza a capacidade das proposições de representar estados de coisas por meio de uma *forma lógica* análoga. Portanto, a proposição "desenha" uma imagem do estado de coisas, onde a relação entre os elementos da proposição corresponde à relação entre os objetos no mundo.

Adequadamente, a proposição 2.171 afirma: "A figura pode representar qualquer realidade cuja forma tenha." Isso significa que a afiguração é possível quando há uma correspondência formal entre a proposição e o estado de coisas. A relação de afiguração permite que a proposição transmita informação sobre a realidade, sendo verdadeira ou falsa dependendo de sua correspondência com o estado de coisas.

Inscreva-se que a *teoria da afiguração* também envolve a noção de projeção, na qual a estrutura da proposição é projetada sobre a realidade para verificar sua correspondência. Na proposição 2.1515, Wittgenstein afirma: "O que toda figura, de toda forma, deve ter em comum com a realidade para poder figurar, corretamente ou falsamente, a realidade, é a forma lógica, isto é, a forma da realidade." A *forma lógica* é, portanto, o elemento invariável que possibilita a afiguração.

A teoria da afiguração trabalha com três elementos principais: 1. A *figura*: que é a proposição, ou a imagem lógica que tenta representar um fato; 2. O *estado de coisas*: que é o fato ou a realidade que está sendo figurada pela proposição; 3. A *forma lógica*: que é a estrutura comum que permite a afiguração entre a proposição e o fato.

E há, por óbvio, uma relação entre esses elementos. Dessa maneira, a proposição é um modelo lógico da realidade, uma figuração de um estado de coisas. Os elementos da proposição (os nomes) correspondem aos objetos no mundo, ao passo que a forma como esses elementos estão relacionados na proposição reflete o modo como os objetos estão relacionados no estado de coisas. Tal correspondência é o que Wittgenstein chama de *forma lógica*.

Examine-se que alguns comentadores, ainda, discorrem sobre a ***teoria da linguagem-retrato***, isto é, uma interpretação específica da *teoria pictórica*,

repousando na ideia de que a linguagem cria retratos ou representações dos fatos do mundo. Essa teoria pode ser vista, por conseguinte, como uma extensão da *teoria pictórica*, na qual a ênfase está no aspecto representacional ou "retratístico" da linguagem. O retrato, nesse contexto, é uma forma de imagem que captura a essência dos estados de coisas do mundo de maneira que pode ser comparada diretamente com a realidade.

Assim, a *teoria da linguagem-retrato* é intimamente ligada à visão wittgensteiniana da linguagem como um meio de retratar ou espelhar a realidade, sendo, de certa forma, uma extensão da *teoria pictórica da linguagem*, e fundamentando-se na ideia de que as proposições funcionam como retratos ou imagens de estados de coisas no mundo. A noção de que a linguagem deve representar a realidade de forma precisa é central para essa teoria.

Posto isso, observemos que a estrutura da linguagem no *Tractatus* é elucidada por meio de conceitos como *isomorfismo*, *teoria pictórica* e *teoria da afiguração*, os quais possuem interrelações significativas, com leves nuances de diferenças conceituais entre si, como já delineado.

Em suma, pode-se estabelecer um **pequeno roteiro enumerativo dos conceitos que já foram explanados neste capítulo**, a fim de revisar suas definições e suas pequenas divergências entre si:

- **Isomorfismo**: Refere-se à correspondência estrutural entre a linguagem e o mundo, sendo a base que permite que as proposições tenham sentido;

- **Teoria pictórica da linguagem**: Propõe que proposições são imagens (figuras) dos estados de coisas, enfatizando a correspondência de *forma lógica* entre proposições e fatos;

- **Teoria da linguagem-Retrato**: Uma interpretação da *teoria pictórica* que destaca a capacidade da linguagem de criar retratos ou representações dos fatos do mundo;

- **Teoria da afiguração** (*Abbildungstheorie*): Descreve o processo pelo qual a proposição figura ou representa um estado de coisas (*Sachverhalte*), detalhando como a estrutura lógica da proposição é projetada sobre a realidade.

Obviamente, como já fora demonstrado, compreenda-se que a mola propulsora da obra do jovem Wittgenstein é a perquisição dos fundamentos da lógica, partindo dos construtos teóricos de Frege e Russell. Na prática, a forma e a estrutura do texto,

sui generis e com certo caráter aforístico, revelam, de maneira categórica, o complexo entrelaçamento entre a estrutura da linguagem e a estrutura do mundo, da realidade em si, e dão o tom da ideia central da obra, cujo fio condutor é a abordagem lógico-ontológica da linguagem, segundo a qual a estrutura lógica das proposições deve ser igual à estrutura ontológica do real, na qual as sentenças são representações, ou seja, literalmente retratos, de estados de coisas possíveis, dentro de uma *relação afiguradora*.⁶⁸

Concludentemente, pode-se apontar que a *teoria da afiguração* é, por isso, um dos nortes para a apreensão do texto tractatário, abarcando a relação entre proposição e realidade, entre a expressão lógica e o real. À vista disso, “a figuração lógica dos fatos é o pensamento”⁶⁹, sendo este “a proposição com sentido”⁷⁰. Como já explanado na seção anterior, o que faz de uma proposição a figuração de um fato é que ela obedece a uma espécie de *método de projeção*⁷¹, ou seja, existe uma relação projetiva entre os signos da linguagem e os fatos do mundo que eles podem expressar. Portanto, deve haver algo em comum entre a figuração (linguagem) e o figurado (mundo).

Diante disso, por fim, cabe reiterar que as teorias descritas neste tópico estão interligadas ao destacar a necessidade de uma correspondência entre linguagem e realidade, a fim de que a comunicação e a compreensão sejam possíveis. Nesse diapasão, a *teoria da afiguração* complementa as ideias contidas nessas teorias, ao afirmar que uma figura (ou proposição) deve compartilhar a *forma lógica* do que ela representa para ter significado. Logo, a lógica é o esqueleto subjacente que permite que a linguagem figure a realidade.

Em seu intento de determinar a linha que separa o domínio da linguagem do domínio da realidade, o jovem Wittgenstein, com o suporte teórico dos conceitos por ele criados - e sucessiva e exaustivamente expostos aqui, neste tópico -, operou uma

⁶⁸ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 2.1513, p. 137.

⁶⁹ *Ibid.*, 1993, terceira tese, p. 139.

⁷⁰ *Ibid.*, quarta tese, p. 155.

⁷¹ Conforme bem assinala Glock (1998, p. 25): “De acordo com a TEORIA PICTÓRICA, uma proposição só pode afigurar um estado de coisas se os seus elementos, os NOMES, ‘correspondem’ aos elementos desse estado de coisas - os OBJETOS -, isto é, se ‘são sucedâneos’ ou ‘funcionam como representantes’ (*vertreten*) desses objetos (TLP2.13 e seg.; 3.22, 4.0311 e seg.). As ‘correlações’ entre os elementos da figuração (pensamento, proposição) e os elementos da situação que representa constituem a ‘relação pictorial’ (*abbildende Beziehung*). Essas correlações são como ‘antenas’ que se projetam dos elementos da figuração, e que permitem a figuração ir até a realidade, isto é, afigurar uma combinação particular de objetos (TLP 2.1513 e segs.)”

tarefa, a seu ver, possível, naquele dado momento histórico de sua produção intelectual. No entanto, como veremos no quinto capítulo desta pesquisa, essa visão descritiva e representacional que ele inicialmente desenvolveu sobre a linguagem terminará por engessar, por assim dizer, a sua filosofia, criando tensões, impasses e aporias que serão solucionados em um momento posterior de sua vida acadêmica.

3.4 Das tautologias às contradições: intervalo de incidência de existências e inexistências de estados de coisas

Seguindo a orientação de nossa pesquisa, há que se enxergar, translucidamente, que a preocupação essencial do *Tractatus*, por conseguinte, é a relação entre linguagem, pensamento e realidade. No plano argumentativo de seu autor, a linguagem é a forma perceptível do pensamento e está ligada ao real por uma *forma lógica* comum ou estrutura. Sob essa apreciação, uma proposição só tem sentido quando desempenha a função de representar, de maneira precisa e bem determinada, alguma coisa, isto é, fatos urdidos por um estado de coisas constituído por objetos que estão numa relação de pertinência entre si, inexistindo de forma isolada, uma vez que, em seu universo ontológico, consoante Marques (2005, p. 31), “o mundo tractatario apresenta-se, assim, como um mundo constituído por conexões entre objetos, e não por objetos separados uns dos outros”.

Vale distinguir que essa correspondência entre o pensamento e a realidade, expressa através da linguagem, corolário do *isomorfismo*, advém do **princípio da correspondência** (também chamado de *teoria da correspondência*⁷²), de Aristóteles, presente em sua obra clássica *Metafísica*. De um modo geral, o pensador estagirita é considerado um defensor de uma teoria da verdade como correspondência. Ele estabelece, categoricamente, em sua *Metafísica*, as definições de “falso” e “verdadeiro”⁷³.

⁷² Segundo compreensão precisa de Haack (2002, p. 133-134): “Tanto Russell quanto Wittgenstein, durante seus períodos de ‘atomismo lógico’, deram definições de verdade como a correspondência de uma proposição com um fato. (...) O mundo consiste em coisas simples, ou átomos lógicos, em diversos complexos ou arranjos, que são os fatos. E, em uma linguagem perfeitamente clara, o arranjo das palavras em uma proposição atômica verdadeira refletiria o arranjo das coisas no mundo. A correspondência consiste neste isomorfismo estrutural.”

⁷³ “Dizer daquilo que é que não é, ou daquilo que não é que é, é falso, enquanto dizer daquilo que é que é, ou daquilo que não é que não é, é verdadeiro.” ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 107 [Trad. de Leonel Vallandro].

Seguindo esse norte, com o fito de tornar manifestas as condições de verdade de uma proposição, Wittgenstein empregou o método das tábuas de verdade, muito em voga em sua época. Consequentemente, dois são os casos limites entre os possíveis grupos de condições de verdade das proposições: um deles ocorreria quando uma proposição fosse verdadeira para todas as possibilidades de verdade das proposições elementares, sendo tal proposição chamada **tautologia**; o outro caso se refere à proposição que seja falsa para todas as possibilidades de verdade, sendo essa proposição denominada **contradição**⁷⁴.

Diante disso, para Wittgenstein, as proposições mostram o que dizem, mas, se forem tautológicas ou contradições, são vazias de sentido⁷⁵. Usando outras palavras, pode-se concluir que uma tautologia e uma contradição não são figurações da realidade, isto é, não representam nenhuma situação possível, visto que a primeira permite todas as situações possíveis, ao passo que a segunda, nenhuma⁷⁶.

Grife-se que, nesse intrincado processo de cotejo entre o que a linguagem exprime e o mundo dos fatos, novamente podemos evocar uma asserção de Pinto (1998, p. 173): “Com efeito, se a proposição tem sentido, mas não significado, sua verdade ou falsidade devem ser delimitadas pela comparação com o real. Não há proposições verdadeiras ou falsas *a priori*.”⁷⁷ Apenas sabemos *a priori* que proposições do tipo "chove ou não chove" e "chove e não chove" não representam estados de coisas ou fatos possíveis do mundo.

Ponderosamente, abre-se aqui um parêntesis, para trazer à baila a **definição e alguns comentários sobre tautologia proferidos por Glock** (1998, p. 346):

‘Tautologia’ é um termo de origem grega, que significa “repetição do que foi dito”. Seu uso na lógica remonta pelo menos a Kant (*Logik* §§36-7). Kant caracterizou a lógica formal como sendo analítica, tendo estabelecido, contudo, uma distinção entre dois tipos de proposição analítica: aquelas em que o predicado está contido, de forma implícita, no conceito-sujeito, como ocorre em “Todos os corpos são extensos”, e aquelas em que o predicado está ali contido de forma explícita, como ocorre em “Todas as coisas extensas são extensas”.

⁷⁴ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 4.46, p. 185.

⁷⁵ Cf. *ibid.*, § 4.461, p. 185.

⁷⁶ Cf. *ibid.*, § 4.462, p. 185.

⁷⁷ A título de exemplificação, para o raciocínio citado, a sentença “y é um número par” pode ter sentido, pois, à vista da lógica tractatária, expressa um pensamento, mas não tem significado, uma vez que “y” é sujeito indefinido, logo a sentença é aberta. Outro exemplo seria a proposição “o ponto mais distante da Terra é um planeta”. Tal sentença pode ter sentido, mas não tem significado algum, por inúmeras explicações: entre elas podemos citar a de que a linguagem não está representando projetivamente a realidade. O ponto descrito na proposição pode ser qualquer corpo celeste, como uma estrela, ou ser impossível de ser demonstrado, haja vista a quantidade absurda de galáxias existentes no universo.

Ao segundo caso, ele deu o nome de "tautologia", insistindo na ideia de que, ao contrário do que ocorre com as proposições do primeiro tipo, essas proposições são "praticamente vazias ou destituídas de consequências", uma vez que nem sequer explicam o sujeito. Isso corresponde à distinção feita por Leibniz entre as verdades "necessárias" e as verdades "idênticas", e também à distinção contemporânea entre verdades analíticas propriamente ditas e verdades lógicas, sendo aquelas proposições que podem ser reduzidas a verdades lógicas pelo uso de definições. No século XIX, o termo "tautológico" foi utilizado pejorativamente para indicar que a lógica formal, em particular a lei de identidade " $a = a$ ", é trivial e sem utilidade, de vez que não amplia nosso conhecimento. Wittgenstein teria encontrado o termo em Coffey (ver RCL) e em Mauthner, que sustentava que não somente as verdades lógicas e as matemáticas, mas mesmo as empíricas, são tautológicas, uma vez conhecidas (*Beiträge* III 301, 324-5).

Destarte, estabelecendo os limites do alcance da linguagem através de funções de verdade, pode-se apreender que, enquanto a verdade de uma proposição não é certa, mas apenas possível, a da tautologia é tida como necessária, e a da contradição, como impossível.⁷⁸ Nessa seara, consoante o *Tractatus*, os princípios da lógica, proposições de lógica ou verdades lógicas são todos meras tautologias⁷⁹, ou seja, não expressam pensamentos, nada dizem⁸⁰. No entanto, não se pode deduzir que não possuam nenhum sentido, porquanto o fato de uma dada combinação de proposições exibir uma tautologia revela tão somente algo acerca da estrutura das proposições constituintes. Nesse sentido, o jovem Wittgenstein nos esclarece: "As proposições da lógica são tautologias; isso *mostra* as propriedades (lógicas) formais da linguagem, do mundo"⁸¹. E, de maneira bastante didática, afirma: "Nada sei, por exemplo, a respeito do tempo, quando sei que chove ou não chove"⁸².

Em suma, infiramos que **tautologias não contêm informação alguma**. Não retratam nada, pelo fato de retratarem tudo. Nessa linha de raciocínio, uma das asserções fundamentais de Wittgenstein é que todas as proposições necessárias, tais

⁷⁸ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 4.464, p. 187.

⁷⁹ Consoante Branquinho *et al.* (2020, p. 724): "A introdução do termo 'tautologia' com o sentido preciso que lhe é dado na lógica proposicional deve-se a Wittgenstein".

⁸⁰ Quanto às relações entre linguagem e lógica, Pinto (1998, p. 252), assevera: "Aplicada à lógica, a crítica da linguagem revela que as tautologias são vazias de sentido. Isso mostra as propriedades lógicas da linguagem e do mundo. Nessa perspectiva, embora não seja uma teoria, a lógica é transcendental". Observe-se, aqui, que o comentador ecoa a visão kantiana, insculpida na *Crítica da razão pura*, bem como o próprio Wittgenstein, em sua § 6.13. Dentro dessa agnição, a verdade de uma proposição composta depende dos elementos complementares, exceto no caso das tautologias como "está chovendo ou não está chovendo", que é verdadeira sob qualquer condição possível, ou no caso das contradições como "está chovendo e não está chovendo", falsa sob qualquer condição. Em ambas as situações, não há necessidade de confronto entre as proposições e a realidade, visto que elas falam por si mesmas.

⁸¹ WITTGENSTEIN, *op. cit.*, § 6.12, p. 235.

⁸² *Ibid.*, § 4.461, p. 185.

como as da matemática, revelam ser tautologias, ou seja, são também proposições analíticas⁸³, **no mesmo sentido dos juízos analíticos kantianos**, ou seja, juízos em que o **predicado** constitui uma **representação** ou uma **explicitação** do que já se encontra contido no **sujeito**, como, desse modo, na sentença “todos os corpos são extensos” ou no enunciado “o quadrado possui quatro lados”.

Já as contradições, segundo Wittgenstein, são proposições que violam a estrutura lógica da linguagem, resultando em algo que não pode ser verdadeiro em nenhuma circunstância. Para ele, uma proposição significativa deve ter uma estrutura lógica que corresponda a um fato no mundo. Dessa maneira, pode-se demonstrar **alguns exemplos de contradições** à luz do *Tractatus*: 1. **Contradição lógica direita**: - proposição a: “A neve é branca.”; - proposição b: “A neve não é branca”; essas duas proposições não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, pois afirmam simultaneamente algo e o seu oposto; 2. **Autocontradição**: no enunciado “Esta frase é falsa” há uma clássica contradição autorreferencial, uma vez que, se ela for verdadeira, então, consoante afirmado, ela é falsa, ao passo que, se ela for falsa, nesse caso deve ser verdadeira; 3. **Contradição existencial**: na proposição “Existe um círculo quadrado”, visto que a própria definição de círculo exclui a possibilidade de ser quadrado, ou seja, não existir um objeto que seja simultaneamente um círculo e um quadrado; 4. **Contradição temporal**: - proposição a: “está chovendo agora”; proposição b: “não está chovendo agora”; se ambas as proposições se referem ao mesmo momento no tempo, então elas são contraditórias, porque afirmam ao mesmo tempo que algo é e não é o caso.

No *Tractatus*, dessa forma, Wittgenstein argumenta que a linguagem lógica é estruturada para evitar contradições, já que uma contradição é, por definição, algo que não pode existir no mundo. Logo, uma proposição contraditória não tem sentido no sistema lógico que ela descreve.

Por oportuno, nesse ponto, **iremos adentrar um pouco na epistemologia kantiana, para reforçar alguns conceitos e definições**, retornando em seguida ao ponto anterior da discussão. É bem sabido que o criticismo kantiano é uma síntese ou confluência de duas direções fundamentais do pensamento filosófico: o racionalismo dogmático (na esteira de Descartes, Spinoza, Leibniz e Wolff), que vê o conhecimento como produto da razão, e o empirismo cético (na perspectiva de Bacon, Locke e

⁸³ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, §§ 6.1 e 6.11, p. 233.

Hume), que vê o conhecimento como derivado de outra faculdade: a sensibilidade, ou os dados sensoriais ou da experiência. Kant, que em sua educação filosófica básica bebeu na fonte de Wolff, declara, em uma das sentenças mais famosas da filosofia, que o ceticismo de Hume o fez despertar de seu sono dogmático, mudando seu caminho especulativo, impelindo-o a indagar acerca das condições, dos limites e das possibilidades do conhecimento humano.

Dentro dessa visão, a rigor, todo conhecimento implica uma correlação entre um sujeito e um objeto. Nesse cenário, os dados objetivos não são captados pela mente humana tais quais eles são (isto é, a coisa em si), mas sim configurados pelo modo como o entendimento e a sensibilidade os apreendem. Então, a coisa em si, o absoluto, o **númeno** (ou *noúmenon*, do grego *νοούμενον*), é incognoscível. O conhecimento humano só capta o ser das coisas à medida que ele se lhe afigura ou aparece, ou seja, enquanto **fenômeno**.

Em sua consagrada obra ***Crítica da razão pura***, Kant estabelece uma distinção fundamental, segundo a qual todo *fenômeno* integra-se por dois elementos: matéria e forma. O que depende do próprio objeto constitui a matéria do conhecimento. O que depende do sujeito, nesse caso, revela a forma do conhecimento. Nos precisos termos de Leite (2015, p. 41):

Assim, temos uma primeira definição: conhecer é dar forma a uma matéria dada. A matéria é *a posteriori*. A forma é *a priori*. A matéria do conhecimento é variável de um objeto a outro, visto depender dele, do objeto. Por sua vez, a forma, sendo imposta ao objeto pelo sujeito, será reencontrada, invariavelmente, em todos os objetos, por todos os sujeitos. Existem, pois, conhecimentos *a priori* e conhecimentos *a posteriori*. Todo objeto a ser conhecido *a priori* o será conforme as formas que o espírito lhe impõe no ato de conhecer.

Nessa linha de raciocínio, no campo do **conhecimento *a priori***, os **juízos** podem ser **analíticos**, isto é, aqueles que nada acrescentam ao sujeito, apenas demonstrando como as coisas são no mundo, ou **sintéticos**, ou seja, aqueles cujo predicado acrescenta algo ao conceito do sujeito. Todo juízo baseado na experiência, nesse seguimento, é ***a posteriori***. Já **os juízos analíticos são apenas *a priori*** (como, a título de exemplificação, as verdades da lógica formal, como o princípio da identidade), haja vista que não há necessidade de recorrer à experiência para determinar pensamentos ou conceitos sobre o objeto, ao passo que **os juízos sintéticos podem ser *a posteriori*** (pois supõem a descrição de experiências

particulares observáveis). De mais a mais, um juízo é analítico quando sua negação é logicamente impossível, ou seja, constitui uma contradição, enquanto a negação de um juízo sintético não supõe contradição. Bem assim, um juízo analítico, como já explanado, nada acrescenta ao conhecimento, nada diz que já não saibamos (se $A=B$ e $B=C$, logo $A=C$).

Dito isso, **o grande salto epistemológico kantiano foi a formulação dos juízos sintéticos a priori**, os quais, como os analíticos, são universais e necessários, mas, ao contrário destes, permitem ampliar o conhecimento humano. Dentro dessa teia de conceitos e acepções, **os juízos sintéticos a posteriori** abarcariam também as **verdades das ciências naturais** (vez que se baseiam na observação dos *fenômenos*), ao passo que **os sintéticos a priori** seriam formados pelos **axiomas físico-matemáticos e matemáticos** (“a linha reta é a menor distância entre dois pontos”; a lei da ação e reação dos corpos; a constância da quantidade de matéria etc.), acrescentando algo ao conceito do sujeito.

Retomando o ponto anterior *sub examine* do texto tractatario, retenhamos que, **similarmente aos juízos analíticos kantianos, as tautologias expostas pelo jovem Wittgenstein apenas mostram o mundo como ele é**, nada acrescentando ao que o sujeito conhece acerca do mundo, inclusive as proposições da matemática, o que colocou por terra muitas concepções do projeto de seu mestre Russell e de Frege acerca dessa ciência e da própria lógica, como demonstrado no final do capítulo anterior.

Acertadamente, sob outro ângulo de análise, **para Marcondes (2007, p. 273):**

Um dos pontos de partida do *Tractatus* é a ideia, também encontrada em Frege e em Russell, de que a forma gramatical e a forma lógica da linguagem não coincidem. Grande parte dos problemas metafísicos tradicionais, como o da possibilidade do falso, da existência do não-ser etc., se originaria assim da má compreensão da linguagem, pelo desconhecimento de sua forma lógica autêntica⁸⁴ e da maneira pela qual se relaciona com o real.

É de se sublinhar que, na verdade, esse eixo cognitivo acerca da obra apenas endossa o que fora examinado por um dos intérpretes de Wittgenstein, o matemático e filósofo finlandês **Erik Stenius**, que defendia que a dicção tractatariana estava

⁸⁴ Pensamos que, para uma melhor compreensão desse ponto do trabalho, melhor seria a substituição do adjetivo “autêntica” por “profunda”.

profundamente entrelaçada com a semântica formal.⁸⁵ Ato contínuo, em sua apreciação crítica do *Tractatus*, Stenius, concentrando-se nos aspectos semânticos, metafísicos e de lógica formal da obra, faz veemente ponderação acerca dos enunciados do tipo descritivos utilizados no livro, asseverando que outros sentidos e espécies de sentenças não foram abarcados pelo jovem Wittgenstein, utilizando como referencial teórico, em sua argumentação, o “segundo Wittgenstein” - ou “Wittgenstein tardio” - das *Investigações Filosóficas*.⁸⁶ Em momento oportuno, retornaremos a este ponto da discussão.

Frisemos que é imperioso trazer à pesquisa a posição de **G.E.M. Anscombe**, uma das mais notáveis comentadoras de Wittgenstein, sobre a *teoria pictórica*, fazendo uma profunda análise de suas linhas argumentativas, estabelecendo um paralelo com as **tabelas de verdade**, ou *teoria das funções de verdade*, contidas no texto tractatario. Para ela, toda proposição genuína escolhe certas existências e inexistências de estados de coisas, como um intervalo dentro do qual as existências e inexistências de estados de coisas devem incidir.

Logo, algo que tem apenas a aparência de um enunciado, de uma sentença, mas não desempenha a função de uma proposição, não pode, nesse caso, de fato dizer nada, ou seja, não é uma descrição de realidade alguma⁸⁷. Nesse prisma, a *teoria pictórica*, em seu real significado, não permite quaisquer funções de proposições além das funções de verdade. Note-se, aqui, um forte liame lógico entre a estrutura do mundo e a estrutura da linguagem no plano teórico tractatario. Ademais, não custa lembrar que “a totalidade das proposições é a linguagem.”⁸⁸

Diante do exposto, urge trazer ao debate, neste ponto do trabalho, o entendimento consentâneo de **Glock** (1998, p. 45-46), para operarmos o **fechamento deste tópico**:

Wittgenstein apoderou-se da ideia de que filosofia é análise lógica, atribuindo à teoria das descrições o êxito de demonstrar que a forma lógica aparente das proposições difere de sua forma real. Concluiu que "desconfiar da gramática é o primeiro requisito para a atividade filosófica", uma vez que a gramática engendra confusões filosóficas (NL 106; ver RUL 11.13; TLP Pref., 3.323 e

⁸⁵ Nos capítulos finais de sua obra **Wittgenstein's *Tractatus***: a critical exposition of its main lines of thought. Oxford: Basil Blackwell, 1964, Stenius reforça essa concepção, examinando os elementos semânticos, sintáticos e lógicos do *Tractatus*, vindo, no desfecho do livro, a descrever Wittgenstein como um “filósofo kantiano”, visão abraçada por alguns intérpretes do chamado “primeiro Wittgenstein”.

⁸⁶ Cf. STENIUS, 1964, p. 175.

⁸⁷ Cf. ANSCOMBE, 1971, p. 81.

⁸⁸ WITTGENSTEIN, 1993, § 4.001, p. 155.

seg., 4.003 e seg.; WAM 57). Entretanto, embora a linguagem ordinária "disfarce o pensamento", não é imperfeita do ponto de vista lógico, como supunham Frege e Russell. Ela é capaz de "expressar todo sentido" (TLP 4.002), devendo, por isso, estar em conformidade com a SINTAXE LÓGICA. Não é de uma linguagem ideal, capaz de expressar coisas que a linguagem ordinária não pode expressar, que precisamos, mas sim de uma notação ideal, capaz de exibir a estrutura lógica já presente nas proposições ordinárias.

3.5 Sentido das proposições da ciência natural *versus* sentido das proposições ordinárias: diferentes eixos interpretativos

Recapitulando nossa explanação neste capítulo e retomando conceitos iniciais nele expostos, convém inventariar, inicialmente, que, nas linhas tractarianas, deslinda-se que a linguagem é literalmente uma pintura da realidade, uma vez que "uma proposição é uma figuração (*Bild*) da realidade".⁸⁹ Existe, em tal caso, um perfeito paralelismo entre o mundo e as estruturas da linguagem, porquanto "o mundo e a vida são um só."⁹⁰ Sob essa perspectiva, pode-se extrair a *teoria pictórica da linguagem*, a qual, dentro da função descritiva da linguagem presente no cerne tractariano, é a pintura lógica dos fatos, a imagem da realidade.

Exare-se que as proposições, sentenças ou enunciados, ao descreverem corretamente um estado de coisas, figuram a realidade. Nessa linha de raciocínio, "uma proposição só pode dizer *como* uma coisa é, não *o que* ela é."⁹¹ Portanto, para muitos comentadores wittgensteinianos, a *teoria pictórica da linguagem* é o traço mais genuíno e original do "primeiro Wittgenstein". Nela, os elementos da figuração e daquilo que é afigurado se correspondem de modo isomórfico, isto é, a figuração (proposição) é o que representa o afigurado (fato), dado que "na figuração e no afigurado deve haver algo de idêntico, a fim de que um possa ser, de modo geral, uma figuração do outro."⁹² Dentro desse contexto, "o que a figuração deve ter em comum com a realidade para afigurá-la à sua maneira – correta ou falsamente – é sua forma de afiguração."⁹³

Ante o exposto, **a realidade possui uma forma lógica**, isto é, a forma da realidade. Assim sendo, o mundo possui uma forma, que advém da *forma lógica* dos objetos que o constituem. Observe-se, aqui, novamente, uma linha muito tênue,

⁸⁹ WITTGENSTEIN, 1993, § 4.01, p. 157.

⁹⁰ *Ibid.*, § 5.621, p. 229.

⁹¹ *Ibid.*, § 3.221, p. 143.

⁹² *Ibid.*, § 2.161, p. 137.

⁹³ *Ibid.*, § 2.17, p. 137; *cf. ibid.*, § 2.18, p. 139.

bastante sutil, que separa diversos conceitos tractarianos: a *relação afiguradora*, o *isomorfismo* e, por fim, a *teoria pictórica*. Com efeito, entendemos que é a *teoria pictórica* que abrange todos os conceitos antes examinados. É como se ela fosse a tela inteira, sendo a *relação afiguradora* e o *isomorfismo* os seus elementos dentro da composição.

À vista disso, note-se que há, pois, uma força inexorável entre os termos dessa relação, de sorte que a figuração linguística do mundo só poderá ser concretizada se ela possuir a mesma forma do mundo⁹⁴. Demais disso, “para reconhecer se a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade”⁹⁵, visto que “uma figuração verdadeira *a priori* não existe.”⁹⁶

Logo, nesse contexto, surge um questionamento pertinente. Por conseguinte, há que se observar que, **em contraposição às proposições da ciência natural - que seriam as únicas dotadas de sentido sob o viés tractariano -, existem, outrossim, as proposições ordinárias**. Nesse ponto, deve-se destacar o entendimento de **Glock** (1998, p. 46):

Assim como Russell, Wittgenstein jamais explicitou o modo exato como deveriam ser analisadas as proposições ordinárias; não forneceu sequer exemplos de proposições elementares ou de seus elementos. Duas ideias básicas, entretanto, ficam claras: (a) segundo a doutrina da forma proposicional geral, todas as proposições dotadas de significado são funções de verdade de PROPOSIÇÕES ELEMENTARES logicamente independentes; (b) estas últimas consistem em nomes próprios lógicos, que não são passíveis de análise, uma vez que são sucedâneos de OBJETOS absolutamente simples (TLP 3.201 e segs., 4.22 e seg.; NB 12.10.14).

É impreterível destacar que **tal constatação reflete uma certa falta de consenso entre diversos comentadores e intérpretes de Wittgenstein**, a depender, inclusive, da linha de abordagem ou do campo de conhecimento ao qual pertence o analista de sua obra. Como exemplo disso - e aprofundando e esclarecendo um pouco mais a questão -, temos o entendimento de Frederick Copleston, que reforça que, no uso técnico do termo empregado por Wittgenstein no *Tractatus*, as proposições são por ele identificadas com as proposições das ciências naturais. Cabe aqui mencionar seu comentário elucidativo⁹⁷:

⁹⁴ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 2.171, p. 137.

⁹⁵ *Ibid.*, § 2.223, p. 139.

⁹⁶ *Ibid.*, § 2.225, p. 139.

⁹⁷ COPLESTON, 2023, p. 473-474.

No *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein explicou que o que queria dizer por tautologia era uma proposição que é verdadeira para todos os possíveis estados de coisas, e que, portanto, tem como sua oposta uma contradição, que não é verdadeira para nenhum estado de coisas. Uma tautologia, portanto, não nos fornece informação acerca do mundo, no sentido de dizer que as coisas são de um modo, quando poderiam ser de outro modo. Uma “proposição”, todavia, como distinta de uma tautologia, é uma figura ou representação de um possível fato ou estado de coisas no mundo. Uma proposição, nesse sentido, é verdadeira ou falsa; mas não podemos saber por meio de uma inspeção de seu sentido (*Sinn*) se ela é verdadeira ou falsa. Para sabê-lo, temos que compará-la, por assim dizer, com a realidade, com os fatos empíricos. Por um lado, temos, portanto, as tautologias da lógica e da matemática, que são necessariamente verdadeiras, mas não nos fornecem informação factual alguma acerca do mundo, ao passo que, por outro lado, há as proposições, afirmações empíricas, que dizem algo acerca de como são as coisas no mundo, mas que nunca são necessariamente verdadeiras. Ora, as proposições, no uso técnico do termo por Wittgenstein no *Tractatus*, são por ele identificadas com as proposições das ciências naturais. Essa identificação parece ser indevidamente restritiva, pois não há nenhuma boa razão, isto é, com base nas premissas de Wittgenstein, para uma afirmação empírica ordinária, que não seria normalmente chamada uma “afirmação científica”, ser excluída da classe das proposições. Mas Wittgenstein provavelmente admitiria isso, a despeito da identificação da totalidade das proposições com a totalidade das ciências naturais. Seja como for, o ponto importante é que as proposições não são filosóficas. Uma afirmação científica não é uma proposição filosófica. Tampouco o é, evidentemente, uma afirmação tal como “o cão está sob a mesa”, tampouco as tautologias são proposições filosóficas. A matemática, assim como a ciência natural, não é filosofia. Daí se segue, portanto, não haver espaço no esquema de Wittgenstein para proposições filosóficas. De fato, não há coisas desse tipo. E, se não há coisas desse tipo, obviamente não pode ser tarefa da filosofia enunciá-las.

Nesse seguimento, dado que “o pensamento é a proposição com sentido”, como define a quarta proposição da obra, vem à tona mais um questionamento: que proposições dotadas de sentido de fato significariam algo? Tal indagação foi com efeito respondida a contento por Wittgenstein, levando-se em consideração as tabelas de verdade por ele utilizadas, a distinção entre o *dizer* e o *mostrar*, sobre a qual discorreremos mais adiante, e tantas outras definições e conceitos trabalhados pelo texto tractariano. Pelo visto, ainda que as proposições das ciências naturais nos dessem todas as respostas, não resolveriam problema algum acerca de nossa vida. É o que também veremos sucessivamente.

De mais a mais, ao analisar a doutrina do “**contextualismo**”, retomando o pensamento de Frege, atente-se que novamente Glock (1998, p. 99-101) parece nos indicar um caminho menos confuso, muito embora ainda bastante complexo:

Nessa doutrina, sustenta-se que, na explicação do significado, juízos, sentenças ou proposições têm prioridade sobre conceitos ou palavras. O

contextualismo está implícito em Kant (B92-3), que sustentava que a única função dos conceitos é o seu emprego em juízos, e em Bentham, que forneceu uma definição contextual para partículas gramaticais como "se" ou "mas", isto é, explicou-as parafraseando as sentenças em que ocorrem. Frege insiste na primazia dos juízos (pensamentos) sobre os conceitos: em vez de construir juízos a partir de conceitos (como na lógica tradicional), deriva estes a partir da análise daqueles. Essa ideia subjaz a seu célebre "princípio do contexto": jamais "pergunte pelo significado de uma palavra tomada isoladamente" e "Somente no contexto de uma proposição as palavras possuem um significado" (*Foundations* x, §§60-2, 106, ver *Posthumous* 15-16, 253). Esse princípio tem três consequências. Em primeiro lugar, uma condição de suficiência: para que uma palavra possua significado, é suficiente que desempenhe algum papel na expressão de um juízo. Essa condição lhe permitiu insistir, contrapondo-se ao psicologismo, na ideia de que, para uma sentença ser dotada de significado, não é necessário que cada palavra individual esteja associada a uma ideia. Em segundo lugar, o composicionalismo: o significado de uma palavra é sua contribuição para o conteúdo da sentença em que ocorre, uma vez que esta última se compõe do significado de seus elementos constituintes (para Russell, da mesma forma, uma proposição é o valor de uma função proposicional). Finalmente, uma condição de caráter restritivo: é somente no âmbito de uma sentença que expressa um juízo que as palavras possuem um real "conteúdo" lógico, pois somente aí determinam (em parte) a validade de inferências. Ao dividir o conteúdo em "sentido" e "significado", Frege considerou que o sentido e o significado de uma sentença são determinados respectivamente pelos sentidos e significados de seus elementos constituintes.

Em face do exposto, é relevante assinalar que talvez a **chave hermenêutica** elucidativa para toda essa discussão tenha sido dada pelo próprio Wittgenstein, na **proposição 4.002⁹⁸ do *Tractatus***, a qual, até mesmo, de forma involuntária, já daria pistas para o "segundo Wittgenstein":

O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo o sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa – como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada que ele. É humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem. A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, de forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado, isso porque a forma exterior do traje foi construída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo. Os acordos tácitos que permitem o entendimento da linguagem corrente são enormemente complicados.

⁹⁸ WITTGENSTEIN, 1993, p. 155.

4 ASPECTOS IMPONDERÁVEIS DA LINGUAGEM

4.1 O *dizer* e o *mostrar*: o recorte da realidade operado pelo *Tractatus* e os limites da linguagem

Este capítulo explora como Wittgenstein opera um recorte na realidade através de sua análise da linguagem, estabelecendo os limites entre o dizível e o indizível. A partir dessa perspectiva, investigaremos as implicações filosóficas desse processo para a compreensão da realidade e da linguagem.

Reflexionemos que, como já explanado, no *Tractatus*, Wittgenstein propõe que a linguagem é uma **figura (*Bild*)** da realidade. Para ele, a estrutura da linguagem reflete a estrutura do mundo. Isso implica que a linguagem tem uma função representativa, onde proposições verdadeiras são aquelas que configuram uma imagem correta da realidade.

Da mesma forma, conforme visto anteriormente, um componente central da teoria de Wittgenstein é o conceito de estado de coisas (*Sachverhalte*), que ele define como a combinação de objetos (ou coisas). Os estados de coisas constituem os fatos, e a linguagem expressa esses fatos através de proposições. Uma proposição só tem sentido se corresponde a um possível estado de coisas.

Assim sendo, Wittgenstein argumenta que a linguagem só pode descrever o que é o caso (*was der Fall ist*), ou seja, os fatos do mundo. Tudo que está além do fato - como a metafísica, a ética e a estética - reside fora dos limites da linguagem proposicional. Esses domínios não podem ser ditos, mas apenas mostrados, como expresso na proposição 4.1212⁹⁹: "O que *pode* ser mostrado, não *pode* ser dito".

Consequentemente, **a distinção entre *dizer* e *mostrar* é fundamental** no *Tractatus*. ***Dizer*** refere-se à capacidade da linguagem de articular proposições com sentido sobre estados de coisas no mundo, ao passo que ***mostrar in contrarium sensum*** refere-se aos aspectos da realidade que se manifestam implicitamente através da estrutura lógica da linguagem e da própria realidade, mas que não podem ser expressos diretamente por proposições.

⁹⁹ WITTGENSTEIN, 1993, p. 169.

Dante disso, há, por óbvio, implicações para a filosofia e a ciência associadas a essa distinção. Enquanto a ciência se ocupa de proposições verificáveis sobre o mundo, a filosofia, segundo Wittgenstein, deve limitar-se a clarificar o uso da linguagem. Logo, a filosofia não deve tentar dizer o que é indizível, mas sim mostrar os limites do sentido.

Avulte-se que o *Tractatus* é, pois, uma tentativa monumental de delinear os limites da linguagem e, ato contínuo, por conseguinte, os limites do que pode ser conhecido e dito sobre a realidade. **Ao estabelecer uma distinção entre o dizer e o mostrar, Wittgenstein não só delimita o campo da filosofia, mas também aponta para a presença de uma dimensão significativa da experiência humana que escapa ao discurso proposicional.** Este recorte da realidade nos convida a uma reflexão sobre os próprios fundamentos de nossa compreensão do mundo e sobre os limites inerentes à nossa capacidade de expressão. Há, com efeito, outrossim, **uma preocupação extremamente rigorosa com a semântica formal.**

Ademais, **sobre o que pode ser dito**, é imprescindível trazer ao debate a exegese de Moreno (2000, p. 24):

Começamos, então, por aquilo que pode ser dito. Já no Prefácio ao *Tractatus*, Wittgenstein esclarece o projeto do seu livro: "... traçar um limite para o pensar, ou melhor - não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos". E mais adiante: "O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contrassenso. Assim, os limites do pensar só podem ser estabelecidos de um ponto de vista bem determinado do ponto de vista da linguagem enquanto expressão do pensamento. Por essa razão é que *Tractatus* analisa apenas o mecanismo lógico da linguagem, sem poder ir além dele e procurar uma pretensa fundamentação filosófica para a ética e para a estética.

Nesse sentido, pertinentemente, De Sousa Melo (2008, p. 92) assinala que "não só a linguagem é a faculdade por excelência que transmite o pensamento, mas também que é obra da razão"¹⁰⁰. Em decorrência disso, é a lógica que fixa a fronteira, o limite para a expressão dos pensamentos, ao mostrar qual é a forma dos enunciados bem formados - dotados de significado e, por conseguinte, ajustados à realidade - que ela denomina de proposições. Dessa forma, o arremate final do *Tractatus*, em sua sétima e última tese, revela todo o caminho que fora percorrido pelo *método lógico*,

¹⁰⁰ Trecho com tradução nossa. No original: "non seulement que le langage est la faculté par excellence qui véhicule la pensée, mais en plus qu'il est l'oeuvre de la raison."

em sua empreitada de estabelecer as relações e os limites entre pensamento, linguagem e mundo¹⁰¹.

Face ao exposto, ainda dentro da percepção da estrutura da linguagem segundo o *Tractatus*, inobstante a sua contribuição original no campo da lógica e da linguagem, há que se atentar para a gnose de que a obra não é simplesmente um livro sobre lógica e linguagem. Ela vai muito mais além. O estudo da linguagem torna-se também uma condição necessária para a reflexão sobre o ser e sobre a realidade. Pode-se extrair tal ilação a partir da leitura do terceiro subgrupo de teses contidas na obra (quarta, quinta e sexta teses), bem como das respectivas sentenças delas decorrentes.

Examinemos que Wittgenstein, nesse ponto, analisa a estrutura da linguagem em si, ou seja, sua estrutura interna, seus mecanismos, demarcando, em sua função descritiva, seus limites, contidos na doutrina tractatariana da distinção entre *dizer* e *mostrar*, isto é, a diferença entre o que pode ser dito (descrito) claramente por meio de proposições¹⁰² e aquilo que, por não poder ser dito, no mundo da linguagem, só deverá ser mostrado¹⁰³, conforme fora examinado no capítulo 2.

Desse modo, sob o ponto de vista que se encontra fora do *método lógico* tractatariano, ou seja, na parte que aborda, mais especificamente, a ética e seus desdobramentos, e não a lógica como instrumento de leitura da linguagem e do mundo, **o *Tractatus* apresenta uma confluência, sob o viés transcendental, principalmente entre Wittgenstein e Kant, bem como entre Wittgenstein e Schopenhauer.** Os pontos de contato entre eles podem ser facilmente notados: há pontos de intercomunicação entre a distinção entre *fenômeno* e *coisa em si* (concepção kantiana), *representação* e *vontade* (construção teórica schopenhaueriana) e, por fim, o que pode ser *dito* e o que pode ser *mostrado* (dentro da apreensão wittgensteiniana). Além disso, o kantismo herdado por Wittgenstein

¹⁰¹ Cf. DE SOUSA MELO, 2018, p. 92. Nessa parte do texto, ela evoca um dos princípios fundamentais da teoria dos atos de discurso, elaborada por John Searle (**Speech Acts**, 1969) e Daniel Vanderveken (**Les actes de discours**, 1983), segundo o qual a linguagem é obra da razão, a fim de mostrar, por meio da análise lógica da estrutura dos enunciados da linguagem, como é possível determinar os limites do que pode ser pensado e do que se pode ter como experiência. Registre-se que seu trabalho se estende além dos enunciados do tipo declarativos, que servem apenas para descrever como as coisas são, pois sua abordagem considera, além do conteúdo proposicional, as forças ilocucionárias dos atos de discurso.

¹⁰² Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 4.116, p. 167.

¹⁰³ Cf. *ibid.*, § 4.1212, p. 169.

parece ter sido absorvido do ponto de vista que Schopenhauer¹⁰⁴ possuía sobre o idealismo transcendental de Kant, com inegável poder de síntese. Portanto, é imperioso inferir que **o dizer e o mostrar têm fortes conotações kantianas e schopenhauerianas.**

Reforcemos, aqui, que iremos abrir um parêntesis, para tratar de algumas acepções. Na epistemologia kantiana, em sua *Crítica da razão pura*, ao contrário do que ocorre na metafísica tradicional, não há uma intuição intelectual que nos dê acesso direto à essência das coisas, sendo esta incondicionada. Dentro das condições de possibilidade da experiência sensível, há uma relação entre o sujeito cognoscente e os objetos cognoscíveis enquanto determinados no tempo e no espaço. Assim, é a sensibilidade que possibilita que o objeto pensado por conceitos, ou seja, através da cognição humana, seja determinado espaço-temporalmente como objeto de uma experiência possível.

Por conseguinte, a intuição, nessa captação intelectual da realidade, sempre é sensível e abrange a forma como nos são apresentados os objetos temporal e espacialmente, sendo essa mesma a condição de possibilidade da existência de tais objetos. A operação do conhecimento se dá através de uma relação entre o real e o sujeito do conhecimento. Portanto, o que conhecemos, a rigor, não é o real, ou seja, a “coisa-em-si” (*Ding an sich*), mas apenas o real enquanto objeto, o mundo dos *fenômenos*, a realidade de nossa experiência, que é diferente da realidade considerada em si mesmo, isto é, o mundo do *númeno*, o qual podemos apenas pensar, mas não conhecer. **Esta, em suma, seria a distinção que Kant estabelece entre os fenômenos e a coisa em si, que foi absorvida e interpretada por Schopenhauer, a nosso ver, de forma bastante personalista e problemática,** com uma forte crítica do racionalismo iluminista, mantendo-se, porém, na linha do idealismo transcendental kantiano, fazendo uma releitura de seus conceitos, dando à *vontade* um lugar central em sua investigação acerca do real e de sua *representação*.

É de se constatar que **a filosofia schopenhaueriana, assim como a kantiana, entende que o real, enquanto coisa-em-si, é impenetrável a nosso**

¹⁰⁴ Cf. FAUSTINO, 2006, p. 69. Nesse ponto, a autora menciona que “de acordo com Alan Janik, em seu ‘Schopenhauer and the Early Wittgenstein’ (*Philosophical Studies*, p. 76-95, v. XV, 1966), Stenius foi o precursor dessa posição.” A citada obra de Sílvia Faustino, advinda de sua tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Henrique Lopes dos Santos, é fundamental em nosso projeto.

conhecimento. A partir daí, começam a ocorrer divergências entre as visões: com certa carga de romantismo – e muita subjetividade e pessimismo -, Schopenhauer conclui que o conhecimento consegue atingir apenas as representações, que são estados subjetivos que se colocam entre o sujeito e a realidade, isto é, um véu ilusório. No entanto, Schopenhauer enxerga a vontade como a própria essência da subjetividade, e não como algo inatingível ou uma essência incondicionada. Então, nesse ponto, deixando de lado a preocupação com o criticismo e o idealismo transcendental kantianos, ele entende que a vontade não pode ser objeto do conhecimento, podendo, contudo, ser revelada ao “eu”.

Imponha-se que, superando o mundo das representações, a “metafísica da vontade” schopenhaueriana aduz que o sujeito conhece a si mesmo como sujeito, e não como objeto, de modo direto e não conceitual, enquanto vontade (*Wille*). Em vista disso, a “vontade de viver” de cada indivíduo é apenas parte da vontade em um sentido geral, eterno, imutável. Sob esse prisma, a existência individual não tem importância, visto que o indivíduo é apenas parte de um todo, sendo a natureza totalmente indiferente a suas angústias, dores e sofrimentos. A superação desse estado de coisas, proposta por Schopenhauer, em que há um impasse caracterizado por um quadro pessimista do indivíduo e das limitações de sua experiência e de sua existência, dar-se-á através da arte e da experiência estética, contemplativa, o que não deixa de ser uma saída romântica, eivada de escapismo.

Acentuemos que **a imensa relevância que Schopenhauer dá à vontade ecoará depois em diversos pensadores subsequentes a ele, como Nietzsche e, como entende Erik Stenius¹⁰⁵, o próprio Wittgenstein.** Sob essa ótica, podem ser encontrados exemplos em alguns aforismos do *Tractatus*, quais sejam¹⁰⁶: a explicação do que é correto e incorreto no solipsismo (§§ 5.62 e 5.641); a visão do mundo como destituído de valor (§ 6.41); a atemporalidade ou a eternidade da vida no presente (§ 6.4311); o poder da vontade de mudar o mundo como um todo sem mudar os fatos (§ 6.43); a diferenciação entre o fenômeno psicológico da vontade, matéria da ciência, e a vontade ética, na qual a recompensa e a punição estão na própria ação (§ 6.422).

¹⁰⁵ Cf. STENIUS, 1964, p. 214-5. Nesse ponto, Stenius (1964 apud Fasutino, 2006, p. 69), afirma que “Wittgenstein teria herdado de Schopenhauer um “kantismo” de espécie peculiar.”

¹⁰⁶ Cf. FAUSTINO, 2006, p. 69-70.

Nesse seguimento, **novamente Faustino aduz que:**

é na obra capital de Schopenhauer *O mundo como vontade e representação* (1819), lida por Wittgenstein em sua juventude, que se encontra formulada, pela primeira vez, a distinção entre o “como” (*Wie*) e o “quê” (*Was*) do mundo, que, por seu lado, constitui a base da discriminação – crucial no *Tractatus* – entre o “dizer” e o “mostrar” (*op. cit.*, p. 11).

Reflitamos que, indo além desse ponto de vista, em sendo a capacidade de descrição a função essencial e única da linguagem, tudo o que pode ser dito só pode ser dito pela linguagem, ou seja, a linguagem não pode dizer nada além dos fatos afigurados pelo pensamento. A proposição não pode descrever a maneira como ela descreve a realidade. Não há espaço para a linguagem além da própria linguagem, ou seja, não há, nos domínios da semântica formal, um discurso da metalinguagem, visto que o que pode ser mostrado não pode ser dito. Na § 6.5¹⁰⁷ do *Tractatus*, Wittgenstein vaticina que não há enigma nos domínios da linguagem e da realidade. Se uma resposta não pode ser formulada, tampouco se pode formular a sua respectiva questão. Dessa maneira, o inverso, por óbvio, de igual maneira, pode ocorrer: se uma questão pode ser levantada, ela pode ser conseqüentemente respondida.

Mais uma vez, **De Sousa Melo** (2008, p. 79), **com bastante propriedade, diz:**

Indubitavelmente, podemos pensar sem falar. No entanto, quando pensamos, podemos, em princípio, expressar os nossos pensamentos através da linguagem. Isto está de acordo com Wittgenstein (1921/1993: § 4.116) que disse: “Tudo o que pode ser pensado pode ser dito. Tudo o que pode ser dito pode ser dito claramente”¹⁰⁸.

Assim sendo, **a linguagem apenas diz o mundo, mas não tem a capacidade de dizer a própria estrutura que a permite figurar a realidade:** eis o limite da linguagem. Por isso, a proposição não pode descrever o modo como ela descreve a realidade; ela tão somente *mostra a forma lógica* do mundo¹⁰⁹. Por fim, para que a linguagem pudesse *dizer* a maneira como ela descreve a realidade, ela deveria se instalar fora dos domínios da lógica, ou seja, fora do mundo¹¹⁰. Note-se, aqui, um dos

¹⁰⁷ WITTGENSTEIN, 1993, p. 261.

¹⁰⁸ Trecho com tradução nossa. No original: “*Nous pouvons sans doute penser sans parler. Cependant, quand nous pensons, nous pouvons alors en principe exprimer nos pensées par les moyens du langage. Ceci est en accord avec Wittgenstein (1921/1993: §4.116) qui disait: ‘Tout ce qui peut être pensé peut être exprimé. Tout ce qui se laisse exprimer se laisse exprimer clairement’.*”

¹⁰⁹ Cf. WITTGENSTEIN, *op. cit.*, p. 167-169.

¹¹⁰ Cf. *Ibid.*, § 4.12, p. 167.

momentos de maior complexidade e dificuldade de compreensão para o intérprete do *Tractatus*, a ser melhor examinado no próximo ponto deste capítulo.

Isto posto, com suporte em todo o arsenal teórico da filosofia da linguagem natural (ou comum), observe-se, em sua estrutura e modo de abordagem, que **o *Tractatus* se restringe - em seu alcance semântico, sintático e lógico - aos enunciados do tipo declarativo**, isto é, aos enunciados que servem tão somente para realizar **atos de discurso do tipo assertivo**. Em momento oportuno, faremos uma explanação geral dos diversos tipos de atos de discurso, o que servirá de suporte em nossa análise crítica da obra *tractatariana*.

É de se relevar que, sobre o recorte da realidade operado no *Tractatus*, Wittgenstein, utilizando o *método lógico* para examinar a linguagem e suas relações com a realidade, **apenas descreve a armação do mundo**, estabelecendo uma limitação do alcance da linguagem. Tal contorno, fortemente baseado na lógica e usando **tão somente um modo de expressão** (as sentenças ou enunciados do tipo declarativo, cuja função é descrever como as coisas são no mundo), estabelece um delineamento, no interior da própria linguagem, no tocante ao que pode ser dito e o que, em consequência disso, só deverá ser mostrado.

Assente-se que **tais sentenças delimitadoras reforçam o que pode ser dito, por exemplo, pelas ciências naturais, mas deixam uma enorme lacuna quanto ao que as ciências humanas** - ou de outras naturezas que não as naturais - poderiam aferir, com pressuposição de sentido e referência no campo da lógica. Ao situar no terreno do inefável, do místico, áreas como a lógica, a ética, a estética, a metafísica, a religião etc., Wittgenstein molda uma visão extremamente ortodoxa e imutável da realidade, baseando-se em sua agnição de que “as proposições não podem exprimir nada de mais alto”¹¹¹, como se fechasse definitivamente uma porta que deixasse aprisionada, apartada do mundo, toda uma gama de áreas do conhecimento, exatamente pelo fato de que enunciados acerca de tais áreas não podem ser feitos, dentro de um contexto descritivo.

Na interpretação lógica do mundo operada pelo *Tractatus*, não há sobre o mundo ilações advindas do próprio mundo. Não se pode, portanto, questionar sobre o sentido da vida e do mundo, uma vez que o que se encontram nele são fatos, regidos por leis

¹¹¹ WITTGENSTEIN, 1993, § 6.42, p. 257.

lógicas, não contendo isso nada de valor, restando-nos apenas o dever de calarmos-nos diante desse estado de coisas.

Pelo exposto, para finalizar este tópico, vale trazer à pesquisa **o entendimento manifesto de Glock (1998, p. 129-130) acerca do dizer/mostrar.**

A diferença entre aquilo que pode ser dito em proposições dotadas de significado e aquilo que só pode ser mostrado perpassa o *Tractatus*, desde o Prefácio até o momento da célebre advertência final: "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar". Em carta a Russell, Wittgenstein afirmou que essa diferença constitui o "ponto essencial do livro" e "o problema central da filosofia" (RUL 19.8.19). Em carta a von Ficker (FL 10./11.19), declarou que o *Tractatus* "consiste em duas partes: a parte que aqui está e tudo aquilo que não escrevi. E é justamente essa segunda parte a importante. Pois o Ético se delimita de dentro para fora ... por meu livro; e estou convencido de que, a rigor, SOMENTE assim pode ser delimitado."

Há razões para considerar essa declaração como uma mostra ligeiramente exagerada de autopromoção, dirigida a editores potenciais. Embora Wittgenstein esteja sempre reiterando a insignificância existencial do dizível (TLP Pref., 6.41-6.522), suas reflexões anteriores e posteriores ao *Tractatus* não dizem respeito àquilo que essa obra deixa de dizer, mas sim àquilo que tenta dizer. O *Tractatus* possui, de fato, duas partes: uma lógica (ontologia atomista, teoria pictórica, tautologias, matemática, ciência) e uma mística (solipsismo, ética e estética). A real importância da distinção entre dizer e mostrar reside no fato de ela estabelecer um vínculo entre as duas partes, interditando tanto as proposições acerca da essência da representação simbólica, quanto pronunciamentos místicos relativos à esfera do valor. Constitui o problema central da filosofia por ter transformado a concepção que Wittgenstein tinha do assunto: a filosofia não pode mais ser a doutrina da forma lógica das proposições (NL 106), já que a forma lógica não pode ser enunciada. Trata-se, em vez disso, de uma atividade de elucidação, que indica "o indizível ao representar claramente o dizível" (TLP 4.115).

4.2 O aspecto místico do *Tractatus*: influências recebidas e seu sentido ético e transcendental

Como consequência do que pode apenas ser mostrado porém não pode ser dito, ou seja, descrito, explicado, delineado, Wittgenstein conclui que, além da estrutura comum entre a linguagem e o mundo – que constitui a forma de afiguração -, "há por certo o inefável." Contudo, "isso se *mostra*. É o Místico."¹¹² Nesse ponto, a filosofia tradicional, especialmente as obras de Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona, David Hume, Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer e Søren Kierkegaard, forneceu um pano de fundo importante para o *Tractatus*.

¹¹² WITTGENSTEIN, 1993, § 6.522, p. 261.

Ab initio impõe-se delinear que, em sua Teoria das Formas, **Platão** entendia a busca pelo conhecimento como uma jornada ética e espiritual, com a contemplação das formas mais elevadas, como a “Forma do Bem”, sendo o objetivo final do pensamento filosófico. Wittgenstein, no final do *Tractatus*, faz observações que tocam o místico, afirmando que há aspectos da vida que são profundamente importantes, mas que estão além da linguagem e da descrição lógica. A famosa passagem final da obra sugere que, enquanto a lógica pode esclarecer os limites do que pode ser dito, as questões mais profundas da vida - como as questões éticas - residem além desses limites. Essa visão ressoa com a concepção platônica de que o conhecimento supremo e a verdade última transcendem a mera lógica e a linguagem comum.

Desse modo, embora Wittgenstein tenha operado dentro de um quadro de referência logicista e analítico, novamente aqui se observam as influências evidentes do pensamento platônico sobre o texto tractariano. A distinção entre o mundo fenomênico e uma estrutura mais profunda e fundamental, a relação entre linguagem e realidade, os limites do conhecimento e a dimensão ética e mística do pensamento refletem temas centrais na filosofia de Platão.

Seguindo esse raciocínio, também há um ponto de convergência entre **Aristóteles** e Wittgenstein no que tange à consideração dos limites da linguagem no domínio ético e místico. Aristóteles abordou a ética em termos de virtudes e a vida boa, áreas que não são facilmente encapsuladas por proposições lógicas. Wittgenstein, embora mais reservado sobre suas posições éticas, sugere que o valor reside fora do domínio do que pode ser dito. Esta perspectiva é um eco do reconhecimento aristotélico de que certos aspectos fundamentais da vida humana escapam à expressão proposicional.

Sobressaia-se que outro ponto de convergência de ideias, dessa vez entre Wittgenstein e **Agostinho de Hipona**, é a noção de que há aspectos da realidade que estão além da capacidade descritiva da linguagem. Para Agostinho, há aspectos da experiência divina e da natureza de Deus que são inefáveis, ou seja, não podem ser plenamente capturados pela linguagem humana. Esta ideia é especialmente evidente em suas meditações teológicas, onde ele frequentemente reconhece os limites da linguagem ao tentar descrever o transcendente. Tal concepção é reverberada, de outra forma, no *Tractatus*, em seu aspecto místico e inefável.

Em consequência, ainda no contexto da filosofia medieval, pode-se vislumbrar que há pontos de contato entre o pensamento de **Tomás de Aquino** e Wittgenstein, outrossim, quanto à questão dos limites da linguagem. Aquino reconheceu que, embora possamos falar sobre Deus e a realidade última, nossas descrições são sempre inadequadas e limitadas. Ele argumentou que a linguagem humana é fundamentalmente analógica quando aplicada a Deus, refletindo nossa incapacidade de compreender plenamente a transcendência divina. Wittgenstein, no *Tractatus*, aborda a questão dos limites da linguagem de maneira diferente, mas com um reconhecimento semelhante da transcendência. Para Wittgenstein, a linguagem é adequada apenas para descrever o mundo factual, e qualquer tentativa de expressar o que está além dos fatos — como a ética, a estética e o místico — deve resultar-se em silêncio. Tal visão, portanto, ressoa a postura de Aquino sobre os limites da linguagem humana em face do divino e do transcendente.

Sob o esteio desse entendimento, a ética é outra área em que podemos traçar paralelos entre Aquino e Wittgenstein. Para Aquino, a ética está profundamente enraizada na ordem divina e na natureza humana. Ele enxergava a ética como uma ciência prática orientada pela razão e pela revelação divina, com a finalidade última de alcançar o bem supremo. Wittgenstein, conquanto tratasse a ética de maneira diferente, também a considerou uma dimensão que transcende a linguagem factual. No texto *tractariano*, ele sugere que as proposições éticas não podem ser expressas em termos proposicionais, pois pertencem ao domínio do inefável. Essa concepção reflete uma similaridade com a abordagem de Aquino, na medida em que ambos reconhecem a limitação da linguagem em capturar completamente a dimensão ética da vida. Pelo exposto, mesmo sem fazer referência explícita a Aquino, Wittgenstein ecoa certas temáticas tomistas em sua busca por compreender os limites do que pode ser dito e a estrutura subjacente do mundo. Ambos os pensadores compartilham uma preocupação com a estrutura lógica da realidade, os limites da linguagem e a transcendência.

Pontuemos, também, que, no que tange ao pensamento de **David Hume**, em suma, sua influência sobre o *Tractatus* se manifesta no ceticismo em relação à metafísica, na ênfase no empirismo e nos limites do conhecimento e, por fim, na visão da linguagem como um reflexo do mundo factual. Ambos os filósofos compartilhavam a ideia de que muitas questões filosóficas são, na verdade, problemas de linguagem

ou de mau uso da razão, havendo, dessa maneira, portanto, uma necessidade de clarificação da linguagem aliada a uma correta formulação racional de questionamentos.

Kant, a seu turno, como já delineado, com sua distinção entre *fenômeno* e coisa em si, influenciou a compreensão de Wittgenstein sobre os limites do conhecimento e do discurso. **Schopenhauer**, conforme visto também, por sua vez, com sua ênfase no mundo como representação e vontade, teve um impacto na visão de Wittgenstein sobre a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Schopenhauer, de igual modo, teve uma influência estilística sobre a forma aforística do *Tractatus*.

Seguindo esse norte exegético, pode-se inferir que **Kierkegaard** e Wittgenstein, de igual maneira, compartilham uma preocupação com o inefável, isto é, aquilo que não pode ser adequadamente expressado em palavras. Para Kierkegaard, isso está ligado à experiência religiosa e ao salto de fé, uma escolha que transcende a racionalidade e a linguagem. Wittgenstein, por sua vez, afirma no *Tractatus*, como já exposto, que “o sentido do mundo deve estar fora dele”¹¹³ e que “há por certo o inefável. Este se *mostra*; é o Místico”¹¹⁴. Wittgenstein parece ecoar a noção kierkegaardiana de que as questões mais profundas da vida – ética, estética e religiosa – estão além dos limites da linguagem proposicional. Ambas as filosofias sugerem que a tentativa de expressar o inexpressável é um erro categorial. No *Tractatus*, Wittgenstein sustenta que aquilo que é mais essencial não pode ser capturado pela linguagem.

Repisemos que Kierkegaard enfatiza a importância da subjetividade e da experiência individual na busca pela verdade. Ele acreditava que a verdade é encontrada na interioridade do indivíduo, através de uma relação direta e pessoal com a existência. Essa ênfase na subjetividade pode ser vista na própria abordagem de Wittgenstein à filosofia, onde a clarificação dos pensamentos é um processo pessoal e introspectivo. Embora Wittgenstein busque uma objetividade formal na lógica, ele também reconhece que o sentido da vida e os valores éticos transcendem essa estrutura formal. É daí que advêm o sentido místico e o inefável presentes ao final da obra *tractariana*.

¹¹³ WITTGENSTEIN, 1993, § 6.41, p. 257.

¹¹⁴ *Ibid.*, § 6.522, p. 261.

Focalize-se que ambos os filósofos criticam a tentativa de criar sistemas filosóficos fechados e completos. Kierkegaard argumenta que a existência humana é complexa e paradoxal, resistindo a qualquer tentativa de sistematização total. Wittgenstein, no final do *Tractatus*, reconhece que suas próprias proposições são algo que deve ser superado, um “degrau” a ser abandonado após a escalada, ou seja, algo igualmente paradoxal e complexo, como a existência humana para Kierkegaard. Essa ideia de “ultrapassar o sistema” reflete a crença kierkegaardiana na importância da vida vivida sobre qualquer sistema filosófico. Desse modo, conclui-se que a filosofia de Wittgenstein, assim como a de Kierkegaard, valoriza a experiência imediata e a vida prática como fontes essenciais de significado.

Contudo, muitas outras, ainda, foram as influências recebidas pelo jovem Wittgenstein. Embora não seja uma influência direta, sua abordagem aos limites da linguagem e ao inefável também possui elementos que se relacionam com tradições místicas e éticas. Sua visão de que há aspectos da realidade que não podem ser expressos em linguagem proposicional ressoa com várias tradições místicas e éticas, inclusive orientais, que enfatizam o inefável.

Inspirado, nessa conjuntura, por um forte sentimento de necessidade de uma crítica radical da linguagem e *pari passu* afinado na cultura austríaca de sua época de juventude, Wittgenstein elabora uma filosofia - densa e complexa, por um lado, e problemática e de difícil assimilação, por outro - na qual a já citada crítica da linguagem, inicialmente baseada no *método lógico*, é elevada a um patamar transcendental, como explanado anteriormente, abrangendo principalmente as concepções de Kant e de Schopenhauer. Tal intento foi levado a cabo aliado, outrossim, ao arcabouço intelectual absorvido em suas **leituras de ordem ética** – obras de Hume, Kierkegaard, William James, Tolstoi, Dostoievsky, Weininger e dos já citados Kant e Schopenhauer - e lógica (Frege, Russell), com um raro poder condensador. Logo, estabelecendo os limites da linguagem e do mundo, o *Tractatus* concilia, de modo paradoxal, porém harmonioso, perquirições lógicas com convicções éticas.

É improtelável frisar que, segundo Urbano Zilles, Wittgenstein entrou em contato com as obras de Schopenhauer em sua juventude, provavelmente por influência de sua irmã Margarete, que também apresentou a ele os escritos de **Otto Weininger** (*Sexo e caráter*). Já em Cambridge, leu *As variedades da experiência religiosa*, de

William James, além de boa parte da obra de cunho mais místico e religioso de Tolstoi (por quem foi influenciado a ler os evangelhos) e de Dostoiévsky. Por influência do olhar de Kierkegaard, conforme visto há pouco, a religião tornou-se, para Wittgenstein, uma forma de vida imune a julgamentos e opiniões de quaisquer naturezas¹¹⁵.

Particularmente, **Fiódor Dostoiévski** (1821-1881) foi um autor cujas obras influenciaram o jovem Wittgenstein e frequentemente lidavam com temas como moralidade, livre-arbítrio e a natureza da existência humana. Seus romances, como *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamazov*, exploram profundamente a psicologia humana e as questões éticas, temas que ecoam nas preocupações filosóficas de Wittgenstein.

Observe-se que uma das áreas mais evidentes de influência de Dostoiévski sobre o “primeiro Wittgenstein” está nos temas existenciais e éticos. No *Tractatus*, Wittgenstein afirma que a filosofia deve lidar com a clarificação dos pensamentos e a definição dos limites do que pode ser dito, o que deixa implícito uma dimensão ética. Ele argumenta que os problemas filosóficos são, em essência, problemas de linguagem, mas sugere que a ética e o sentido da vida transcendem o domínio do que pode ser claramente articulado. Dostoiévski, especialmente em *Os Irmãos Karamazov*, explora a ideia de que a verdade e o sentido da vida não podem ser plenamente compreendidos ou expressos através da linguagem lógica. Por exemplo, o personagem Ivan Karamazov luta com a questão do sofrimento e da existência de Deus, refletindo uma inquietação que ressoa com a visão de Wittgenstein de que há aspectos da vida que são "indizíveis".

É de se distinguir que outro ponto de intersecção é a dimensão mística presente tanto em Dostoiévski quanto em Wittgenstein, a qual sugere que o mais importante na vida está além do domínio do discurso racional e analítico. Dostoiévski lida com temas místicos em sua prosa, frequentemente colocando seus personagens em situações em que confrontam o mistério da fé e da existência. Em *Os Irmãos Karamazov*, o personagem Aliocha busca uma vida de espiritualidade e contemplação, rejeitando as respostas fáceis e racionais em favor de uma experiência direta do místico e do divino.

Dessa forma, refletimos que a preocupação de Wittgenstein com a relação entre linguagem e realidade pode ter sido influenciada pela forma como Dostoiévski aborda

¹¹⁵ Cf. ZILLES, 1994, p. 18-22.

a complexidade da mente e da experiência humana. Dostoiévski frequentemente utiliza a narrativa para explorar as profundezas da consciência e as ambiguidades morais de seus personagens, sugerindo que a realidade humana é complexa e multifacetada, resistindo a uma descrição simples e direta. No *Tractatus*, Wittgenstein afirma que a linguagem constrói imagens da realidade, mas que há limites para o que pode ser representado linguisticamente. Essa ideia pode refletir uma influência da narrativa de Dostoiévski, onde a profundidade psicológica e a ambiguidade moral de seus personagens são difíceis de serem plenamente capturadas por qualquer descrição lógica ou racional.

Concomitantemente, **Liev Tolstói** (1828-1910) exerceu influência decisiva, nos aspectos místicos, sobre o jovem Wittgenstein, em particular com a obra *O Evangelho em breve*, uma reinterpretação dos ensinamentos de Jesus, focando na simplicidade e na ética do amor. Como já repisado, o interesse de Wittgenstein pela filosofia foi fortemente moldado por sua educação e por suas experiências durante a Primeira Guerra Mundial, período em que ele carregava consigo uma cópia de *O Evangelho em breve*. A influência desse livro é visível na interseção entre ética e lógica no *Tractatus*.

Consigne-se que Tolstói acreditava que a busca pelo significado da vida era inseparável de uma vida ética. Wittgenstein, influenciado por essa visão, incorporou uma dimensão ética em sua filosofia lógica. No prefácio do *Tractatus*, ele declara que o livro trata das questões filosóficas fundamentais, incluindo aquelas relacionadas ao sentido da vida, o valor ético e o que pode ser dito sobre essas questões. Wittgenstein sugere que a linguagem é incapaz de capturar o sentido pleno das questões éticas e existenciais, um pensamento que ressoa com a visão tolstoiana de que a verdade última transcende a expressão verbal.

Vale repertoriar que outra área significativa de influência de Tolstói sobre Wittgenstein é a concepção de religião e misticismo. Tolstói via a religião não como um sistema de doutrinas, mas como uma orientação prática para a vida. Essa abordagem é refletida na obra *tractariana*, na qual Wittgenstein entende a religião como uma questão de vivência ética, e não de proposições teóricas.

Anotemos que, da mesma maneira, Tolstói e Wittgenstein compartilham uma preocupação com os limites da linguagem. Tolstói, em suas obras, frequentemente retrata a inadequação da linguagem para expressar a profundidade da experiência

humana. Wittgenstein expande essa ideia em sua análise da linguagem no *Tractatus*. Ele argumenta que a linguagem só pode expressar fatos sobre o mundo, mas não pode capturar o que está além dos fatos, como valores éticos e o sentido da vida. Essa limitação é ilustrada nas proposições tractarianas que distinguem entre o *dizer* e o *mostrar*. Para Wittgenstein, há aspectos da realidade que podem ser *mostrados* pela estrutura da linguagem e da lógica, mas não *ditos* explicitamente, consoante explanado no tópico passado. Essa distinção ecoa a crença de Tolstói na existência de verdades profundas que transcendem a linguagem.

Retomando outro ponto já examinado, mais especificamente no que tange a **Immanuel Kant**, há uma enorme correlação entre o idealismo transcendental e a assimilação tractatariana do inefável. Kant afirmava, na *Crítica da Razão Pura*, que a chave para a apreensão de sua teoria sobre a racionalidade e o conhecimento humanos, que os argumentos metafísicos tradicionais sobre a alma, a imortalidade, Deus e o livre-arbítrio ultrapassavam os limites da razão. O emprego legítimo da razão ocorreria apenas na esfera prática, conhecendo o mundo. Aquilo que intuímos nas aparências não seriam as coisas em si mesmas, mas somente as coisas como elas aparecem a nós - os *fenômenos* -, em virtude do nosso modo de conhecê-las através da experiência, do conhecimento sensível, como já anteriormente esmiuçado. Logo, coisas em si mesmas não poderiam ser conhecidas, ainda que projetássemos nossa razão no mais alto grau de compreensão.

Cabe destacar que, **na apregoada § 6.13¹¹⁶ do *Tractatus*, Wittgenstein usa a palavra transcendental no sentido de Kant**, quer dizer: em termos conceituais, idealismo transcendental é uma terminologia aplicada à epistemologia de Kant, segundo a qual os *fenômenos* da realidade objetiva, por serem incapazes de se mostrar aos homens exatamente tais como são, não aparecem como coisas-em-si (*númenos*), mas como representações subjetivas construídas pelas faculdades humanas de cognição. Essa forma de idealismo afirma que o ego transcendental consegue apreender conhecimento através dos sentidos e também de conceitos centrais, as categorias. Tal posição epistemológica está em contraste com o idealismo

¹¹⁶ *Ipsis litteris*: “A lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. A lógica é transcendental.” WITTGENSTEIN, 1993, p. 245.

de Descartes¹¹⁷ e o idealismo dogmático de Berkeley¹¹⁸, por exemplo. Este último seria o seu oposto.

Convém lembrar que Kant denominou as coisas em si de “objeto transcendental” ou *númenos*. Nesse universo, o aspecto *noumenal* dos *fenômenos* seria inatingível pela razão humana. Aqui, mais uma vez, torna-se irrefutável a equivalência entre tais conceitos kantianos e o que é proposto na parte final do *Tractatus*, que diz respeito ao que não pode ser tocado pelo pensamento e pela linguagem (a ética, a estética, a metafísica, a religião, o *Altíssimo*¹¹⁹). Ao estabelecer os limites entre o que pode ser dito pela proposição significativa e o que pertence ao domínio do inefável, do místico ou tão somente da vida, Wittgenstein infere que **o místico pode até ser pensado, mas não logicamente, de maneira análoga ao *númeno* kantiano.**

Em suma, retomando o que já foi devidamente examinado no capítulo anterior, no que tange às **proposições de caráter lógico** contidas no universo tractatario, elas nada dizem, mas somente mostram algo. Elas não afiguram o mundo, vez que são *a priori* verdadeiras ou falsas. Trata-se das **tautologias** e das **contradições**, já antes delineadas. Tais proposições representam a “**armação do mundo**”. Sem embargo, não tratam de nada. Apenas se limitam a mostrar que a lógica é a essência do mundo, a *conditio sine qua non* para que possamos utilizar a linguagem para representá-lo. E a lógica é independente de todas as outras coisas, ou seja, ela é transcendental. Tendo um caráter apriorístico, a lógica antecede toda experiência. Portanto, as proposições da lógica não dizem nada – como já aqui explanado, **são como as proposições analíticas kantianas**¹²⁰.

Demais disso, atenha-se que há, também, os **juízos sintéticos *a priori* kantianos** (axiomas matemáticos e físico-matemáticos), de igual forma abordados no capítulo anterior, os quais são universais e necessários tanto quanto os juízos analíticos. Por conseguinte, analisando-se o sentido inefável ou místico do *Tractatus*, chega-se à conclusão, com efeito, de que os juízos sintéticos *a priori* **não são**

¹¹⁷ Segundo Marcondes (2007, p. 179), o argumento do *cogito* coloca Descartes “diante do **solipsismo**, um **idealismo radical** que significa o isolamento da consciência (interioridade) em relação ao mundo exterior.”

¹¹⁸ Em linhas gerais, o idealismo dogmático surge com George Berkeley, que considera a realidade do mundo exterior justificada apenas por sua existência anterior na mente divina ou na mente humana, ou seja, partindo de uma perspectiva empirista, na qual a realidade se confunde com aquilo que dela se percebe, Berkeley deduz que os objetos materiais reduzem-se a ideias na mente de Deus e dos seres humanos. Daí que, em sua famosa acepção, “ser é ser percebido”.

¹¹⁹ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.432, p. 259.

¹²⁰ Cf. *Ibid.*, § 6.11, p. 233.

possíveis em metafísica, no modo de ver de Wittgenstein, aqui fortemente influenciado por Frege.

Com relação ainda às coisas que só podem ser mostradas, é de se perceber que o místico, para Wittgenstein, denota um sentimento ou uma intuição do mundo sob a perspectiva da eternidade¹²¹ além da existência concreta, demonstrando, nesse ponto, o mesmo sentido antes expresso pela filosofia de Schopenhauer, segundo o qual quem vê as coisas sob esse ângulo ultrapassa a fronteira de sua individualidade e se identifica com o sujeito eterno do conhecimento. Ver o mundo sob essa ótica é enxergar além do espaço e do tempo, além das contingências. Logo, para Wittgenstein (1993, p. 259): “A morte não é um evento da vida. A morte não se vive. Se por eternidade não se entende a duração temporal infinita, mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente.” O campo do inefável, do sentimento místico, não é como o mundo é, mas o que o mundo é¹²².

Nesse encadeamento hermenêutico acerca do que apenas se mostra, a ética e a estética são uma só; *pari passu* a ética é, analogamente à lógica, transcendental, não se deixa exprimir.¹²³ Por isso, proposições envolvendo valores éticos em sentido absoluto não são possíveis. Com relação a tais valores, o sentido do mundo deve estar fora dele, como foi explicado há pouco. **É, portanto, impossível exprimir o que possui natureza inexprimível.**

Registre-se, por oportuno, que outra característica importante contida no “inefável” da obra tractatariana são os **pontos de contato com o platonismo e o chamado “mundo das ideias”**, consoante delineado no início deste tópico. As investigações do lógico e matemático tcheco **Kurt Gödel**, profundamente influenciado pelo *Tractatus* no uso da lógica, por sua vez, podem atestar essa afirmação, visto que, em filosofia, as obras de Gödel, principalmente o seu “teorema de incompletude”, também conhecido como “teorema de Gödel”, foram consideradas como reafirmações do platonismo e, mais recentemente, como prova da impossibilidade de inteligência artificial, algo contestado por **Alan Turing**, por exemplo, mas depois ratificado por **John Searle**, em seu célebre artigo de 1980, *Minds, brains and programs*, no qual é apresentado seu igualmente famoso argumento do “quarto chinês”, bem como pelo

¹²¹ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.45, p. 259.

¹²² Cf. *ibid.*, § 6.44, p. 259.

¹²³ Cf. *ibid.*, § 6.421, p. 257.

matemático **Roger Penrose**, na obra *A nova mente do imperador: sobre computadores, mentes e as leis da física*.

Contudo, há que se notar que o platonismo, em filosofia e em matemática, é apenas a ideia de que os objetos abstratos existem, de maneira independente, em uma espécie de “terceiro plano”, ou seja, não são mentais nem físicos, mas ocupam um mundo distinto e eterno descrito pela matemática, pela lógica e pela geometria, às vezes perpassado pelo esforço do intelecto. Qualquer semelhança com os conceitos tractatarios, nesse caso, não é mera coincidência, no que diz respeito aos terrenos do absoluto, do abstrato e do transcendental, que fazem parte do “inefável”, do “sentimento místico”, representações da “coisa em si” kantiana e, ato contínuo, da Vontade cega de Schopenhauer e do paradoxo entre fé e razão contido no pensamento de Kierkegaard, que vislumbra que a fé é sempre um salto, como examinado um pouco mais atrás.

Consentaneamente, **no eixo teórico da lógica ilocucionária**¹²⁴, **De Sousa Melo**, referindo-se a Wittgenstein, em sua proposição 5.6¹²⁵ - “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu mundo” - afirma veementemente que a lógica articula as formas *a priori* de pensamento e da experiência no sentido de Kant. Assim sendo, eis a razão pela qual ele então afirma que “a lógica é transcendental”, em sua proposição 6.13¹²⁶. A autora pensa, **no mesmo sentido de Daniel Vanderveken**, que as leis necessárias e universais que governam o sucesso e a satisfação dos pensamentos conceituais são transcendentais, na acepção de Kant e Wittgenstein. Se, por um lado, determinam as condições de possibilidade de expressão bem-sucedida de pensamentos; por outro lado, determinam as condições de possibilidade de experiência¹²⁷.

Perante o exposto, marque-se que um dos nortes filosóficos mais fortes perseguidos pelo *Tractatus* é a questão do significado. A solução apresentada por autores clássicos, lidos e estudados por Wittgenstein, como Platão e Agostinho de Hipona, envolve o terreno metafísico, completamente refutado pelo pensador vienense, visto que, para ele, o místico não pode expressar-se ou traduzir-se em

¹²⁴ Mais à frente, por oportuno, faremos uma incursão na lógica ilocucionária e na teoria dos atos de discurso, delineando seus principais conceitos.

¹²⁵ WITTGENSTEIN, 1993., p. 229.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 245.

¹²⁷ Cf. DE SOUSA MELO, 2018, p. 92-93.

linguagem lógica, racional, argumentativa, discursiva. As vias de acesso a um plano absoluto, transcendente ou metafísico não são interligadas a um discurso representativo, lógico. Destarte, o sentimento místico, que se liga à própria vida, não pode ser revelado ou expresso em palavras, em linguagem.

Desse modo, assinalemos que há **aspectos religiosos** no *Tractatus*. A palavra “Deus” aparece em apenas quatro proposições da obra¹²⁸. Igualmente, Deus tão somente se *mostra*. Dessa mesma maneira, o discurso sobre um ser superior pertence ao domínio do inefável, pois ele estaria além do mundo dos fatos, quer dizer, no terreno do místico. Qualquer esforço no sentido de se elaborar um discurso sobre Deus resultaria em um contrassenso, dentro da lógica transcendental tractatariana. Sob essa circunstância, um ser superior não se revela no mundo e não há relação entre ele e os fatos do mundo. Logo, fato nenhum é capaz de dizer algo sobre Deus. Na leitura de Margutti Pinto sobre a Religião no *Tractatus*, há uma articulação que envolve o sujeito transcendental contemplativo e a concepção lógico-transcendental da realidade. Esse sujeito, de forma ascética, mística, lança seu olhar sobre a essência do mundo, que apenas se *mostra*, em uma engrenagem que constitui uma forma, a nosso ver, original e genuína de religiosidade, denominada pelo intérprete de “cristianismo transcendental”¹²⁹, haja vista a referência a Deus a ao *Altíssimo* no texto tractatariano.

Congruentemente, acerca das concepções de Wittgenstein sobre religião, como também suas opiniões pessoais a respeito dos escritos de importantes filósofos que o influenciaram, como Agostinho e Kierkegaard, interessante é trazer a este trabalho investigativo **a visão de um de seus mais proeminentes discípulos, Norman Malcolm** (1970, p. 59-60):

Wittgenstein foi preparado pelo seu próprio caráter e experiência para compreender a ideia de um Deus julgador e redentor. Mas qualquer concepção cosmológica de uma Deidade, derivada das noções de causa ou de infinito, seria repugnante para ele. Ele estava impaciente com as “provas” da existência de Deus e com as tentativas de dar à religião um fundamento racional. Quando uma vez citei para ele uma observação de Kierkegaard nesse sentido: “Como pode ser que Cristo não exista, já que sei que Ele me salvou?”, Wittgenstein exclamou: “Você vê! Não é uma questão de provar nada! Ele não gostava dos escritos teológicos do Cardeal Newman, que leu com atenção durante o seu último ano em Cambridge. Por outro lado, reverenciava os escritos de Santo Agostinho. Ele me disse que decidiu começar suas Investigações com uma

¹²⁸ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, §§ 3.031, 5.123, 6.372, 6.432; p. 139, 193, 255 e 259, respectivamente.

¹²⁹ Cf. PINTO, 1998, p. 360.

citação das Confissões deste último, não porque não conseguisse encontrar a concepção expressa naquela citação também feita por outros filósofos, mas porque a concepção deve ser importante se uma mente tão grande a sustenta. Ele também estimava Kierkegaard. Referiu-se a ele, com algo de admiração na sua expressão, como um homem “realmente religioso”. Ele havia lido o Pós-escrito Conclusivo Não Científico — mas achou-o “profundo demais” para ele.¹³⁰

Reitere-se que, conquanto a linguagem e seu significado fossem uma preocupação central do livro, Wittgenstein também levou muito a sério o que está além da linguagem – o silêncio. À vista disso, na obra tractatariana, há uma forte dicotomia entre o que pode ser dito e o que pertence ao domínio do místico, do metafísico, do inefável ou simplesmente da vida.¹³¹

Recapitulando, dessa maneira, o que fora explanado neste capítulo, **Wittgenstein, portanto, situa a Lógica,¹³² a Ética,¹³³ a Estética,¹³⁴ e a Religião (ou Deus)¹³⁵ no campo do místico, do inefável.** Desse emaranhado de proposições eivadas de um simbolismo místico, pode-se aduzir que não podemos exprimir com signos o que se mostra nos próprios signos. Ou seja: não se pode representar o irrepresentável. Sob esse prisma, por exemplo, **a lógica não pode falar sobre si mesma, isto é, não se pode autodefinir, visto que também possui um caráter metafísico.** Assim, no mundo não encontramos valor¹³⁶, uma vez que ele é constituído por fatos regidos pelas leis da lógica¹³⁷. Por isso, no mundo não

¹³⁰ Tradução de nossa lavra. No original: “I believe that Wittgenstein was prepared by his own character and experience to comprehend the idea of a judging and redeeming God. But any cosmological conception of a Deity, derived from the notions of cause or of infinity, would be repugnant to him. He was impatient with 'proofs' of the existence of God, and with attempts to give religion a rational foundation. When I once quoted to him a remark of Kierkegaard's to this effect: 'How can it be that Christ does not exist, since I know that He has saved me?', Wittgenstein exclaimed: 'You see! It isn't a question of proving anything!' He disliked the theological writings of Cardinal Newman, which he read with care during his last year at Cambridge. On the other hand, he revered the writings of St. Augustine. He told me he decided to begin his Investigations with a quotation from the latter's Confessions, not because he could not find the conception expressed in that quotation stated as well by other philosophers, but because the conception must be important if so great a mind held it. Kierkegaard he also esteemed. He referred to him, with something of awe in his expression, as a 'really religious' man. He had read the Concluding Unscientific Postscript-but found it 'too deep' for him.”

¹³¹ Conforme o entendimento de Zilles (1994, p. 10): “Wittgenstein não se comprometeu com o místico. Dele fala de maneira negativa. Pode ser pensado, mas não logicamente, de maneira análoga ao *noúmenon* de Kant.”

¹³² Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.11, 6.13, p. 233 e p. 245, respectivamente.

¹³³ Cf. *ibid.*, § 6.421, p. 257.

¹³⁴ Cf. *ibid.*, § 6.421, p. 257.

¹³⁵ Cf. *ibid.*, § 6.432, p.259.

¹³⁶ Cf. *ibid.*, § 6.41, p. 257. Há aqui uma forte influência de índole schopenhaueriana, nesta concepção de Wittgenstein.

¹³⁷ Para Frege, tanto quanto para Aristóteles, as leis da lógica são leis sobre todas as coisas, ou seja, sobre o que é. Essa é uma construção teórica do Professor Daniel Durante, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o qual, em seu oportuno artigo **Logic is metaphysics**. Pincipia, Florianópolis,

encontraremos respostas a perguntas sobre o próprio mundo, ou sobre o sentido da vida, ou sobre Deus. O que se mostra, o místico, não se constitui como fato no mundo; versa, pois, sobre aquilo de que nada podemos falar.

Então, no que tange à ética, na esfera do *dizer* e do *mostrar*, é relevante a nosso propósito de esclarecimento lançar mais um entendimento de Glock (1998, p. 142-143):

A ética ocupa um lugar singular no pensamento de Wittgenstein. A importância pessoal que ele atribuía a questões acerca do valor moral era irrestrita. Seus escritos sobre ética são, contudo, breves e obscuros, muito embora sua visão sobre a linguagem tenha exercido uma influência enorme, ainda que intermitente e difusa, sobre a abordagem analítica da filosofia da moral. A postura moral de Wittgenstein era, do ponto de vista pessoal, egocêntrica e contemplativa. Foi, nesse particular, influenciado por Schopenhauer e pelo livro *Sexo e caráter*, de Weininger, em que se declara que "lógica e ética são fundamentalmente uma mesma coisa; são apenas deveres que temos para conosco" (159). Temos a obrigação moral de buscar a clareza lógica. A distinção estabelecida no *Tractatus* entre DIZER e MOSTRAR confere substância à primeira parte da máxima de Weininger: somente as proposições empíricas da ciência são dotadas de significado, uma vez que afiguram estados de coisas contingentes (verdadeira ou falsamente). Aquilo que Wittgenstein denomina "o domínio superior" (TLP 6.42, 6.432), toda a esfera do valor, tem em comum com as estruturas da linguagem a sina da inefabilidade; ambos os domínios não podem ser ditos, mas apenas mostrados. A ética, a estética e a lógica estão ligadas pelo fato de serem "transcendentais": enquanto tudo aquilo que é factual é "acidental", essas disciplinas tentam expressar aquilo que não poderia ser de outra forma, as "precondições do mundo" (NB 24.7.16; TLP 6.13, 6.421).

Convenientemente, retomamos, agora, um episódio que esclarece a avaliação de Wittgenstein a respeito do *Tractatus*. Em uma **célebre carta a Ludwig von Ficker**¹³⁸, editor da obra, ele assevera que o livro consiste em duas partes: a que está escrita e tudo aquilo que ele não escreveu, sendo essa segunda parte, surpreendentemente, a mais importante. Isso deu margem a uma brincadeira, por parte de Bertrand Russell, que, com seu típico humor espirituoso britânico, costumava

p. 31-42, 2011, **realiza conexões entre a lógica e a metafísica, defendendo o ponto de vista de que, basicamente, não há diferença entre ambas**. Analisando a posição de dois filósofos cujas opiniões são reconhecidamente divergentes, W. O. Quine e M. Dummett, o citado autor vislumbra um ponto marcante de concordância entre eles: a ideia de que **os nossos princípios lógicos constituem os nossos princípios sobre o que existe e, por conseguinte, que a lógica é metafísica**. Dessa forma, logo na introdução do referido artigo, Daniel Durante assevera categoricamente: "A ideia de que a lógica e a metafísica estão de alguma forma ligadas e que os nossos princípios lógicos representam princípios sobre a realidade, apesar de parecer estranho a muitos ouvidos contemporâneos, é tão antiga como a própria lógica" – em nossa tradução. No original, *ibid.*, p. 31: "The idea that logic and metaphysics are bonded in some way and that our logical principles represent principles about reality, despite sounding strange to many contemporary ears, is as old as logic itself."

¹³⁸ Cf. GLOCK, 1998, p. 129.

dizer que estranhava o fato de que o filósofo vienense, no final das contas, dizia uma série de coisas que não podiam ser ditas. Esse comentário, inclusive, é exposto, de outra forma, na introdução que Russell escrevera para o *Tractatus*.

Convém destacar que, com efeito, o que Wittgenstein queria afirmar era que a temática de sua obra seria a ética, e não a lógica ou a matemática, como geralmente se inferia, dado que a ética, como a estética, estaria ocupada do que possuísse valor. Frise-se que, em que pese ser esse o parecer de seu autor, o *Tractatus* obteve fama, reconhecimento e influenciou outros pensadores justamente por conta de sua parte lógica. Talvez, a condensação do pensamento de uma série de filósofos e escritores na parte ética e mística da obra tenha contribuído para que um contingente do público leitor do texto tractariano desse mais valor paradoxalmente ao que Wittgenstein dava menos valor, ou seja, à parte lógica e analítica do livro.

Por fim, o *Tractatus*, em sua penúltima proposição enumerada a partir da sexta tese, discorre sobre o método correto a ser utilizado pela filosofia, bem como sobre a sua tarefa¹³⁹. Na última proposição a partir da sexta tese, Wittgenstein explica que suas proposições são elucidativas pelo fato de que quem as compreende as reconhece como contrassensos. É neste ponto que ele utiliza um estratagema retórico: **a metáfora paradoxal da escada**. Sobrepujando tais proposições e vendo o mundo corretamente, o leitor tractariano deve jogar fora a escada após ter subido por ela¹⁴⁰. É um estratagema retórico muito bem articulado, que deixa, no entanto, espaço aberto para críticas sobre o sistema de signos, argumentos e metalinguagem utilizados na obra. No próximo capítulo, teceremos uma análise mais aprofundada sobre essa característica da dicção tractariana, apontando seus impasses e suas contradições.

Diante do exposto, cabe inferir que tanto o discurso acerca da estrutura lógica da linguagem e do mundo quanto o discurso ético sobre os valores e o sentido da existência estão fora dos limites da linguagem significativa, a qual é formada por sentenças do tipo declarativo, em um contexto único de função descritiva da semântica formal. Dessa forma, já que o mostrado não pode ser expresso, não pode ser abarcado pela linguagem, que é a tradução de nosso pensamento sobre a

¹³⁹ Cf. WITTGENSTEIN, 1993, § 6.53, p. 261.

¹⁴⁰ Cf. *ibid.*, § 6.54, p. 261.

realidade, concluamos que, diante daquilo que se mostrar a nós, a atitude mais prudente é a de calar-nos.

4.3 O solipsismo: o sujeito enquanto limite do mundo

Prima facie urge enfatizar que o solipsismo¹⁴¹ é uma **doutrina filosófica que afirma que apenas o próprio eu e suas experiências existem ontologicamente**. Em termos epistemológicos, isso implica que o conhecimento de qualquer coisa fora do próprio eu é incerto. No contexto do *Tractatus*, **Wittgenstein reconfigura essa ideia**, propondo uma interpretação única que liga o solipsismo à estrutura lógica da linguagem e do mundo.

Ponderosamente, no texto tractariano, Wittgenstein organiza suas proposições de forma a criar uma imagem lógica do mundo. Ele estabelece uma correspondência entre linguagem, pensamento e realidade, onde as proposições são representações de estados de coisas possíveis. Dentro dessa estrutura, **o sujeito tem um papel fundamental**, como se pode inferir ao analisarmos as proposições a seguir:

- **Proposição 5.6**¹⁴²: Wittgenstein afirma que “*os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo*”; aqui, ele sugere que o mundo de cada indivíduo é delimitado pela linguagem que ele pode utilizar para descrever e pensar o mundo;

- **Proposição 5.632**¹⁴³: Ele menciona que o sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo, o que sugere que o sujeito é uma condição para a possibilidade de representar o mundo, mas não uma parte dele.

Por conseguinte, para Wittgenstein, o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas, como anteriormente enfatizado. As proposições linguísticas descrevem fatos, que são combinações de objetos. O sujeito, nesse contexto, é a condição para a representação desses fatos, mas não uma entidade no mundo dos fatos, como se aduz a partir do enunciado a seguir:

¹⁴¹ Segundo Branquinho *et al.* (2020, p. 712): “O solipsismo distingue-se do ceticismo por afirmar a inexistência do que este apenas duvida: as outras mentes para além da minha.” Curioso é notar, ao fim do verbete, no aludido dicionário (p. 713), a afirmação de que “a mais forte ‘refutação’ do solipsismo é o argumento contra a linguagem privada de Wittgenstein”, argumento contido em parte do livro póstumo *Investigações filosóficas*, o que reforça a visão de muitos comentadores no sentido de que o chamado “segundo Wittgenstein” rechaçou tudo que fora construído pelo “primeiro Wittgenstein”. Isso será algo discutido mais adiante, neste trabalho.

¹⁴² WITTGENSTEIN, 1993, p. 229.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 229.

- **Proposição 5.631**¹⁴⁴: Wittgenstein argumenta que a visão correta do mundo só pode ser alcançada a partir de uma perspectiva *sub specie aeternitatis*, ou seja, de uma perspectiva atemporal. Sob essa circunstância, o sujeito, ao tentar descrever o mundo de maneira objetiva, posiciona-se fora do mundo descrito.

O solipsismo de Wittgenstein, portanto, não é uma afirmação de que apenas o eu existe, mas uma afirmação sobre os limites da linguagem e do pensamento, senão vejamos:

- **Proposição 5.64**¹⁴⁵: A visão do solipsismo é idêntica àquela do realismo, uma vez que ambos reconhecem que a linguagem é o limite do mundo; todavia, enquanto o realismo busca descrever o mundo de maneira objetiva, o solipsismo afirma que essa descrição é limitada pelo sujeito;

- **Proposição 5.641**¹⁴⁶: Wittgenstein resolve a tensão entre o solipsismo e o realismo ao mostrar que, embora o sujeito não possa ser descrito como um objeto no mundo, ele ainda é a condição para qualquer descrição do mundo.

À vista do exposto, conclui-se que o tratamento dado ao solipsismo no *Tractatus* reflete a tentativa de Wittgenstein de mostrar os limites da linguagem e do pensamento. O sujeito, enquanto limite do mundo, não é um objeto dentro do mundo, mas uma condição necessária para a sua descrição. Ao reconfigurar o solipsismo dessa maneira, Wittgenstein oferece uma nova perspectiva sobre a relação entre o sujeito e a realidade, onde a linguagem desempenha um papel central e crucial.

Nesse enquadramento, **o solipsismo, no *Tractatus*, não é uma posição solipsista tradicional, mas uma reflexão sobre a estrutura lógica da linguagem e sua relação com o mundo**. O sujeito, em Wittgenstein, é um ponto de vista limite que permite a articulação do mundo, mas que não pode ser articulado da mesma maneira. Essa interpretação do solipsismo destaca a complexidade e a profundidade da filosofia de Wittgenstein, além de ratificar sua contribuição significativa para a compreensão da relação entre linguagem, pensamento e realidade.

Apropriadamente, interessa à pesquisa trazer ao debate, de igual forma, o entendimento de solipsismo para Glock (1998, p. 338):

Trata-se da concepção de que nada existe a não ser a própria pessoa e os conteúdos de sua mente. Embora essa ideia raramente tenha sido defendida

¹⁴⁴ WITTGENSTEIN, 1993, p. 229.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 231.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 231.

de forma explícita, seduziu idealistas e fenomenalistas, que se comprometeram com ela de forma implícita. A discussão sobre o solipsismo (1LP 5.6-5.641) assinala o ponto de intersecção entre a parte lógica e a parte mística do *Tractatus*. A "chave para se decidir a questão de saber em que medida o solipsismo é uma verdade" é que "os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo". O que o solipsista quer dizer é que "o mundo é o meu mundo". Essa verdade inexprimível se manifesta no fato de que os limites da linguagem (a linguagem que, só ela, eu entendo) significam os limites de meu mundo" (TLP 5.62 remete a 5.6, ver NB 23.5.15).

Em vista disso, a exegese pouco heterodoxa acerca da linguagem e do mundo contido no *Tractatus*, de índole kantiana e, por tabela, schopenhaueriana¹⁴⁷, em que "a lógica é transcendental"¹⁴⁸, "imagem especular do mundo"¹⁴⁹, que "cuida de si mesma"¹⁵⁰, condiciona severamente o sujeito tractatario.

É de se compilar que há outras visões interessantes acerca da temática. Acreditamos, como Faustino (2006, p. 86), que "o solipsismo transcendental do *Tractatus* parte da alegação de seguinte princípio: 'Os limites da minha linguagem significam os limites de meu mundo' (T 5.6)." E, novamente, neste ponto, recorremos a De Sousa Melo, que assevera, como já explanado, que é a lógica a ferramenta que articula as formas *a priori* de pensamento e experiência, em uma concepção kantiana¹⁵¹.

Enfaticamente, é de se observar que, em sendo a lógica independente, porque anterior a todas as coisas, ela possui um caráter apriorístico, quer dizer, uma natureza que faz com que ela anteceda toda experiência e condicione o *como* as coisas estão¹⁵². Dentro dessa armação do mundo que a lógica expõe, o mundo do indivíduo, do sujeito, são as sentenças que o representam, dado que os limites da sua linguagem significam os limites de seu mundo¹⁵³, bem como "o mundo e a vida são um só"¹⁵⁴.

Neste ponto do texto tractatario, pois, revela-se a posição propositalmente solipsista adotada por Wittgenstein, quanto ao papel do sujeito. Por conseguinte, as experiências do sujeito enquanto indivíduo são privativas de seu mundo, isto é, o indivíduo constitui por si só toda a realidade. No entanto, **esse solipsismo é**

¹⁴⁷ Aqui, tem-se em vista o que Wittgenstein absorveu do idealismo transcendental de Kant, através da obra de Schopenhauer, como já discutido anteriormente.

¹⁴⁸ WITTGENSTEIN, 1993, § 6.13, p. 245.

¹⁴⁹ *Ibid.*, § 6.13, p. 245.

¹⁵⁰ *Cf. ibid.*, § 5.473, p. 211.

¹⁵¹ *Cf. DE SOUSA MELO*, 2018, p. 92.

¹⁵² *Cf. WITTGENSTEIN, op. cit.*, § 5.552, p. 225.

¹⁵³ *Cf. ibid.*, § 5.56, p. 229. Eis aqui o insigne enunciado: "Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo".

¹⁵⁴ *Ibid.*, § 5.621, p. 229.

extremamente radical, sequer admitindo a existência do sujeito pensante, visto que “o sujeito que pensa, representa, não existe.”¹⁵⁵ Logo, “não há sujeito algum: só dele *não* se poderia falar neste livro.”¹⁵⁶ Aqui, encontramos ecos do mote da filosofia de **Ernst Mach**: *Das Ich ist unrettbar* - “O Eu não tem salvação”, ou “Não há salvação para o Eu”.

Propositadamente, cabe evidenciar a **linha de raciocínio de Faustino** (2006, p. 94), que corrobora o que fora exposto:

Para Wittgenstein, embora como psicológico o sujeito possa, por meio do corpo, fazer parte do mundo, como metafísico, ele nunca é encontrável no mundo. Na verdade, o conceito de “sujeito metafísico”, tal como o de “coisa em si” em Kant, funciona como um conceito-limite. Talvez por isso sua descrição seja sempre apofática: não é o ser humano, porque não define uma espécie; não é o corpo humano, porque não define um indivíduo; não é uma alma, porque não define um portador de representações. Ser limite do mundo implica necessariamente não pertencer ao mundo e não ser notado nele de modo algum.

(...)

Wittgenstein parece criticar a via pela qual determinadas filosofias tentam descrever o campo visual como se estivesse coordenado e limitado por um olho que o vê. Essa crítica baseia-se em duas alegações: a primeira consiste em afirmar que o olho não se vê; a segunda, em afirmar que nada no campo visual traz a marca do olho que vê. Ou seja: não se pode ver – nem descrever – o olho, seja por ele mesmo, seja pelo que é visto.

Demais disso, Wittgenstein afirma que **não se pode dizer exatamente o que é o solipsismo; ele apenas se mostra, mas não pode ser dito, pois esbarra nos limites do mundo e da linguagem**, no mesmo recorte da realidade operado pelo *Tractatus*: “Que o mundo seja *meu* mundo é o que se mostra nisso: os limites da linguagem (a linguagem que, só ela, eu entendo) significam os limites de *meu* mundo.”¹⁵⁷

Nessa linha hermenêutica, a *teoria da afiguração* do *Tractatus* nos conduz a uma interessante e inquietante doutrina sobre a necessidade, também ligada a uma negação de qualquer conhecimento do futuro. As tautologias e as equações matemáticas seriam os únicos elementos capazes de expressar uma necessidade lógica, que seria a única espécie de necessidade existente. Contudo, as tautologias e as equações matemáticas nada dizem sobre o mundo. Por esse ângulo, **no mundo, não existe necessidade, ou seja: para Wittgenstein, tudo é acidental, o que**

¹⁵⁵ WITTGENSTEIN, 1993, § 6.631, p. 229.

¹⁵⁶ *Ibid.*, § 6.631, p. 229.

¹⁵⁷ *Ibid.*, § 5.62, p. 229.

implica em uma incapacidade do sujeito em agir no mundo. Destarte, o mundo é independente da vontade do sujeito, como também não há nenhum vínculo lógico entre vontade e mundo¹⁵⁸.

Abalizadamente, anotemos, portanto, que, para Marques (2005, p. 45-46):

O sujeito da linguagem está situado no limite do mundo, e não no interior dele. Wittgenstein esclarece essa tese recorrendo à imagem do olho e do campo visual. O olho não faz parte do campo visual – isto é, ele não é um dos objetos que se vê no campo visual – exatamente por consistir no ponto de vista a partir do qual são vistos todos os objetos que constituem esse campo. Da mesma maneira, o sujeito não se situa no interior do mundo, mas sim em seu limite. (...)

O sujeito reclamado pela linguagem é um sujeito metafísico, que consiste no puro desempenho da função reflexiva ou intencional exigida para a constituição de representações. Para Wittgenstein, é esse sujeito metafísico que consiste no único eu que pode interessar à filosofia. “Assim, há realmente um sentido em que se pode, em filosofia, falar não psicologicamente do eu. O eu entra na filosofia pela via de que ‘o mundo é o meu mundo’. O eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo” (prop. 5.641). Esse sujeito metafísico assemelha-se, assim, ao sujeito transcendental kantiano. Trata-se de uma função desempenhada pelos sujeitos empíricos e não de um sujeito numericamente distinto desses.

Diante de todo o exposto, pode-se inferir que não se pode falar do sujeito tractatario, porque, como já mencionado, “o sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo.”¹⁵⁹ Por fim, Wittgenstein questiona pertinentemente: “Onde *no* mundo se há de notar um sujeito metafísico?”¹⁶⁰ Nesse quadro, como bem aduz Pinto (1998, p. 361): “sobre aquilo que a clarificação lógica mostra que não podemos falar, temos o dever ético de calar”.

¹⁵⁸ Percebe-se, neste ponto da análise tractatariana, novamente um viés schopenhaueriano em Wittgenstein, uma vez que se vislumbra, ainda que de forma nebulosa, a defesa que Schopenhauer faz, no cerne de **O Mundo como vontade e representação**, do retraimento da obscura e invisível “Vontade”, que permanece para sempre além de nosso entendimento, cf. WITTGENSTEIN, 1993, §§ 6.373 e 6.374, p. 255.

¹⁵⁹ *Ibid.*, 1993, § 5.632, p. 229.

¹⁶⁰ Cf. *Ibid.*, § 5.633, p. 229.

5 CONTRASSENSOS, CRÍTICAS E MUDANÇA DE PERSPECTIVA

5.1 Aporias e incongruências no texto tractatario sob a ótica da lógica ilocucionária

Neste ponto, abrindo este capítulo, para aprofundarmos nossa análise crítica, é necessário fazer um **pequeno apanhado geral da lógica ilocucionária**¹⁶¹, que é uma área do conhecimento que se enquadra dentro da filosofia analítica da linguagem, buscando formalizar os diferentes tipos de atos de discurso em termos lógicos. Nesse sentido, é um espaço dimensional da lógica que utiliza um suporte teórico que pode abarcar tanto o conteúdo proposicional do que é dito, isto é, o significado literal, quanto a força ilocucionária, ou seja, a ação realizada através da realização de atos de discurso (ou fala), concentrando-se na análise dos atos de discurso e na compreensão de sua estrutura lógica e significado. Sob essa perspectiva, **seu objetivo é fornecer um modelo que ajude a entender como por meio da linguagem não apenas podemos descrever como as coisas são, mas também realizar outras ações**, e como essas ações são interpretadas em diferentes contextos. Em outras palavras, **é um campo que explora os aspectos da lógica relativos à pragmática**¹⁶² **linguística**, isto é, à maneira como o contexto influencia o significado dos enunciados ou sentenças.

Compreende-se que a lógica ilocucionária (mais precisamente a teoria dos atos de discurso) **tem implicações não somente teóricas, mas práticas**, influenciando **áreas que vão além da filosofia e da linguística**, como a **inteligência artificial** e a **linguagem de programação**, no campo da **ciência da computação**, particularmente

¹⁶¹ Também chamada de teoria dos atos de discurso. Entendemos não ser tão específica a terminologia “Teoria dos Atos de Fala”, utilizada por alguns autores, como Danilo Marcondes. De toda sorte, é importante a sua visão em Marcondes (2017, p. 68-69): “Porém, apesar de inicialmente formulada por Austin como um método de análise de problemas filosóficos através da linguagem, a Teoria dos Atos de Fala se desenvolveu em duas direções que se afastaram do objetivo primordial de seu criador. Por um lado, dando origem a uma análise formal da linguagem; por outro, influenciando a linguística, em especial a aplicada, sendo ainda adotada pelas ciências humanas e sociais. Assim, conceitos como *performativo* e *força ilocucionária* tornaram-se correntes em linguística, psicologia, ciências sociais e teoria da comunicação.”

¹⁶² Consoante apontado por Branquinho *et al.* (2020, p. 607-608), sobre a pragmática: “Charles Morris (1901-1979), que introduziu o termo (no seu *Foundations of the Theory of Signs*, de 1938), e R. Carnap (1891-1970) foram os primeiros proponentes da tese de que existe um campo de investigação a explorar cujo tópico é a relação entre a linguagem e seus falantes, ou a linguagem do ponto de vista do modo como é usada por eles (por oposição à semântica, definida como a disciplina que estuda a relação entre a linguagem e a realidade, e a sintaxe, entendida como a disciplina que estuda a relação entre as expressões linguísticas).”

no desenvolvimento de sistemas que precisam entender e gerar linguagem que se assemelhe à natural ou comum, de maneira que reconheçam e reproduzam adequadamente as variações e nuances pragmáticas da comunicação humana. Isso é algo que inclui, a título de exemplificação, assistentes virtuais e sistemas de resposta automática que precisam interpretar comandos e responder de forma apropriada às intenções do usuário. Ademais, há também influência sobre o **direito** - no que tange a diferenciar, em determinados contextos, o significado literal do significado intencionado ou não literal, em investigações, depoimentos, julgamentos etc. -, sobre a **psicologia social** e áreas afins como a **sociologia** e a **antropologia**, o que demonstra que a capacidade de entender e analisar a linguagem como ação permite uma compreensão mais profunda da comunicação humana, revelando como as palavras podem engendrar relações (familiares, laborais, comunitárias, sociais etc.), exercer poder enquanto instituição, alterar a dinâmica político-social, influir na economia, enfim, construir realidades sociais.

Para entender o início e o desenvolvimento desse campo do saber, é preciso buscar suas raízes. A filosofia da linguagem natural ou comum ganhou força com a fundação da **teoria dos atos de discurso** (*Speech Act Theory*) pelo filósofo **John Langshaw Austin**, após a compilação de suas palestras e conferências ministradas em Harvard em 1955, na notória obra **Quando dizer é fazer**. Baseado no “segundo Wittgenstein”, Austin parte do princípio de que quando usamos a linguagem, fazemos coisas (“todo dizer é um fazer”), ou seja, podemos ir muito além do que uma simples descrição do mundo – que seriam os chamados enunciados constatativos -, realizando ações e gerando fatos no mundo – designados por ele como enunciados performativos.

Anote-se que, tomado como a unidade básica de significação, o ato de discurso é constituído por três dimensões integradas ou articuladas, ou seja, Austin distinguiu três tipos de atos envolvidos no uso da linguagem¹⁶³: 1. **Ato locutório ou locucionário**: o ato de dizer algo, que envolve a pronúncia de palavras e frases com um determinado significado, dotadas de sentido e referência em conformidade com as regras gramaticais e lexicais, isto é, a dimensão linguística propriamente dita; 2. **Ato ilocutório ou ilocucionário**: marcado pelo performativo propriamente dito, ou seja, o ato realizado ao dizer algo, como prometer, cumprimentar, ordenar, questionar,

¹⁶³ Cf. MARCONDES, 2017, p. 70-71.

saudar, expressar emoções etc., sendo este o ponto central da teoria de Austin, visto que mostra como proferir uma frase pode ser, de fato, realizar uma ação (daí que surge a denominação “lógica ilocucionária”); **3 Ato perlocutório ou perlocucionário:** seria o conjunto de efeitos ou resultados (consequências) causados pelas palavras proferidas sobre os sentimentos, pensamentos ou ações dos ouvintes/audiência, ou, ainda, do próprio falante, ou de outras pessoas. A análise de tais efeitos e consequências tornou-se uma das características centrais da abordagem denominada de pragmática.

Revelemos que, a princípio, contudo, essa teoria era muito limitada e imprecisa, ganhando contornos mais robustos somente anos depois, com uma abordagem lógico-formal e expansão de conceitos impressas por John Searle e Daniel Vanderveken, principalmente na obra *Foundations of Illocutionary Logic*, de 1985. Nela, a dupla sistematiza a lógica ilocucionária, fazendo, em seu capítulo I, uma introdução à teoria dos atos de discurso, estabelecendo diferentes tipos de atos ilocucionários e noções como força ilocucionária e seus componentes fundamentais, bem como as chamadas condições de sucesso¹⁶⁴ e condições de satisfação¹⁶⁵ de tais atos. Nessa linha de raciocínio, é fundamental notar que a teoria dos atos de discurso é uma parte da lógica ilocucionária, sendo esta mais ampla, abrangendo diversos aspectos da linguagem e da comunicação. Desse modo, a teoria dos atos de discurso é uma área da pragmática e da filosofia da linguagem que explora como as palavras são usadas não apenas para transmitir informações, mas também para realizar ações.

Antes disso, todavia, **John Searle**, aluno de Austin, expandiu e refinou a teoria dos atos de discurso, desenvolvendo, em seu trabalho, uma taxonomia mais precisa e detalhada dos atos ilocutórios, incluída no livro *Expressão e significado*¹⁶⁶, propondo condições específicas para que esses atos sejam bem-sucedidos. Ele categorizou tais atos em cinco tipos principais¹⁶⁷: 1. **Assertivos:** servem para descrever como as coisas são no mundo e comprometem o falante com a verdade do conteúdo

¹⁶⁴ Em linhas gerais, de forma bem sucinta, são as condições que o locutor deve preencher para realizar um ato ilocucionário bem-sucedido e satisfeito. O conjunto dessas condições são consideradas condições de felicidade dos atos de discurso.

¹⁶⁵ Do mesmo modo, em suma, são as condições que devem ser preenchidas no mundo, para que o objetivo do locutor seja atingido.

¹⁶⁶ Obra publicada por John Searle originalmente em 1979 (**Expression and meaning**). Para nossa pesquisa, nos valem da edição nacional, a saber: SEARLE, John R. **Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [Trad. de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia].

¹⁶⁷ Cf. *ibid.*, p. 1-46 (capítulo I).

proposicional (por exemplo: afirmar, asseverar, relatar); 2. **Diretivos**: servem para tentar levar o ouvinte a realizar alguma ação (como pedir, ordenar, solicitar); 3. **Compromissivos**: servem para comprometer o falante a fazer algo no futuro (tais como: prometer, jurar, comprometer-se); 4. **Expressivos**: servem para expressar o estado psicológico do falante (exemplos: agradecer, desculpar-se, congratular, parabenizar, felicitar, xingar); 5. **Declaratórios** ou declarações: servem para tornar atual o estado das coisas ou fato representado pelo conteúdo proposicional da declaração pelo simples fato da enunciação declaratória (como batizar, casar, demitir, declarar guerra, esconjurar, excomungar, definir, classificar).

Convém assentar que, além disso, **conforme Marcondes** (2017, p. 76-77), **Searle definiu**:

sete componentes da força ilocucionária que integram a definição dos tipos propostos:

1. objetivo ilocucionário (*illocutionary point*);
2. grau de força do objetivo ilocucionário;
3. modo de realização;
4. condição do conteúdo proposicional;
5. condição preparatória;
6. condição de sinceridade;
7. grau de força da condição de sinceridade.

A formulação desses componentes resulta do desenvolvimento de uma ideia inicial de Searle exposta de *Speech Acts*, segundo a qual o ato de fala é o resultado da combinação de uma proposição p , dotada de um determinado conteúdo semântico, que estabelece sua relação com os fatos no mundo, podendo, portanto, ser verdadeira ou falsa; e com a força ilocucionária f , que se acrescenta à proposição, levando à realização do ato de fala. Essa relação é representada formalmente pela fórmula $f(p)$. Temos, assim, o exemplo da asserção “A porta está aberta”, que possui o mesmo conteúdo proposicional que o imperativo “Abra a porta!”, a interrogação “A porta está aberta?”, e o condicional “Se a porta estivesse aberta...”, sendo que esses proferimentos apresentam diferentes forças ilocucionárias acrescentadas ao mesmo conteúdo.¹⁶⁸

É de se focalizar que, ao longo de seus estudos e produção filosófica, Searle também desenvolveu o **conceito de “condições de felicidade” para atos ilocucionários**, que são critérios que devem ser cumpridos a fim de que o ato de discurso seja considerado bem-sucedido e satisfeito. Tais condições incluem aspectos como a intenção do falante, o contexto da enunciação (em que as palavras são proferidas), a aceitação do ouvinte e os efeitos nele produzidos.

¹⁶⁸ A obra **Speech Acts** é de 1969. Observe-se, aqui, uma influência muito forte da semântica formal do *Tractatus* no pensamento de Searle, na relação de correspondência entre o conteúdo das proposições e os fatos no mundo.

Insta-se destacar que **Daniel Vanderveken**, por sua vez, foi um filósofo e lógico canadense que expandiu e formalizou ainda mais os conceitos introduzidos por John Searle, avançando na lógica formal, na semântica e na pragmática da linguagem, dando contribuições que permitem não apenas compreender os aspectos teóricos da comunicação, mas também as suas aplicações práticas, abrindo espaço para uma análise mais rica, cabal e complexa da linguagem como uma forma de ação. Suas principais contribuições nessa seara foram: **a formalização dos atos de discurso** (o que ajudou a estruturar melhor a análise pragmática da linguagem, com o desenvolvimento de uma lógica formal para atos de discurso que permite uma análise mais precisa das condições de sucesso e de satisfação, e os efeitos dos diferentes tipos de atos ilocutórios); **a teoria das forças ilocutórias** (que permite categorizar e avaliar o grau de força com que um ato de discurso é proferido, considerando variados aspectos como a assertividade, a diretividade etc.); **a expansão das condições de satisfação dos atos de discurso** (através da análise da implicação ilocucionária), avaliando, com mais precisão, como essas condições são afetadas por fatores contextuais e pelo conteúdo proposicional dos atos ilocutórios, para que um discurso seja considerado bem-sucedido e satisfeito); por fim, **o aprofundamento do papel da intencionalidade para a correta compreensão dos atos de discurso**. Em 1985, como já explicado e citado, chegou a publicar com Searle uma proposta de lógica ilocucionária como um sistema formal, em *Foundations of Illocutionary Logic*. Cinco anos depois, Vanderveken apresentou uma versão mais acabada dessa proposta em *Meaning and Speech Acts*.¹⁶⁹

Dito isso, dessa forma, didaticamente, cabe revisitar algumas definições e conceitos. **Atos ilocucionários** são atos de discurso que são as unidades mínimas de comunicação humana, sendo a **lógica ilocucionária** uma teoria mais formal que determina as relações lógicas entre os diferentes componentes de força ilocucionária e do conteúdo proposicional. As **forças ilocucionárias** constituem um dos componentes do ato de discurso do tipo ilocucionário e determinam o modo e o objetivo dos atos ilocucionários que os locutores realizam em contextos de uso da linguagem natural. Há **vários marcadores de forças ilocucionárias na sintaxe das línguas naturais atuais**, tais como o modo verbal utilizado, a pontuação, a ordem das

¹⁶⁹ O volume 1 da citada obra é de 1990, ao passo que o volume 2 é de 1991.

palavras, a entonação da voz, a força da entonação (*stress*). Tais marcadores estão ligados ao estudo das linguísticas empíricas, da pragmática linguística etc.

No campo linguístico, inicialmente, sinalize-se que **os atos de discurso podem ser elementares (simples) ou complexos**, envolvendo verbos performativos que nomeiam cada um dos tipos de forças ilocucionárias atreladas ao conteúdo proposicional de cada um de nossos atos de ilocução, como pedidos, ordens, avisos, promessas, confissões, asserções, afirmações, perguntas, declarações performativas etc. Entre as sentenças simples ou elementares, há uma classe especial chamada de **sentenças performativas**, as quais, em certo nível de abordagem, são declarações cujo conteúdo proposicional é que o locutor realiza o ato ilocucionário nomeado pelo verbo performativo, ou seja, são enunciados do tipo declaratório.

Portanto, infere-se que, com base no substrato dos recursos mais contemporâneos de pesquisa, no campo da filosofia da linguagem natural e da pragmática linguística, o *Tractatus* está longe de abarcar todos os tipos de enunciados ou sentenças dos quais a teoria dos atos de discurso e lógica ilocucionária tratam. Ele se restringe apenas às **sentenças do tipo declarativo, que servem para realizar atos de discurso do tipo assertivo**, isto é, afirmações categóricas sobre como as coisas são no mundo ou realidade. Nessa linha de raciocínio, o texto tractatario enxerga a função descritiva da linguagem como primordial e única. Não abre espaço para outras formas de expressão linguística. É uma realidade fixa, imutável.

Sob esse norte exegético, ao levar em conta apenas a análise lógica das sentenças linguísticas declarativas como norte da obra tractariana, Wittgenstein criou uma espécie de **“determinismo ou fatalismo linguístico”**, no tocante ao alcance real da linguagem. Tal problemática já foi aqui discutida, mostrando-se inclusive a opinião de um dos principais comentadores wittgensteinianos, a saber, **Erik Stenius**. Por conseguinte, há que se constatar um conjunto de sérios problemas e de algumas aporias no texto tractatario, os quais iremos delinear com o suporte teórico da teoria dos atos de discurso.

Na concepção de **De Sousa Melo** (2008, p. 91), seguindo essa linha de interpretação, temos que:

o primeiro Wittgenstein pensava que as fronteiras do pensamento e as do mundo eram as mesmas. Ele disse que “O pensamento contém a possibilidade dos fatos que pensa. O que é pensável também é possível” e “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu mundo”

(Wittgenstein 1921/1993: §§ 3.02 e 5.6). Aos seus olhos, qualquer coisa que possamos pensar poderia existir no mundo. Se Wittgenstein estivesse certo, os pensamentos conceituais inexecutáveis e insatisfazíveis seriam os mesmos.¹⁷⁰

De igual maneira, **com o auxílio dos recursos da lógica ilocucionária, infirmamos que é possível alguns pensamentos conceituais performáveis (executáveis) serem insatisfazíveis. Em outras palavras, nem tudo que é pensável existe no mundo dos fatos.** Nessa linha de raciocínio, pode-se até pensar e exprimir que o Monte Everest é todo feito de ouro maciço, mas, no mundo real, isto é, no mundo sensível e da experiência, não há um Monte Everest como foi imaginado e expresso nessa perspectiva. No âmbito da lógica ilocucionária, como demonstrado, há condições de sucesso e de satisfação que precisam ser devidamente preenchidas. Por isso, ainda que bem-sucedidos, os atos ilocucionários ainda estão sujeitos a várias falhas e defeitos, tais como a insinceridade ou o fracasso das pressuposições. Segundo a lógica ilocucionária, há três valores de sucesso possíveis: um ato de discurso pode ser fracassado; pode ser bem-sucedido, mas defeituoso; pode ser, por fim, bem-sucedido e sem defeito. Eis aqui um limite em relação ao qual o jovem Wittgenstein não se deteve. Logo, **os limites do pensamento são bastante diferentes dos limites da experiência**¹⁷¹.

Dessa maneira, por outro lado, reflita-se que **pensamentos conceituais** com o objetivo de ajustar as coisas à mente **devem ser orientados para o presente ou o futuro.** Por óbvio, é sabido, de antemão, que, **na pragmática linguística, nenhuma diretiva ou promessa dirigida ao passado pode ser performável ou satisfazível.** Logicamente, nunca tentamos realizar atos ilocucionários que sabemos *a priori* serem imperformáveis (irrealizáveis) e insatisfazíveis (impossível de serem satisfeitos). Por não preencherem as condições de sucesso e de satisfação, eles nunca serão bem-sucedidos e satisfeitos, portanto, estão fadados ao fracasso¹⁷². Este é um exemplo de **limite da linguagem e da experiência.**

¹⁷⁰ Trecho com tradução nossa. No original: “*Le premier Wittgenstein pensait que les frontières de la pensée et celles du monde étaient les mêmes. Il disait que ‘La pensée contient la possibilité des faits qu’elle pense. Ce qui est pensable est aussi possible’ et ‘Les frontières de mon langage sont les frontières de mon monde’ (Wittgenstein 1921/1993: §§3.02 et 5.6). À ses yeux, tout ce que nous pouvons penser pourrait exister dans le monde. Si Wittgenstein avait eu raison, les pensées conceptuelles imperformables et insatisfaisables seraient les mêmes.*”

¹⁷¹ Cf. DE SOUSA MELO, 2018, p. 92.

¹⁷² Cf. *Ibid.*, 2018, p. 92.

Ademais, reverbere-se que a **teoria da representação** de Wittgenstein, desenvolvida no *Tractatus*, envolvendo o *isomorfismo* e a *teoria pictórica da linguagem*, leva-nos a acreditar que a **nossa linguagem apenas descreve a realidade**, ou seja, o modo como representamos ou denominamos as coisas. **Não deixa de ser uma visão idealista da linguagem**, não só influenciada pelo projeto lógico de Frege e Russell, mas também por concepções de Kant e Schopenhauer, como ilustrado, no que tange à ontologia do mundo, do que é a realidade em si.

Entretanto, **a verdade, baseada nesse panorama da realidade, é bem diversa, visto que, com nossa linguagem, podemos fazer as mais variadas coisas**: além de descrições e denominações, podemos fazer pedidos, saudações, agradecimentos, xingamentos, orações, inventar histórias, contar piadas, demonstrar raiva, alegria, dor, desejo, expressar sentimentos, criar estados de coisas pelo fato de declará-los etc. Esse emprego diversificado e infinito da linguagem é o que caracteriza os inumeráveis “jogos linguísticos” presentes na teoria da linguagem natural ou comum, a qual é, em tal caso, um intrincado conjunto de jogos de língua, sendo o significado de uma palavra, pois, o próprio uso dela na linguagem. Esse foi o sentido que Wittgenstein procurou dar ao seu pensamento sobre a linguagem e o mundo, no segundo momento de sua filosofia.

Há que se apontar, nesse cenário, que **muitos intérpretes da obra de Wittgenstein consideram que o sentido precípua do *Tractatus* foi superado – e rechaçado pelo “segundo Wittgenstein” (ou “Wittgenstein tardio”)**. Por tudo isso, a ideia de que o pensamento, através da linguagem, representa projetivamente o mundo, isto é, como fora examinado anteriormente, a estrutura lógica da linguagem deve corresponder à estrutura ontológica da realidade, o que caracteriza a teoria da linguagem como representação, um dos pilares de sustentação do *Tractatus*, é algo erroneamente construído.

Em um contexto mais contemporâneo de análise da linguagem, qual seja, o da lógica ilocucionária, observe-se, nessa circunstância, que **os atos ilocucionários insatisfazíveis ou impossíveis de serem satisfeitos impõem limites ao mundo**. Eles restringem o que os agentes humanos podem experimentar. É nesse universo que os limites do mundo também se mostram nos limites da linguagem segundo a

teoria dos atos de discurso¹⁷³, invertendo o sentido do limite imposto pelo texto tractatario às relações entre linguagem e realidade.

Quanto às possibilidades de alcance da linguagem, certamente, cabe apontar que há visões discrepantes no primeiro e segundo momento da produção intelectual de Wittgenstein. O *Tractatus* considerava que havia uma única linguagem possível, rigorosa e baseada em um paralelismo cabal (*isomorfismo*) entre linguagem e realidade, ao passo que suas *Investigações* reconhecem a existência de um número indefinido de jogos de linguagem dentro da linguagem natural ou comum, cada qual com suas próprias regras, que são os jogos de linguagem propriamente ditos, em uma concepção mais pragmática de linguagem.

Ponderemos que, para o **“segundo Wittgenstein”**, **contudo, seria impossível conceber um aparelho lógico ou lógico-teórico** que pudesse abarcar todos os jogos possíveis da linguagem natural. **Essa posição foi aceita, por exemplo, por John Searle¹⁷⁴, mas foi categoricamente rechaçada por Daniel Vanderveken**, que mostrou ser possível analisar os diferentes tipos de discurso com um objetivo linguístico. De outra parte, a filosofia analítica da linguagem posterior ao *Tractatus* provou, sem muito esforço, com seu instrumental teórico, que há relações lógicas entre proposições elementares, isto é, proposições elementares não são independentes, pode existir uma correlação entre elas. Ao contrário da ótica tractatariana, um sistema de proposições pode ser comparado com a realidade, e não apenas uma proposição isolada, quer dizer, as proposições moleculares consideradas como funções de verdade das proposições elementares que as compõem está muito aquém do projeto lógico destinado a delinear a linguagem e o mundo concebido pelo “primeiro Wittgenstein”. Indo mais além: um dado contexto e o uso que se faz da proposição nesse contexto é que determinará seu sentido.

Portanto, como visto até aqui, **a lógica ilocucionária**, derivada da **teoria dos atos de discurso**, de **John L. Austin** e desenvolvida por **John Searle** e **Daniel Vanderveken**, oferece um quadro para entender como certas enunciações linguísticas servem para realizar diferentes atos de discurso (que são ações) que vão além de descrever a realidade, ou seja, têm outras funções que simplesmente retratar o mundo. Essa perspectiva pode revelar camadas adicionais de complexidade no

¹⁷³ Cf. DE SOUSA MELO, 2018, p. 89.

¹⁷⁴ Na obra **(On) Searle on conversation**. Amsterdam: John Benjamins, 1992. O livro é a compilação de uma conferência feita por Searle na Unicamp, em 1981, por Herman Parret e Jef Verschueren.

Tractatus, **desvendando potenciais inconsistências e desafios interpretativos**.

Abordaremos outras visões de como a análise dos atos de discurso pode revelar tensões internas e limitações do sistema proposto por Wittgenstein.

Seguindo nossa explanação, retenha-se que, elucidativamente, aporia, ou um ponto de irresolução lógica ou filosófica, é um conceito crucial ao explorar as sentenças e os aforismos do *Tractatus*. Wittgenstein apresenta várias proposições que, à primeira vista, parecem claras, mas que se revelam problemáticas ao exame mais detalhado. Entre elas, a partir de nossas pesquisas, podemos elencar o que se segue.

Inicialmente, examinemos a estrutura lógica dos enunciados no *Tractatus*. Wittgenstein propõe uma **teoria atomística da linguagem**, na qual os enunciados são compostos por elementos simples que correspondem a fatos elementares. No entanto, essa abordagem levanta questões sobre a possibilidade de enunciados complexos e sobre a representação da negação e da multiplicidade.

Demais disso, ao analisarmos a **noção de significado e referência** no *Tractatus*, encontramos contradições quanto à relação entre linguagem e realidade. Enquanto Wittgenstein afirma que os enunciados descrevem fatos, sua teoria atomística da linguagem levanta dúvidas sobre como os enunciados podem representar o mundo de forma precisa e completa.

Vale discernir que outra questão relevante diz respeito à **distinção entre o que pode ser dito e o que deve ser mostrado**, conforme postulado por Wittgenstein. No entanto, essa distinção, sob a ótica da lógica ilocucionária, parece desconsiderar a complexidade da linguagem e sua capacidade de representar aspectos da realidade que não podem ser simplesmente mostrados.

Ato contínuo, iremos tecer uma crítica à proposição 1.1 e o célebre e já comentado silêncio metafísico. Wittgenstein afirma que "O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas"¹⁷⁵. Essa distinção inicial estabelece um fundamento para a *teoria pictórica*. No entanto, **a transição da ontologia das coisas para a ontologia dos fatos** pode gerar aporias quando se considera a relação entre linguagem e realidade. Sob a ótica ilocucionária, a proposição 1.1 pode ser vista como um ato ilocucionário declarativo cuja força é assertiva que estabelece um quadro referencial,

¹⁷⁵ WITTGENSTEIN, 1993, p. 129.

mas que, paradoxalmente, nega a própria possibilidade de falar sobre o "indizível" no mundo.

No tocante aos **limites da linguagem e do pensamento**, registremos que, na afamada proposição 7, Wittgenstein declara: "Sobre o que não se pode falar, deve-se calar". Esta proposição final sugere uma limitação da linguagem em capturar a totalidade da realidade. Contudo, ao fazer essa asserção, Wittgenstein está utilizando a própria linguagem para demarcar seus limites, criando uma aporia. A lógica ilocucionária pode iluminar este paradoxo ao considerar o ato ilocucionário de traçar limites como um ato performativo que simultaneamente se auto-refuta.

Além das aporias, há que se firmar que o *Tractatus* contém várias incongruências internas que desafiam a coerência do sistema proposto por Wittgenstein. Como ilustrado, há contradições entre a imagem do mundo e as proposições complexas, isto é, a *teoria pictórica* sugere que proposições são imagens dos estados de coisas. No entanto, a **complexidade de certas proposições**, especialmente aquelas que abordam estados de coisas abstratos ou não empíricos, **parece desafiar essa correspondência direta.** Sob a lógica ilocucionária, essas proposições podem ser interpretadas como desempenhando funções que vão além da mera representação, como a expressão de intenções do locutor ao dar comandos, revelando uma incongruência entre a *teoria pictórica* e a *prática linguística*.

Observemos, outrossim, **no contexto das metaproposições**, dentro da estrutura do *Tractatus*, que há incongruências. Wittgenstein utiliza uma estrutura numerada para suas proposições, que se desdobra em metaproposições e comentários sobre proposições anteriores. Essa estrutura sugere um nível de metalinguagem que não é explicitamente reconhecido na *teoria pictórica*. A lógica ilocucionária, contudo, pode esclarecer essa incongruência ao considerar o papel das metaproposições como atos de organização e estruturação discursiva, que operam em um nível diferente das proposições de primeiro nível.

Da mesma forma, há contrassensos, ou proposições que parecem ir contra a lógica interna do sistema, que também são evidentes no *Tractatus*. Sob esse ângulo de interpretação, a forma geral da proposição que Wittgenstein postula para todas as proposições (proposição 6¹⁷⁶), mas essa formulação parece excluir proposições que não se enquadram na lógica formal estrita, como aquelas

¹⁷⁶ WITTGENSTEIN, 1993, p. 231.

expressando sentimentos, valores ou comandos. A lógica ilocucionária pode revelar esses contrassensos ao mostrar que tais proposições realizam atos ilocucionários felizes, ou seja, bem-sucedidos e satisfeitos, apesar de não se conformarem à forma geral postulada por Wittgenstein.

De mais a mais, ponderemos que **a noção do papel do sujeito no *Tractatus* é problemática**. Conforme visto no último tópico do capítulo passado, Wittgenstein sugere que o sujeito não faz parte do mundo, mas é um limite do mundo (proposição 5.632, já esmiuçada). Esse posicionamento cria um contrassenso quando se considera a necessidade de um sujeito para a enunciação de proposições. A lógica ilocucionária, com seu foco na intenção do locutor que tenta realizar o ato de discurso, pode fornecer uma visão alternativa sobre o papel do sujeito, revelando a tensão entre a teoria do sujeito implícita e a estrutura formal do *Tractatus*.

Fixemos que **a análise do *Tractatus* através da lógica ilocucionária revela uma série de aporias, incongruências e contrassensos que desafiam a leitura linear e coerente da obra**. A perspectiva ilocucionária, entretanto, não apenas ilumina esses desafios, mas também oferece uma abordagem para reconciliá-los, destacando a complexidade e a profundidade das proposições de Wittgenstein. Ao considerar as funções ilocucionárias sobre as proposições (que são o conteúdo proposicional do ato ilocucionário), podemos obter uma compreensão mais rica e matizada do *Tractatus*, reconhecendo suas limitações e seus *insights* filosóficos inovadores. De toda sorte, contrapondo-se à visão puramente descritiva da linguagem de Wittgenstein, a perspectiva da lógica ilocucionária e da teoria dos atos de discurso destaca a função performativa dos enunciados e sua capacidade de realizar diversas ações com um objetivo linguístico, no mundo.

Desse modo, concludentemente, ratifique-se que este tópico deste capítulo demonstra que a análise da lógica ilocucionária e da teoria dos atos de discurso oferece diferentes visões interpretativas sobre as limitações e contradições presentes no *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein. Ao destacar suas aporias e incongruências, buscamos enriquecer o entendimento crítico deste texto seminal da filosofia analítica.

5.2 Outras aporias e impasses da obra e críticas a ela tecidas sob outros pontos de vista

Agora passaremos a tecer críticas ao *Tractatus* sob o olhar de outras abordagens e correntes de pensamento filosóficos, não estando elas necessariamente ligadas à lógica ilocucionária ou à teoria dos atos de discurso. É necessário, portanto, açodar o entendimento de que iremos utilizar outros enfoques e linhas hermenêuticas na análise das proposições da obra.

Cabe grifar que uma das aporias mais notáveis no *Tractatus* é a questão da auto-referência. Wittgenstein afirma que as proposições do *Tractatus* são esclarecedoras na medida em que mostram o que não pode ser dito, mas apenas mostrado. No entanto, o próprio *Tractatus* parece estar preso em um paradoxo de auto-referência, uma vez que tenta comunicar algo sobre os limites do que pode ser dito. Esta aporia é evidenciada pela famosa proposição final da obra: "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar"

Continuando nossa exposição, há que se apreender que outra aporia significativa é a **distinção entre o sentido (*Sinn*) e o nonsense (*Unsinn*).** Wittgenstein sugere que proposições com sentido são aquelas que podem ser verificadas quanto à sua verdade ou falsidade, ao passo que as proposições filosóficas são, em última análise, *nonsense*. Contudo, ao fazer tal afirmação, ele está efetivamente propondo uma filosofia, o que coloca a obra em uma posição paradoxal de ser, ela própria, um exemplo de *nonsense*.

Aliás, inscrevamos que **uma das principais incongruências é encontrada na teoria da representação pictórica (*Bildtheorie*).** Wittgenstein afirma que as proposições são figuras (*Bilder*) da realidade. No entanto, ele também reconhece que a relação entre linguagem e mundo não pode ser expressa em linguagem. Essa dualidade cria uma tensão, uma vez que a própria proposição de que "as proposições são figuras da realidade" não pode ser uma figura da realidade segundo seus próprios critérios.

Seguindo esse norte de raciocínio, **Wittgenstein posiciona a lógica como uma estrutura necessária e universal do mundo**, mas também como algo que não pode ser dito, apenas mostrado. A incongruência aqui reside no fato de que, se a lógica é realmente transcendental e universal, a tentativa de delinear seus limites parece, paradoxalmente, exceder esses próprios limites.

Há que se reafirmar que **Wittgenstein rejeita a metafísica tradicional**, afirmando que muitas das suas proposições são sem sentido. No entanto, ao proclamar que sobre o que não se pode falar deve-se calar, ele próprio está fazendo uma declaração metafísica. Este contrassenso revela a dificuldade de sustentar uma crítica da metafísica sem recorrer a proposições que têm uma natureza metafísica.

À guisa de esclarecimento, **outro contrassenso evidente é encontrado na discussão sobre ética**. Wittgenstein afirma que questões éticas estão além do domínio do que pode ser dito, sendo transcendentais. No entanto, ao fazer essa afirmação, ele implicitamente diz algo sobre a natureza da ética, criando uma contradição entre a natureza transcendental da ética e a tentativa de delimitar seu escopo discursivo.

Ademais, há uma série de críticas proferidas ao *Tractatus*, que continuaram a surgir em decorrência do próprio desenvolvimento e aprofundamento da filosofia analítica da linguagem e de seus desdobramentos naturais, como a filosofia da linguagem comum, com a sistematização da teoria dos atos de discurso, como já abordado anteriormente.

Deve-se lançar que uma outra incongruência relevante que marca o alcance do texto tractatário, segundo alguns de seus intérpretes, como **Urbano Zilles**¹⁷⁷, parece ser o **desconhecimento de Wittgenstein dos estudos de Edmund Husserl sobre a intencionalidade**, isto é, a característica que os estados mentais apresentam de serem sempre sobre algo, ou direcionados a algo (*aboutness*). Logo, nessa linha de raciocínio, ser consciente é ser consciente de algo; crer é crer em algo, ou que algo é o caso; desejar é desejar algo, ou que algo venha a ser o caso; ter uma intenção é ter a intenção de fazer algo, ou de que algo pode vir a ser o caso etc.

Destaquemos que a intencionalidade não está presente, pois, no universo tractatário. Palavras e proposições não transcendem para algo. Em sua *teoria pictórica*, de um lado está o mundo; do outro, as palavras e as proposições. Wittgenstein nada tem a dizer sobre a relação entre ambos. É um mundo estático, pronto, acabado. A influência do pensamento de Husserl, precedido do ideário de Franz Brentano¹⁷⁸, foi avassaladora para o pensamento filosófico contemporâneo,

¹⁷⁷ Cf. ZILLES, 1994, p. 46.

¹⁷⁸ Franz Brentano (1838-1917) foi um filósofo e psicólogo alemão tão relevante para a fenomenologia quanto Gottlob Frege foi para a filosofia analítica da linguagem. Desenvolveu um dos conceitos fundamentais para a filosofia contemporânea, qual seja, a intencionalidade da consciência, que

tocando distintas áreas como a fenomenologia, o existencialismo, a filosofia da mente e a filosofia da linguagem natural (Austin, Searle, Vanderveken, entre outros).

Sobre um suposto lado fenomenológico de Wittgenstein, assim escreveu Cabrera (2003, p. 155):

Existem interpretações ditas “fenomenológicas” do pensamento de Wittgenstein – ou, pelo menos, de algum de seus momentos -, mas a noção de “fenomenologia” que é empregada para possibilitar essas interpretações tem sentidos que não coincidem com a fenomenologia de Husserl.

Mais adiante, o mesmo Cabrera (2003, p. 167) arremata:

Por esses motivos, prefiro manter-me cético a respeito desse suposto Wittgenstein “fenomenólogo”. Em todo caso, esse elemento “fenomenológico” preserva o estilo analítico de filosofar de Wittgenstein, e a ele resulta finalmente submetido, de acordo com a interpretação usual, segundo a qual a “fenomenologia” teria sido apenas um momento no percurso filosófico wittgensteiniano. Não pensar por isso que, em algum momento de sua trajetória, Wittgenstein tenha sido um filósofo idealista-transcendental ou antinaturalista. Nesse último sentido, certamente, Wittgenstein *jamaiz* foi um fenomenólogo.

In contrarium sensum há impasses de ordem diversa, envolvendo a dicção sui generis tractariana, isto é, sua linguagem ortodoxa e sua linha argumentativa peculiar. Nesse sentido, Schwartz (2017, p. 49) coloca:

O estilo de Wittgenstein no *Tractatus* é declamatório e desdenhoso. Ou você “pega” uma afirmação que ele faz e a aceita ou não – ali não há muito argumento nem muita discussão para ajudá-lo. A personalidade de Wittgenstein também era assim. Seu temperamento era bastante diferente do dos membros do Círculo de Viena e filósofos em geral, que discutem entre si, interrompem, repreendem e provocam uns aos outros sem piedade. A filosofia prospera nesse “toma lá dá cá” socrático. Wittgenstein se parecia mais com um profeta ou vidente, cujos pronunciamentos devem ser ponderados em silêncio e admiração. Claro, isso irrita muitos filósofos, e Wittgenstein teve igualmente detratores e admiradores. Nem mesmo Carnap se dava bem com Wittgenstein, embora tenha extraído muitas de suas ideias do *Tractatus*.

De outra banda, outrossim, note-se um outro evento problemático do texto tractatario, abarcando o aspecto místico e o sentido ético da obra. Após delinear a

desembocou na fenomenologia de Husserl, seu discípulo. Para Brentano, não há consciência vazia, ou seja, toda consciência é consciência de alguma coisa. O sentido da intencionalidade da consciência veio a ser depurado depois, por óbvio, pela fenomenologia husserliana, descartando a tendência psicologista em que ele se apoiava.

linguagem e o mundo segundo o prisma de suas sondagens, Wittgenstein, ao estabelecer a diferença entre o *dizer* e o *mostrar* e adentrar o plano do inefável (o que não se exprime linguisticamente), a todo momento, procura criticar as pretensões teóricas da metafísica. No entanto, essa atitude epistemológica não o impede de, novamente, a todo instante, estar pensando de maneira metafísica. Ou seja: é como se o texto tractatario quisesse evitar o uso da metalinguagem, embora o faça, repetidas vezes, para esclarecer que a linguagem não deve falar sobre si mesma, por haver uma incongruência lógica nessa ação.

Tal traço marcante do pensamento do jovem Wittgenstein é algo que deixa a sua obra inicial um tanto discutível quanto à sua essência: **a natureza insensata de uma linguagem que fala sobre si mesma sem querer falar**¹⁷⁹. Daí por que ele lança mão de uma **construção retórica inovadora ao final do livro: a metáfora do paradoxo da escada**, contida na proposição 6.54, a penúltima da obra. É uma estratégia, de fundo argumentativo e epistemológico, que visa provavelmente a estilhaçar a janela de vidro da incongruência de se falar sobre o que não pode ser *dito*, mas apenas *mostrado*. Quanto a esse ponto, temos a mesma linha do entendimento de Glock (1998, p. 357), que assinala: “o *Tractatus* ambiciona indicar os limites do dizível, mas reconhece que seus próprios dizeres em muito os ultrapassam. Deveriam ser usados como uma escada, que possa ser derrubada tão logo se tenha subido.”

A metáfora do paradoxo da escada denuncia o intangível limite entre a linguagem e a realidade, não sendo possível, dessa forma, determiná-lo. Essa crítica também é muito bem tecida por Hottois (2008, 407):

Os aforismos que compõem o *Tractatus* não são nem enunciados lógicos formais nem proposições científicas empíricas. Eles são filosóficos, falam da essência do mundo e da essência da linguagem como espelho do mundo. Do próprio ponto de vista de Wittgenstein, esses aforismos não são legítimos, porque pretendem descrever não fatos, mas a forma essencial de qualquer fato e de qualquer representação possíveis. O *Tractatus* fala da linguagem como se fosse possível considerá-la globalmente de fora, um ponto de vista que seria também exterior ao mundo dos fatos que a linguagem representa. Ora, trata-se aqui de um ponto de vista metafísico ou metalinguístico global, que Wittgenstein recusa.

¹⁷⁹ Ainda sobre a articulação discursiva tractatariana, é relevante observar a conclusão de Faustino (2006, p. 211): “É um discurso que deseja falar de todos os objetos sem poder falar de nenhum, de todos os estados de coisas sem poder falar de nenhum, de todos os mundos sem poder falar de nenhum, de todos os sujeitos sem poder falar de nenhum. O paradoxal, no entanto, é que não pode haver outra saída para quem objetiva combinar necessidade e universalidade à experiência de uso da linguagem. Do ponto de vista do *Tractatus*, a experiência do uso da linguagem é uma experiência indizível.”

Wittgenstein reconhece o caráter fundamentalmente contraditório de seu livro em aforismos últimos, que denunciam o tratado, apesar de nele encontrar uma justificação pedagógica. Tratar-se-ia apenas de dizer uma última vez em que consistem a linguagem e seus limites e de definir o bom uso da filosofia como uma atividade crítica de qualquer transgressão desses limites.

Para Luiz Henrique Lopes dos Santos - em Wittgenstein (1993, p. 11) -, é um dos propósitos filosóficos perseguidos pelo texto tractatário: “o estabelecimento da estrutura essencial do mundo (tarefa metafísica por excelência) na base do estabelecimento da estrutura essencial da proposição (tarefa lógica por excelência).”¹⁸⁰ Por conseguinte, **não há como se abordar estritamente a lógica sem passar pela metafísica**, ainda que pelo limiar de suas fronteiras. E continua:

Assim é que, de Platão a Wittgenstein, passando por Aristóteles, Leibniz e Frege, entre outros, ressoa no pensamento filosófico marcado pelo estilo lógico a máxima que encontra uma formulação lapidar no aforismo 5.4711 do *Tractatus*: “Especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo” (*op. cit.*, p. 14).

Por isso, **retomamos, aqui, o chiste já citado de Russell**, que, em seu comentário introdutório da obra, dizia que estranhava o fato de que Wittgenstein dizia um grande número de coisas que não podiam ser ditas. Já na segunda fase de seu pensamento, nas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein, todavia abre mão de recalques de abordagem e trata a linguagem por meio de diversas formas, em um constante e inquietante exercício de metalinguagem, com uma abordagem mais empírica sobre seus fenômenos, afastando-se do idealismo e da metafísica.

Importante também é a crítica tecida por Glock (1998, p. 49) ao método (análise) lógico contido no projeto do *Tractatus*:

A concepção, sustentada pelo primeiro Wittgenstein, de que a análise é a descoberta da estrutura subjacente às línguas naturais veio a constituir, despojada de seu atomismo lógico, uma das fontes da semântica moderna, por intermédio da obra *Logical Syntax of Language*, de Carnap. O repúdio posterior a tal concepção contribuiu para pôr fim à análise reducionista, em suas versões atomista e empirista. Hoje em dia, o termo “análise” amiúde refere-se simplesmente a elucidação de conexões conceituais. A maior parte dos filósofos analíticos insiste, entretanto, na ideia de que, embora a análise possa não reduzir proposições, revela, ainda assim, a sua forma lógica e seu conteúdo. Defender tal ideia implica confrontar os argumentos de Wittgenstein contra o modelo do cálculo e contra a suposição de que aquilo que é dito em

¹⁸⁰ O Prof. Dr. Luiz Henrique Lopes dos Santos faz a apresentação da referida obra nesta publicação da Edusp.

uma ocasião específica é determinado unicamente pelas formas lógicas e pelos constituintes de sentenças-tipo.

De igual forma, é muito contundente a posição do mesmo Glock acerca da concepção do mundo fático contida no “primeiro Wittgenstein”:

O *Tractatus* assimilou incorretamente fatos a partes constituintes do mundo. O mundo é a totalidade das coisas, não dos fatos, embora uma descrição do mundo consista em enunciados factuais. Isso abala não somente o atomismo lógico, mas também qualquer teoria da VERDADE como correspondência, que, como a do *Tractatus*, trate fatos como itens do mundo aos quais nossas proposições correspondem (*op. cit.*, p. 162).

Vale evidenciar que há aporias e impasses de outras naturezas. Como ilustrado, em sua missão fulcral de focar a filosofia como mera atividade clarificadora da linguagem, Wittgenstein parece querer esvaziar o discurso linguístico epistemológico de qualquer espécie de conteúdo. Sob essa perspectiva, resta o questionamento: o que as ciências humanas, por exemplo, têm a dizer? Se as ciências naturais descrevem a realidade e nada acrescentam ao mundo, que papel teriam as ciências humanas? Ao pensar o texto tractatario mesclando lógica e idealismo kantiano e schopenhaueriano, Wittgenstein, provavelmente, esqueceu as mais variadas formas de vida e usos que a linguagem poderia assumir, fora de um ambiente exclusivamente descritivo.

Demais disso, aprofunda-se aqui essa questão, vindo à tona o próprio papel da filosofia. Retomando o pensamento de Luiz Henrique Lopes dos Santos, em Wittgenstein (1993, p. 81):

Como Kant na *Crítica da Razão Pura*, Wittgenstein trata a questão crítica da possibilidade da filosofia como um caso particular de uma questão mais geral: como são possíveis as proposições necessárias? Kant desautoriza as pretensões teóricas da metafísica em nome das condições que efetivamente tornam possível a existência de proposições ao mesmo tempo sintéticas e necessárias. A resposta do *Tractatus* é mais extremada: porque toda proposição com sentido é contingente, não pode haver proposições filosóficas.

Ainda sobre o idealismo de uma concepção de linguagem fincada nas bases da lógica, é oportuna a visão de Hottois (2008, p. 405):

Com efeito, seu ideal de uma linguagem lógica e analítica está muito afastado da prática linguística corrente. A linguagem ordinária de modo nenhum é exclusivamente descritiva, e se as palavras (nomes, adjetivos, verbos etc.) podem aplicar-se a objetos, não deixa de ser verdade que:

- cada termo não é a etiqueta de um objeto único, elementar e imutável;
- os termos têm importância e significação gerais (que expressam sua definição), que podem evoluir

(...)

A regra na linguagem é muito mais a *plurivocidade*: um objeto ou um fato podem ser designados ou descritos diversamente, e a um signo podem corresponder significações múltiplas.

Ad hunc modo, a análise das aporias, incongruências e contrassensos no *Tractatus* revela uma complexidade profunda e, por vezes, paradoxal na obra. Posto que Wittgenstein tenha procurado estabelecer uma teoria lógica do mundo que esclarecesse os limites do pensamento e da linguagem, ele inevitavelmente esbarra em problemas que desafiam suas próprias proposições. Essas tensões internas não diminuem a importância do *Tractatus*, mas sim enriquecem seu estudo, oferecendo um campo fértil para a reflexão filosófica contínua. Em última análise, a obra de Wittgenstein permanece um monumento à **busca incessante por clareza no pensamento e na expressão**, mesmo quando essa busca revela os limites intrínsecos da linguagem e da lógica.

5.3 Mudança de concepção dos limites da linguagem: rumo ao “segundo Wittgenstein” e influência exercida por sua crítica da linguagem

A experiência de ter sido professor de escola elementar por alguns anos, após o silêncio que se seguiu à publicação do *Tractatus*, parece ter exercido enorme influência sobre o momento seguinte da filosofia wittgensteiniana, a partir do qual se infere que não se deve procurar o significado de uma palavra, e sim o seu uso. Destarte, pode-se concluir que **o uso de uma palavra ou de uma expressão é seu significado. As palavras possuem funções diferentes nos jogos de linguagem**. Nesse cenário, a função do filósofo seria semelhante à de um terapeuta, ao tratar de uma questão como de uma doença, procurando solucionar problemas, segundo Reale; Antiseri (1991, v.6, p. 323), “desatando os intrincados nós linguísticos de nosso cérebro”.

Veementemente, pensamos que Wittgenstein termina por se desvencilhar definitivamente de intelecções mais ortodoxas e inflexíveis sobre as relações entre pensamento, linguagem e mundo **quando finalmente se vê liberto do idealismo**

transcendental kantiano, que é uma influência muito rígida do *Tractatus*, tanto em sua parte lógica (em menor grau) como em sua parte mística (com maior intensidade). Talvez essa seja uma das mais relevantes chaves para a compreensão da evolução e mudança de perspectiva do primeiro para o “segundo Wittgenstein”.

De igual forma, convém divisar, enfaticamente, que, **afastando-se da lógica propriamente dita e aproximando-se mais da filosofia analítica da linguagem em si**, o filósofo vienense também prepara terreno para a sua mudança de concepção quanto aos domínios da linguagem, *ultima ratio* para o entendimento do conceito de jogos de linguagem, no qual o significado das palavras é determinado pelo seu uso no contexto social e prático, algo totalmente distante da análise das sentenças de cunho declarativo e descritivo operada pelo *Tractatus*.

Insculpamos, outrossim, que **não possuímos um panorama estanque dos dois momentos da produção filosófica de Wittgenstein**. Tanto é que, em nosso julgamento, o “segundo Wittgenstein”, assim chamado quando se leva em consideração a fase última de seu pensamento, não necessariamente se dissocia, a nosso ver, do “primeiro Wittgenstein”, o do *Tractatus*, sendo, ambos, fundamentais para o desenvolvimento da filosofia analítica da linguagem, da filosofia da mente, da pragmática linguística, da filosofia da ciência e de vários outros campos do conhecimento no século passado. Em que pese a mudança radical da abordagem do fenômeno da linguagem de uma obra para a outra, **não vemos totalmente uma ruptura, mas até mesmo visões complementares, em certos sentidos e abordagens**.

Tanto isso é verdade que a caracterização de que a filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade de esclarecimento - e que os problemas filosóficos surgem, em grande parte, devido a uma incompreensão dos mecanismos de funcionamento da linguagem -, persiste nas *Investigações filosóficas*. Ademais, muito embora sejam “dois Wittgensteins”, cada qual influenciando vertentes filosóficas, em alguns casos, até bastante diferentes entre si, permanece o consenso de que **a linguagem é a essência de sua obra**.

Exemplo disso, cabe realçar, é o **entendimento de Peter Hacker sobre a influência de Wittgenstein no contexto da filosofia da mente**. Para o intérprete do pensador vienense, assim como tantos outros hermeneutas e exegetas, Wittgenstein afirmava que o papel precípua da filosofia seria dissolver confusões conceituais,

através do simples exame do uso das palavras, algo já bastante discutido e repisado neste nosso trabalho. No entanto, a clareza da visão de Hacker¹⁸¹ nos revela que o pensador vienense, ao longo de toda a sua obra, refletindo sobre a articulação da linguagem, **fez ruir séculos de reflexão sobre a natureza do “interno”, sobre nossa experiência subjetiva**, bem como sobre nosso conhecimento de nós mesmos e dos outros, **sobre concepções tradicionais do “externo”, do comportamento humano, da relação entre o interno e externo**, modificando concepções e entendimentos e clarificando as noções de mente, corpo e comportamento. Seu pensamento permitiu enormes avanços no campo da filosofia da mente, portanto, **rechaçando visões tradicionalistas e ultrapassadas como o dualismo mente-corpo.**

De suma importância é a **visão de Marques** (2005, p. 8), no sentido de não estabelecer uma dicotomia entre o “primeiro” e o “segundo Wittgenstein”:

Vários especialistas na filosofia wittgensteiniana consideram, entretanto, equivocada a atribuição a Wittgenstein de duas filosofias distintas. Alguns sustentam que as diferenças entre as concepções defendidas no primeiro e no segundo período são superficiais, havendo, na verdade, uma unidade profunda no pensamento de Wittgenstein que desautorizaria essa compartimentalização temporal estanque das suas reflexões. Já outros especialistas julgam ser empobrecedor tomar apenas o *Tractatus* e as *Investigações* como paradigmas da filosofia wittgensteiniana, ressaltando a originalidade, face às discussões presentes nesses dois textos, das ideias desenvolvidas por Wittgenstein no chamado período intermediário, que compreende a segunda metade da década de 20 e a primeira metade da década de 30. Em suma, enquanto alguns defendem a tese de que há, no fundo, apenas uma filosofia wittgensteiniana, outros afirmam haver pelo menos três conjuntos de concepções que merecem ser analisados e compreendidos de maneira mais ou menos autônoma, consistindo cada um deles em um sistema de pensamento dotado de identidade própria.

Por conseguinte, há que se avultar que é claro que o *Tractatus* se apoia na **construção teórica de que a estrutura da linguagem determina o entendimento da realidade**¹⁸², ao passo que, em sua produção filosófica posterior, Wittgenstein, de certa forma, repele essa convicção e examina um quadro no qual **é nossa realidade que fornece a nossa assimilação da linguagem.** À vista disso, no “segundo Wittgenstein”, não há uma estrutura uniforme para a linguagem, que possui formas variadas que exibem interconexões livres.

¹⁸¹ Cf. HACKER, 2000, p. 18-25 e p. 29-61.

¹⁸² Cf. WITTGENSTEIN, 1993, p. 229, § 5.6: “Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo”.

Quanto a essa mudança de perspectiva, na qual é o mundo que determina os limites da linguagem, **no terreno da lógica ilocucionária**, vê-se que ela determina as condições necessárias e suficientes que regem a realização de atos de discurso bem-sucedidos e satisfeitos, estabelecendo limites para o uso bem-sucedido da linguagem, seu correto desempenho e até mesmo as tentativas de realizar atos ilocucionários. Aqui, impõe-se revelar um **casamento entre semântica e pragmática linguísticas**, pois, ao estabelecer condições para a expressão de pensamentos conceituais realizáveis, a teoria do sucesso dessa lógica estabelece, então, limites ao pensamento. Restringe-se o que pode ser pensado com base no que é possível significar¹⁸³.

Por óbvio, há uma mudança brusca no próprio conceito de linguagem, quando se parte do *Tractatus* indo em direção às *Investigações*. Entretanto, **é a mesma consciência, o mesmo espírito que anima e atravessa tanto o primeiro como o “segundo Wittgenstein”**: o plano ideativo de que os problemas filosóficos, em sua grande parte, advêm de uma percepção incorreta, equivocada, da linguagem e de suas engrenagens, ou seja, da linguagem e de seu modo de funcionamento.

Também corrobora a nossa visão o entendimento de Moreno (2000, p. 83):

Quase todas as ideias novas de Wittgenstein, após o *Tractatus*, têm sua origem em questões ali já formuladas; e é por isso que, como recomenda o filósofo, no Prefácio das *Investigações*, os novos pensamentos só poderão ser compreendidos "por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo". É preciso observar que a questão aqui levantada não corresponde a um interesse apenas "escolar", mas diz respeito diretamente à própria postura filosófica de Wittgenstein. A filosofia, para ele, não é uma atividade criadora; ela não cria teses nem resolve contradições - ela deixa tudo como está.

(...)

A passagem de sua primeira concepção de linguagem à segunda corresponde, então, não a um processo de descoberta ou de criação de novas teses, nem de resolução de velhas contradições, mas sim a uma tentativa de *esclarecimento* das dificuldades conceituais deixadas pelo *Tractatus* cujo objetivo é dissolver completamente tais dificuldades.

Ainda, para **Marcondes** (2007, p. 272), Wittgenstein “influenciou decisivamente as duas principais vertentes da filosofia da linguagem contemporânea, a primeira, que poderíamos chamar de *semântica formal*, e a segunda, de *pragmática*, embora ele

¹⁸³ Cf. DE SOUSA MELO, 2018, p. 84.

próprio não tenha utilizado essa terminologia”. Tal afirmação, como já dito, contém uma apreciação fortemente baseada nos estudos de Erik Stenius.

Focalize-se que, à época da publicação do *Tractatus* e nos anos seguintes, principalmente no período entre guerras, Wittgenstein foi, nesse primeiro momento de sua filosofia, o principal pensador a influenciar a vertente de pesquisas lógicas a ser levada a cabo pelo célebre **Círculo de Viena** – *Wiener Kreis* (Carnap, Schlick, Neurath, Weismann, Kraft, Kaufmann, entre outros) -, cujos membros chegaram a lhe atribuir, inclusive, a paternidade da escola filosófica denominada de “positivismo lógico” ou “neopositivismo” - duramente criticada, décadas depois, por alguns filósofos da ciência, tais como Karl Popper¹⁸⁴, Thomas Kuhn e Willard van Orman Quine. O programa do positivismo lógico e seus princípios estavam repletos de conceitos e visões wittgensteinianas, como a ideia de que as proposições matemáticas são tautologias. Muitas das teses fundamentais do *Wiener Kreis* foram desenvolvidas a partir da interpretação empirista que seus membros fizeram do *Tractatus*. O *princípio da verificabilidade* talvez seja sua mais célebre tese.

Outro nome de primeira linha influenciado pelo livro foi o matemático e lógico tcheco **Kurt Gödel**, membro eventual do Círculo de Viena, que deu uma contribuição ímpar ao estudo da matemática, em 1931, com o seu “teorema da incompletude”, cujo corolário é que, em qualquer sistema que contenha aritmética, há afirmações verdadeiras que não podem ser provadas dentro do sistema. Nesse diapasão, a coerência não é compatível com a completude, visto que tais sistemas, quando coerentes, são incompletos. Esse paradoxo mostrou, de igual modo, que algumas verdades matemáticas não seriam passíveis de prova por princípio e que a lógica não poderia abarcá-las inteiramente da maneira almejada por Frege e, por tabela, por Russell, obrigando este último a mudar suas concepções posteriormente.

Anos depois da publicação do *Tractatus*, o próprio Wittgenstein, insatisfeito com os debates do Círculo de Viena e com sua primeira obra, voltando a Cambridge e retomando seu trabalho filosófico, elaborou, com um intenso esforço cognitivo, sua nova perspectiva filosófica, que vai das *Observações filosóficas* (1929-1930) –

¹⁸⁴ Na visão de uma proeminente comentadora do *Tractatus*, G.E.M. Anscombe, que também fora aluna de Wittgenstein em Cambridge, Karl Popper definitivamente não compreendia o real sentido da obra, bem como de suas implicações mais básicas e de suas proposições elementares. É isso que se depreende após a leitura do capítulo primeiro (p. 25-40) do livro da referida filósofa **An introduction to Wittgenstein's *Tractatus***.

passando pela *Gramática filosófica* (1932-1934), o *Livro Azul* e o *Livro Marrom* (1933-1935), *Observações sobre os fundamentos da matemática* (1937-1944) e *Da Certeza* (1950-1951) – às ***Investigações filosóficas*** (Parte I, 1945; Parte II, 1948-1949). Nesse processo de redefinição de sua visão sobre a linguagem e a própria filosofia, é perceptível que o pensador vienense se afastou do ideário filosófico do *Tractatus*, abraçado pelo Círculo de Viena, observando-se, também, sua abertura para percepções mais liberais e menos ortodoxas.

Eis por que Wittgenstein, em sua primeira fase, que inspirara um movimento tão proeminente à época como o Círculo de Viena – que interpretou o *Tractatus* como se fosse a bíblia do neopositivismo -, foi o mesmo filósofo que, em um segundo momento de sua produção intelectual, “enterrou” tal movimento filosófico, ao modificar vários entendimentos contidos em sua obra inicial, concomitantemente ao trabalho, por exemplo, do já citado Gödel e de Russell - este já em outro momento de sua filosofia -, os quais fizeram ruir algumas abstrações contidas no pensamento de Frege e, por conseguinte, no texto tractatário e nas teorizações do neopositivismo.

Voltando, contudo, ao *Tractatus*, improrrogável, outrossim, é assinalar que **os neopositivistas rejeitaram a parte mística da obra**¹⁸⁵ aceitando apenas o seu lado antimetafísico, ao retomarem a teoria da tautologicidade das assertivas lógicas, ao interpretarem as proposições atômicas contidas no texto do livro como protocolos das ciências empíricas e ao assumirem a ideia de que a filosofia, levando-se em conta uma concepção ockhamiana, é uma mera atividade clarificadora da linguagem científica, não sendo, dessa forma, uma doutrina. Wittgenstein, como os neopositivistas, pretendia compreender o funcionamento da linguagem da ciência, mas não parou por aí: ao contrário desses, que foram, de certa forma, seus seguidores, ele se preocupava sobremaneira com aquilo que a ciência não podia dizer, tanto que, em sua afamada § 6.52, vaticina: “Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido respostas, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados”¹⁸⁶. Dessa maneira, a ciência cala-se sobre tudo o que é mais importante para o gênero humano: a ética e a religião, ou seja, o inefável, o místico, o plano metafísico.

¹⁸⁵ Conforme entendimento de Cabrera (2003, p. 68): “Constitui uma característica da interpretação neopositivista daquela obra considerar que as ideias de Wittgenstein a respeito dos limites estavam carregadas de idiosincrasias pessoais, que não deviam afetar as teses genuinamente teóricas do livro.

¹⁸⁶ WITTGENSTEIN, 1993, p. 261.

Vale repertoriar que **as críticas filosóficas do *Tractatus* e das *Investigações filosóficas* reverberam até nossos dias**, inclusive através de pensadores como Gilbert Ryle, John Langshaw Austin, Peter Strawson, John Searle e Daniel Vanderveken, com o **desenvolvimento da filosofia da linguagem natural, da teoria dos atos de discurso e *pari passu* da lógica ilocucionária, ou seja, da teoria lógica dos atos ilocucionários**; além dos chamados **grandes protagonistas da filosofia teórica norte-americana contemporânea**¹⁸⁷ - como Willard van Orman Quine, Richard Rorty, Hilary Putnam, William Bartley e Adolf Grünbaum (a maioria deles profundamente influenciada, em seu método e no uso da linguagem, mais pelo “segundo Wittgenstein” do que pelo “primeiro Wittgenstein”).

Com efeito, são perceptíveis, quando se analisam as principais teses de alguns pensadores contemporâneos, os “ecos wittgensteinianos”. Isso é patente em Quine, com sua teoria comportamental do significado, seu holismo metodológico e sua epistemologia naturalizada; em Rorty, com seu neopragmatismo; em Putnam, com a substituição do “realismo metafísico” pelo seu “realismo interno”; em Bartley, com seu racionalismo crítico; e, por fim, em Grünbaum, com sua crítica ao pensamento de Popper, Habermas, Ricoeur e à psicanálise. **A força assistemática, não fundacional do pensamento de Wittgenstein é avassaladora sobre esses pensadores.** Entenda-se por filosofia fundacional aquela que crê que pode “oferecer teorias eternas para solução de problemas perenes”, na feliz acepção de Richard Rorty.

Nesse sentido, Wittgenstein, na esteira de Schopenhauer e Kierkegaard, é um rebelde, um contestador, de caráter reativo, que busca o que não pode ser explicado e pode ser apenas descrito, que **afronta a tradição**, baseada na certeza de que o homem é capaz de conhecer as essências, de forma sistemática, construtiva, argumentativa. Nesse contexto, portanto, à sombra do idealismo transcendental kantiano e de seu criticismo epistemológico, quanto à possibilidade de se atingir a essência do mundo e das coisas, Wittgenstein prefere o silêncio.

É de se notar que Wittgenstein, ao abordar o universo da linguagem, em sua primeira investida, agarra-se fortemente à lógica e à epistemologia, a julgamentos idealistas e formais, ao passo que, em seu segundo momento, mormente com suas

¹⁸⁷ Utilizamos, aqui, com uma pequena modificação, a acepção de Giovanni Reale e Dario Antiseri, em sua **Coleção História da Filosofia**, v. 7, para os citados pensadores contemporâneos, que achamos mais pertinente classificar como norte-americanos, por seguirem uma tradição filosófica dessa região do planeta, em vez de classifica-los como “americanos”, termo muito genérico e impreciso.

Investigações filosóficas, abraça outras áreas de abordagens, traçando novos caminhos. Nessa conjunção, surge um Wittgenstein mais fenomenológico, hermenêutico, pragmático, antropológico, cultural, ou seja, menos ortodoxo e liberto das “amarras” da lógica.

À vista de toda a explanação aqui encetada, fechando este capítulo, grifemos que o filósofo vienense abandona o discernimento de que haveria uma essência a ser revelada acerca da linguagem e do mundo, ou seja, de que haveria uma forma de proposição adequada à descrição da realidade, uma espécie de simbolismo artificial que definiria o mundo e a linguagem, à luz dos mecanismos do *método lógico*. Desse modo, nas *Investigações*, a linguagem é muito mais fluida, flexível, multiforme. Devido a essas sutilezas de complexidade, **torna-se impossível definir com rigor o que pode ser dito e o que não pode.**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anotemos que o *Tractatus Logico-Philosophicus* é uma **obra multifacetada** que tenta combinar um rigor lógico com uma sensibilidade profunda ao místico e ao ético. Wittgenstein nos desafia a reconhecer os limites da linguagem e, ao fazê-lo, nos convida a contemplar o que está além desses limites.

Na jornada investigativa desta dissertação, exploramos o intrincado tecido do pensamento wittgensteiniano, mergulhando nas profundezas do *Tractatus*. Ao trilhar o **fio da navalha conceitual** proposto por ele, desvelamos as sutis nuances que permeiam a relação entre linguagem e realidade. O percurso nos conduziu por caminhos tortuosos e reveladores, onde cada proposição se ergue como um monumento à complexidade do mundo e das palavras que o descrevem. **Ao nos confrontarmos com os limites da linguagem, vislumbramos o desafio intransponível de expressar o inexprimível.**

No entanto, mesmo diante da aparência assustadora do intangível, encontramos na obra de Wittgenstein uma bússola que nos orienta nesse labirinto epistemológico. Seja por conta da miríade de significados contidos no silêncio das suas entrelinhas, seja pela precisão muitas vezes cirúrgica das suas proposições fundamentais, o *Tractatus* nos convida a contemplar o abismo entre o dizível e o mostrável. Ao tentarmos trilhar os contornos do mundo através da linguagem, somos confrontados com a infinitude de sentidos que escapam à nossa apreensão. Cada palavra, cada símbolo, cada enunciado se erige como um ponto de interseção entre o palpável e o efêmero, entre o que é dito e o que é deixado indizível.

Como mencionado, fundamentalmente **Schopenhauer** exerceu uma influência significativa sobre Wittgenstein, especialmente através da sua noção de que o mundo é dividido entre **representação** e **vontade**. À vista disso, o caráter transcendental da ética em Wittgenstein pode ser rastreado até a ética de Schopenhauer. De igual forma, a **distinção kantiana** entre o **fenômeno** (o que pode ser conhecido) e o **númeno** (o que está além do conhecimento) também ressoa no *Tractatus*. A ideia de que há limites para o que pode ser dito é um **eco da filosofia crítica de Kant**.

Além das influências filosóficas, experiências pessoais de Wittgenstein também moldaram a concepção de seu livro. Sua formação em engenharia e o contato com as obras de **Bertrand Russell** e **Gottlob Frege** foram cruciais para o desenvolvimento de sua filosofia lógica. Outrossim, sua **profunda espiritualidade** e interesse por

Tolstói, especialmente no que tange ao lado evangelista da prosa do escritor russo, influenciaram sua visão ética e mística, também marcada por outras tendências literárias e filosóficas.

Nessa conjunção, **o aspecto ético do *Tractatus* está profundamente interligado com o seu misticismo**. Wittgenstein sugere que a ética, assim como o místico, está além da linguagem. No aforismo 6.421¹⁸⁸, ele afirma: "É claro que a ética não pode ser expressa. A ética é transcendental." Para Wittgenstein, os valores éticos e a significância da vida não podem ser articulados em proposições que descrevam o mundo. Eles pertencem a um domínio diferente, que é essencialmente transcendental. O *Tractatus*, assim sendo, apresenta a ideia de que as proposições significativas são aquelas que descrevem fatos do mundo. Questões de valor, moralidade e o sentido da vida, contudo, transcendem essa descrição e residem no que Wittgenstein chama de "o místico". A vida ética, para Wittgenstein, é uma vida vivida com uma compreensão tácita desses limites.

Portanto, embora o *Tractatus* seja, em essência, uma obra de filosofia analítica da linguagem, Wittgenstein não esconde a presença de elementos místicos. A noção de que certas coisas não podem ser ditas, mas apenas mostradas, é central para entender essa faceta. No aforismo 6.522¹⁸⁹, Wittgenstein declara: "Há, com efeito, o indizível. Ele mostra-se, é o místico." Esse misticismo não se refere a uma experiência esotérica ou sobrenatural, mas àquilo que está além do domínio da linguagem. O que é místico, para Wittgenstein, são os limites da linguagem que circunscrevem o sentido e a significação. O misticismo wittgensteiniano está intimamente ligado à sua concepção de silêncio. Na famosa sétima e última tese tractariana, Wittgenstein conclui: "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar." Esse silêncio não é uma ausência de significado, mas uma indicação dos limites da expressão linguística e, portanto, uma manifestação do místico.

Convém assinalar que **o *Tractatus* é uma obra de uma mente jovem, culturalmente ligada ao século XIX, mas que pensa, de inopino, utilizando a armação lógico-matemática do século XX**. Como habilmente vaticina Pinto (1998, p. 360), ao arrepio de alguns intérpretes do "primeiro Wittgenstein":

¹⁸⁸ WITTGENSTEIN, 1993, p. 257.

¹⁸⁹ *Ibid.*, 1993, p. 261.

Trata-se, fundamentalmente, de um romântico, que coloca a intuição acima do discurso, a arte e a filosofia acima da ciência. Possuindo, porém, os mesmos dotes intelectuais de um Pascal, Wittgenstein revela-se capaz de combinar o *esprit de géometrie* com o *esprit de finesse*¹⁹⁰ (*sic*). Isso lhe permite fazer lógica de maneira romântica, levando-a às fronteiras da ética. O recurso ao estilo aforístico é a melhor expressão desse feito.

Ato contínuo, o mesmo autor trata acertadamente dos limites da linguagem, explicando que:

por mais que se procure a expressão correta para dizer em que consistem dos limites da linguagem, tal expressão jamais será encontrada, em virtude da essencial limitação da linguagem. Essa constatação é a clarificação última, que envolve uma renúncia total ao dizer metafísico (*op. cit.*, p. 360).

Há que se reforçar que a leitura e a interpretação da obra tractatariana são de caráter difícil, principalmente se o livro for examinado sob uma perspectiva unilateral. O estilo da escrita de Wittgenstein é original, indubitavelmente denso. Sua dicção é atraente e subversiva. Por vezes dá a impressão de ser esotérica. Outras vezes surpreende por sua simplicidade. É obra, outrossim, de um lógico e, a um só tempo, um místico. Ou melhor, na parte derradeira do *Tractatus*, sai de cena o campo lógico, ortodoxo, descritivo, e entra em cena a atmosfera inefável, enigmática, oracular, antes do arremate final do texto. **É uma obra de apreensão controversa e inconcludente, dando margem a várias linhas de interpretação.**

Demais disso, inobstante tal matiz problemática, é digno de nota o acertado **poder de síntese** operado por seu autor: tanto na parte lógica do livro, que aborda e supera conceitos de Frege e Russell, quanto na parte textual que trata do inefável, que alinha e condensa concepções extremamente complexas oriundas principalmente do pensamento de Kant e Schopenhauer, o que atesta que o jovem Wittgenstein era um acurado leitor, intérprete e escritor.

A nosso ver, o *Tractatus* vem à tona para resolver impasses de ordem existencial de seu autor. Wittgenstein não abordou o fenômeno da linguagem utilizando apenas o arsenal lógico de que estava munido. Ele também tinha graves questionamentos éticos e morais que precisavam ser resolvidos. Nesse cenário, ele se afasta de todos e procura a solidão, talvez a mais terrível solidão que possa existir: a do campo de batalha. Alistando-se como voluntário na Primeira Guerra Mundial, o

¹⁹⁰ Essa construção lexical, mesclando português e francês, ficou um tanto problemática e truncada no trecho da obra citada. Melhor seria: "*l'esprit de la géometrie avec l'esprit de la finesse*".

jovem filósofo parecia não querer apenas testar os limites da linguagem e do mundo, mas sim os seus próprios limites.

Inscrevamos que foi dessa experiência visceral que nasceu, portanto, uma das obras filosóficas de maior impacto no século passado. Com sua mescla articulada de questões lógicas e éticas, o *Tractatus prima facie* provou um livro de extrema relevância para a **filosofia analítica da linguagem**; um pouco mais adiante, de igual forma, importante para a **filosofia da mente**, com sua dinâmica relação entre pensamento, linguagem e realidade; bem como, por fim, para a **filosofia da ciência** e para a **epistemologia**, na medida em que, ao influenciar os neopositivistas do Círculo de Viena, também provocou debates sobre o significado e os limites da ciência, sobre o papel das ciências naturais, os quais envolveram, posteriormente, discussões sobre o “princípio de verificação”, sobre o “critério de falsificabilidade” etc.

Observe-se, de modo consentâneo, que uma certa característica antimetafísica da própria linguagem, desenvolvida no texto *tractatiano* – que não toca o sentido da vida e das coisas – torna o leitor da obra mais observador, no que tange ao real encargo da linguagem em si. Isso é reforçado pelo **papel desempenhado pela filosofia**, também proposto no *Tractatus*, como **atividade clarificadora das proposições**, de crítica da linguagem em si, desmistificando sua imagem clássica de fonte de um conhecimento quase intocável, acima dos outros. Portanto, é salutar a contribuição dada por Wittgenstein no sentido de que, após uma leitura meticulosa de seu texto - obra de postura rigorosa baseada no olhar da lógica sobre a ontologia -, é bem provável que surja, no intelecto de seu leitor, um **antídoto contra toda e qualquer forma de charlatanismo filosófico**, de sofisma barato ou de mera ilusão fabricada por mentes oportunistas.

Ironicamente, convém salientar que, com a falsa e pueril conclusão de que resolvera todos os problemas da filosofia, ao buscar determinar os limites da linguagem de forma definitiva e absoluta, Wittgenstein, na verdade, **abriu caminho para novas vertentes na própria filosofia, incluindo o “segundo Wittgenstein”**. Sua influência sobre os caminhos da filosofia contemporânea atestavam um esmerado poder crítico – até mesmo sobre o que ele mesmo escrevera – e um espírito inquieto.

Em suma, o “primeiro Wittgenstein” criou um sistema altamente formal e estático, baseado na ideia de um *isomorfismo* entre pensamento, linguagem e mundo,

marcado por uma estrutura lógica, moderna e simbólica, simplificando e compactando o atomismo lógico e o pensamento de Frege e Russell. **Já o “segundo Wittgenstein”** não seguia nenhum tipo de formalismo ou idealismo, não empregava lógica simbólica e enunciados exclusivamente do tipo declarativo, isto é, em vez de uma imagem descritiva da realidade ou de um fato, o significado de uma sentença ou proposição era seu uso na vida prática. Surgia, então, um painel pragmático da realidade, construído sobre os múltiplos signos da linguagem, com um olhar fluído e multifacetado.

Há que se reconhecer que são muitos os defensores e os detratores do *Tractatus*. Indubitavelmente, é uma obra que causa bastante inquietação em seus leitores. Para muitos comentadores, ainda, o livro, conquanto original e perturbador, não passa de uma extensão, de forma simplificada, da obra de Frege e Russell. Entretanto, o espírito catalizador e condensador de abstrações de Wittgenstein, em consonância com seu horizonte lógico aplicado aos problemas da filosofia analítica da linguagem e aos fundamentos da matemática, fazem do livro um *tour de force* da filosofia contemporânea¹⁹¹.

Nas elucubrações filosóficas de Wittgenstein, **fervilhavam e se misturavam convicções e representações do século que passara, o XIX, ao qual ele se ligava espiritualmente, e do século no qual ele estava inserido no âmbito erudito, o XX.** Em sua mente, habitavam as lembranças da Viena de sua infância e começo de sua juventude misturadas à atmosfera acadêmica da Cambridge do início de sua vida propriamente intelectual, na transição entre sua juventude e sua vida adulta. No âmago existencial do autor do *Tractatus*, muitas lutas eram travadas. **Dois universos aparentemente opostos se digladiavam:** de um lado, a reflexão lógica, o sentimento empírico, positivista e antimetafísico, o mundo pragmático, da ação, dos fundamentos concretos da linguagem; do outro, a face ética, estética, religiosa e existencial de seu pensamento.

Possivelmente Wittgenstein tenha tentado, de maneira parcialmente exitosa, conciliar, no *Tractatus*, o **idealismo transcendental kantiano e schopenhaueriano, típico da cultura germânica,** com as **engrenagens lógicas da filosofia analítica da**

¹⁹¹ Nesse sentido, sobre o *Tractatus*, Schwartz (2017, p. 51) argumenta: “Wittgenstein, no entanto, não se entrega a longas derivações; não há axiomas, nem provas e quase nenhuma lógica simbólica, embora suas ideias forneçam os fundamentos da forma como a lógica simbólica é ensinada nas universidades de hoje.”

linguagem, um saber tradicionalmente britânico, em que pese ter sido iniciado por um alemão (Frege). É bem provável que seu espírito tenha sido atormentado, por muito tempo, por um dueto indefectível de verbos: o *dizer (sagen)* e o *mostrar (zeigen)*.

Dentro dos anseios desse hermetismo filosófico, destaquemos, à guisa de melhor explanação, a visão de Glock (1998, p. 27-28) sobre a obra:

O *Tractatus logico-philosophicus* é um importante marco na filosofia, desfigurado por uma boa dose de mistificação. Suas críticas a Russell e Frege são contundentes e amiúde definitivas. Sua abordagem alternativa da verdade lógica constitui um avanço definitivo, ainda que obscurecido por sua ligação com uma metafísica inefável do simbolismo. Tal metafísica é o clímax de uma tradição de análise atomista e fundacionalista que hesita entre o racionalismo, o empirismo e o kantismo: os constituintes últimos da linguagem e sua estrutura lógica devem refletir a estrutura metafísica do mundo. Por sua concepção não platônica e não mentalista do pensamento e da representação, pelo fato de que explica a lógica com base em regras para a combinação de signos e por sua concepção de filosofia como análise crítica da linguagem, Wittgenstein deu início à "virada linguística" da filosofia analítica do século XX, e também à busca contemporânea de uma teoria do significado para as línguas naturais.

Sobreleve-se que a exegese filosófica do “primeiro Wittgenstein” **rechaçava a ilusão de que as chamadas leis naturais fossem as explicações dos fenômenos naturais, isto é, não nutria uma crença cega na ciência**, ou na ideia de que absolutamente tudo tinha uma explicação, típica do mundo pós-moderno e contemporâneo. Eis um motivo pelo qual o esoterismo wittgensteiniano goza, hodiernamente, de alta reputação. Essa filosofia mística, somente para os “iniciados”, é uma das partes do *Tractatus* que, apesar de contestada por alguns intérpretes e mais uns outros detratores da obra, ainda é um ponto alto de reflexão para muitos de seus leitores.

Sob outro ângulo de análise, ao tentar decifrar o mundo através da linguagem, expressão do pensamento sobre a realidade, Wittgenstein utiliza a **abalizada técnica argumentativa que evoca a metáfora da escada**. Naquele momento de sua filosofia, ele pensara ter resolvido todos os problemas da filosofia, destroçando todo o campo minado da lógica e do que não podia ser dito, mas apenas mostrado, a partir da imagem da subida da escada. Chegando ao topo, o estudioso de seu pensamento seria obrigado a jogar fora a tal escada.

Ocorre que, para uma compreensão mais precisa da realidade contemporânea, insana e caótica, uma escada apenas não seria suficiente. E eis que Wittgenstein

irrompe o **segundo instante de seu pensamento**, talvez mais rico e aberto a inúmeras possibilidades não abarcadas pelo primeiro momento, mais fixo, estático ou imutável¹⁹². Surge, nessa conjuntura, um emaranhado de óticas que criarão asas por si mesmas e encontrarão eco em diversos pensadores, de diversas e até então inimagináveis conexões entre si, como a filosofia analítica da linguagem, a filosofia da linguagem natural, a filosofia da mente, a filosofia da ciência, a pragmática, a fenomenologia, a hermenêutica, o existencialismo, os campos da ética, da estética, da metafísica, da ontologia, da metacrítica, da crítica ao freudismo, ao marxismo, bem como outras formas de pensar e enxergar a realidade.

Desse modo, é digno de registro que não existe uma linguagem privilegiada a partir da qual possamos julgar as capacidades de todas as outras linguagens, ou seja, há, obviamente, limites, mas estes são relativos ao poder de expressão de cada linguagem. Nesse sentido, anote-se que é importante colocar uma posição sustentada por **Alfred Jules Ayer**, importante lógico e filósofo da linguagem que foi aluno de Gilbert Ryle. Em sua primeira obra, *Linguagem, verdade e lógica* (1936), ele expõe a versão inglesa clássica do positivismo lógico, haja vista ter participado de reuniões, na década de 1930, do Círculo de Viena. No referido livro, ele esclarece categoricamente, utilizando o conceito de “verificabilidade”, que **só existem dois tipos de conhecimento**: o que pode ser empiricamente comprovado, isto é, testado pela observação, e o analítico, ou seja, que é verdadeiro por definição, de acordo com as regras linguísticas. Assim, afirmações científicas e afirmações sobre fatos do cotidiano são exemplos do primeiro tipo, ao passo que afirmações matemáticas e de lógica exemplificam o segundo. Avançando em suas inferências, Ayer argumenta que, se uma proposição não se encaixa em nenhum dos dois campos, deve-se ao fato de ser **destituída de significado**, resumindo-se a **mera expressão de opinião pessoal, conhecimento vulgar ou até mesmo uma possível reverberação do senso comum**.

¹⁹² Nesse sentido, conforme Schmitz (2004, p. 51) aponta: “De um lado, em geral, está aí envolvida a ideia de que o léxico e a gramática de nossas linguagens não são, por assim dizer, ‘inocentes’. Esse tema está presente ao longo de todo o século XIX, particularmente na Alemanha. Ele provém da ideia, que se encontra esboçada no século XVIII em Herder, de que a linguagem não é uma ferramenta neutra a serviço do pensamento ou do espírito, mas aquilo em que e por meio de que o pensamento se constitui e se exerce. A linguagem molda o pensamento e o determina, portanto, do ponto de vista cultural e histórico; não há *um* pensamento, sempre o mesmo e independente de qualquer linguagem, preexistente às linguagens que os homens falam. Ao contrário: o pensamento só existe encarnado nas linguagens que são essencialmente realidades históricas, mutáveis no tempo e no espaço.”

O “primeiro Wittgenstein” já parecia seguir esse norte epistemológico, no que tange ao alcance da linguagem. Seu discurso intentava querer tocar uma realidade fixa e imutável: o mundo seria composto de fatos atômicos distintos, a partir dos quais poderiam ser construídos fatos em proporções maiores. De igual maneira, a linguagem, cujo objetivo é afirmar os fatos, ou seja, descrever a realidade, também seria constituída de proposições atômicas, a partir das quais seriam formadas proposições maiores.

Em suma: juntos, linguagem e pensamento criariam uma imagem do estado de coisas a que se referiam. A fim de ter significado, a linguagem deveria sempre remeter ao real, isto é, deveria abranger proposições que fossem imagens dos fatos que compusessem o mundo, o que literalmente tornaria sem sentido boa parte ou a totalidade da filosofia especulativa, de juízos de valor, de opiniões pessoais etc. Portanto, se os limites da linguagem também significavam os limites do pensamento, poder-se-ia inferir que, sobre o que não se podia falar, dever-se-ia calar. **O “segundo Wittgenstein” mudou toda essa perspectiva conceitual, categorial e metodológica envolvendo a linguagem,** que se torna mais palpável, passando a ser um meio de comunicação e de promoção das funções sociais no mundo real – e variando de acordo com o contexto no qual ela está inserida. Esse é o sentido vital que expõe Marcondes (2017, p. 46):

É também o que diz Wittgenstein em *Investigações filosóficas*: “Não queremos aprender nada de novo, mas apenas ver de uma nova maneira aquilo que sempre esteve diante de nós e por isso mesmo parece ser o mais difícil de compreendermos.” (§ 89). Essa é a tarefa da filosofia.

Para o jovem Wittgenstein, pelo exposto, era possível determinar os limites entre linguagem e mundo (realidade), ao passo que o Wittgenstein tardio provou que isso não era possível. Todas as aporias, impasses, incongruências e contradições do *Tractatus* analisadas pela perspectiva desta pesquisa investigativa corroboram nossa tese. Ao tentar identificar o mundo como um quadro fixo a ser pintado pela linguagem, que também não deixa de ser uma simplificação conceitual e metodológica ockhamniana, o “primeiro Wittgenstein” não utiliza satisfatoriamente a sua navalha, inadvertidamente não observando que os jogos de linguagem são indefinidamente variados e que o significado de um termo também é o seu uso na língua. A pragmática linguística venceria a semântica formal.

O mundo não era apenas preto e branco. Era mais complexo e plurissignificativo que o mundo tractatario, com idas e vindas, encontros e desencontros, encantos e desilusões. Muitas eram as escadas, que por vezes não se intercomunicavam, que outras vezes construíam um enorme caminho de junção umas com as outras rumo ao topo do conhecimento. Poder-se-ia dizer que um gênio produzira uma obra ímpar. Porém, seu intelecto carecia de amadurecimento, de um segundo desabrochar. Decerto a escada não devesse ser jogada fora. Porventura ela pudesse conduzir a outras investigações... A aventura do ainda jovem Wittgenstein no campo do conhecimento humano tinha sido espantosa, mas uma única escada não fora suficiente: **eis o fio da navalha sobre o qual ele transitou, ao tentar aferir, de forma inexorável, categórica, um limite entre a linguagem e o mundo - a nosso ver, nebuloso, intangível.** O “segundo Wittgenstein” talvez melhor entenderia que não se pode limitar, ou mensurar, com precisão, o alcance da linguagem, um dos mais poderosos instrumentos da humanidade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBE, G.E.M. **An introduction to Wittgenstein's Tractatus**: themes in the philosophy of Wittgenstein. Londres: Hutchinson, 1971 [Wittgenstein Studies].
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.
- CABRERA, Julio. **Margens das filosofias da linguagem**: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**: do utilitarismo a Sartre. Campinas: Vide Editorial, 2023, volume 4 [Trad. de Fabio Florence e Ricardo Harada].
- DE SOUSA MELO, Candida Jaci. **De la nature et des limites des pensées conceptuelles**. Action, Rationalité & Décision, Québec, p. 75-95, 2018.
- DURANTE, Daniel. **Logic is metaphysics**. Pincipia, Florianópolis, p. 31-42, 2011.
- FAUSTINO, Sílvia. **A experiência indizível**: uma introdução ao *Tractatus* de Wittgenstein. São Paulo: Unesp, 2006.
- FREGE, Gottlob. **Conceitografia**: uma linguagem formular do pensamento puro decalcada sobre a da aritmética. Rio de Janeiro: Nau, Edur, 2019 [Trad. de Paulo Alcoforado et alii].
- FREGE, Gottlob. **Sobre o sentido e a referência**. Revista Fundamento – Rev. de Pesquisa em Filosofia, v. 1, n. 3, p. 21-44, maio – ago. 2011 [Trad. de Sérgio R. N. Miranda].
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 [Trad. de Helena Martins. Rev. técnica de Luiz Carlos Pereira].
- GLOCK, Hans-Johann. **O que é filosofia analítica?** Porto Alegre: Penso, 2011 [Trad. de Roberto Hofmeister Pich].
- HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- HACKER, Peter Michael Stephan. **Wittgenstein**: sobre a natureza humana. São Paulo: Unesp, 2000 [Coleção Grandes Filósofos] [Trad. de João Vergílio Gallenari Cuter].
- HADOT, Pierre. **Wittgenstein e os limites da linguagem**. São Paulo: É Realizações, 2014 [Coleção Filosofia Atual] [Trad. de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira].

- HOTTOIS, Gilbert. **Do renascimento à pós-modernidade**: uma história da filosofia moderna e contemporânea. Aparecida: Ideias & Letras, 2008 [Trad. de Ivo Storniolo].
- JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. **10 lições sobre Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Edições 70, 1986 [Trad. de Artur Mourão].
- LEITE, Flamarion Tavares. **10 lições sobre Kant**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MALCOLM, Norman. **Ludwig Wittgenstein**: a memoir. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MARCONDES, Danilo. **As armadilhas da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- MARQUES, EDGAR. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. [Coleção filosofia passo-a-passo, 60].
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein**: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2000 [Coleção Logos].
- MORTARI, Cezar A., **Introdução à lógica**. São Paulo; Editora Unesp, 2016.
- MAUTHNER, Fritz. **Contribuciones a uma crítica del lenguaje**. Barcelona: Herder, 2001 [Trad. de José Moreno Villa].
- PERLOFF, Marjorie. **A escada de Wittgenstein**: a linguagem poética e o estranhamento do cotidiano. São Paulo: Edusp, 2008 [Trad. de Elisabeth Rocha Leite e Aurora Fornoni Bernardini].
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: análise do *Tractatus* de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998 [Coleção Filosofia].
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Coleção História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, sete volumes [Trad. de Ivo Storniolo].
- RUSSELL, Bertrand; WHITEHEAD, Alfred North. **Principia Mathematica**. Cambridge: Cambridge University Press, 1927, vol. 1.
- SANTOS, Ricardo. **Lógica**. In: GALVÃO, Pedro (org.). *Filosofia: uma introdução por disciplinas*. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 7-43.

- SEARLE, John R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [Trad. de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia].
- SEARLE, John R.; VANDERVEKEN, Daniel. **Foundations of Illocutionary Logic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SCHMITZ, François. **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004 [Figuras do Saber; 9] [Trad. de José Oscar de Almeida Marques].
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo: Nova Cultural, 1991 [Coleção Os Pensadores] [Trad. de Wolfgang Leo Maar et alia].
- SCHWARTZ, Stephen P. **Uma breve história da filosofia analítica**: de Russell a Rawls. São Paulo: Loyola, 2017 [Trad. de Milton C. Mota].
- STENIUS, Erik. **Wittgenstein's Tractatus**: a critical exposition of its main lines of thought. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [Coleção Os Pensadores] [Trad. de José Carlos Bruni].
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993 [Trad., apres. e ensaio introd. de Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introd. de Bertrand Russell].
- ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994 [Coleção Filosofia, 11].